Ano XVIII / N.º 731 14 de Outubro de 1998 320\$00 (IVA incluído) Ouinzenário

Director José Carlos de Vasconcelos

JORNAL TOO DE LETRAL ARTES EIDEIAS



JOSÉ SARAMAGO NOBEL, EM PORTUGUÊS



José Saramago, Prémio Nobel



nfim, fez-se Justiça! Fez-se justiça com o Prémio Nobel da Literatura atribuído a José Saramago. Fez-se justiça à língua portuguesa, a Portugal e ao próprio escritor: a ordem dos factores não é arbitrária, embora admita que haja muito boa gente a considerar mais adequada outra ordenação ou hierarquização. E não há nenhuma contradição ou incompatibilidade

entre valorizar o que significa o prémio ser atribuído pela primeira vez a um escritor do nosso idioma, assim pondo termo a um verdadeiro escândalo — aliás o próprio Saramago o tem acentuado —, e sublinhar o carácter estrita e necessariamente pessoalíssimo, *intransmissi*vel, da sua atribuição ao autor de *Todos os Nomes*. Ao invés: fazê-lo, só valoriza o escritor e a sua obra notável, construída, no essencial, nos últimos 20 anos, a partir de uma idade em que as mais das vezes os autores estão na fase descendente da sua criatividade e não na ascendente, como é o caso.

Da mesma forma, também não há nenhuma contradição ou incompatibilidade, pelo contrário, entre valorizar o aspecto bem português de muito do melhor da obra de Saramago e a dimensão universal que ela progressivamente foi ganhando. Foi esse carácter bem português que lhe lhe permitiu impôr-se cada vez mais em múltiplas latitudes, onde hoje é uma referência. De tal modo que, como acentua na sua crónica de Estocolmo o nosso colaborador Alexandre Pastor, raras vezes a atribuição do Nobel da Literatura obteve apoio tão unânime.

or outro lado, e na mesma linha, o facto de Saramago ser hoje, de longe, o nosso escritor mais lido e apreciado nos países do idioma comum, sobretudo no imenso Brasil — que tem 160 dos cerca de 200 milhões de falantes do português —, realça o significado de ter sido ele o galardoado. E permite aos povos-irmãos desses países sentirem mais o prémio como também seu, o que só é bom e alegrará o escritor, por várias razões muito perto desses povos, designadamente do brasileiro. Sem prejuizo (mais uma falsa oposição, mais um ninho de equívocos que este prémio pode ajudar a desfazer) das fortes ligações de Saramago a Espanha, que também gosta muito dele, sem prejuizo das suas raizes e perspectiva ibéricas, por igual patentes em Miguel Torga ou Natália Correia, para falar apenas de dois escritores contemporâneos já desaparecidos.

este amplo arco se situa o escritor e o cidadão, cuja fidelidade a — e luta por — valores humanistas neste momento se deve salientar, mesmo que não se perfilhe a sua ideologia e se discorde de concretas posições ou opiniões suas. Neste amplo arco ganha particular relevo o facto de Saramago, tendo ganho o mais famoso galardão mundial, agora reafirmar, como dele se esperava, por essas ou outras palavras, o que me disse numa entrevista, em 1989: «O que me dá gosto é que as minhas histórias são daqui, e por isso (...) os estrangeiros possam ler uns livros em que se fala da gente concreta que somos nós. No fundo, o que eu quero ser, o que eu quero continuar a ser, é um escritor português, no sentido exacto que a palavra tem. Se os meus livros se tornam conhecidos lá fora, isso não me torna menos ligado aquilo que faço e aquilo que sou aqui. Gosto do



que este país fez de mim: talvez seja isto que no fundo está nos meus romances.»

Aliás, por todos os motivos vale a pena ler os fragmentos de algumas das muitas entrevistas com o escritor (págs 24/26) que, de par com muitas mais matérias de outra indole, ao longo dos anos publicamos nestas colunas, de que também foi colaborador e até cronista, como à frente lembramos, reeditando quatro desses textos (págs 28/30). Um dos motivos por que vale a pena lê-los é para confirmar que Saramago não mudou, e estou seguro não mudará, a sua postura e o seu discurso. E esse é também um dos motivos por que, em vez de tentar obter agora circunstanciais declarações exclusivas suas, que para um jornal como este nada atrasam nem adiantam, nos pareceu mais interessante e mais importante recordar todo um percurso literário e de vida através de excertos de diversas longas e aprofundadas conversas. A esta luz, nesta perspectiva, sem prejuizo da indispensável parte informativa, organizamos, e se deve ler, esta edição extra do JL.

dição extra com que quisemos assinalar um acontecimento importante. Para José Saramago e a sua Jobra, mas também, insisto, para Portugal e para a nossa língua. O prémio não acrescenta rigorosamente nada à qualidade dos livros do escritor. Abre, porém, as portas para uma sua muito maior difusão universal, pode chamar a atenção para a literatura portuguesa e em português a gente que, em várias latitudes, a desconhece. Escrevi-o aqui há um ano, quando era voz corrente nos mentideros que o Nobel seria dado, enfim, a um nosso compatriota. Expectativa mais uma vez frustrada, o que fez com que, desta feita, ninguém estivesse a pensar no prémio, inclusive o laureado. Do mesmo passo sublinhei não ser nenhum «drama» essa não atribuição — ser, sim, uma vergonha, para a Academia Sueca, que 96 anos depois do Nobel começar a ser outorgado, não tivesse distinguido, cito, «para não andar mais para trás, Carlos Drummond de Andrade ou Jorge Amado, Miguel Torga, Jorge de Sena ou João Cabral de Melo Neto; ou,

entre os portugueses vivos, alguns dos nomes mais falados ou algum dos grandes poetas que temos, uma Sophia, um Eugénio de Andrade, um Herberto Helder».

utro dia, no telejornal da RTP-1, perguntavamme se o Nobel para Saramago o colocava no Panteão, ao lado de Camões e de Pessoa. Respondi, claro, que não: o que faz a eternidade de um escritor é apenas a sua obra, mais nada. Quando muito, para ela pode contribuir o exemplo da dignidade da sua vida. Prémios, honrarias, trombetas, são coisas efémeras. O que não exclui sejam importantes, para os galardoados e não só. O Nobel foi, é, muito importante para todos nós — e para todos nós constitui motivo de grande alegria. Por isso bem se compreende que hoje mesmo, 4ª feira, se festeje ou celebre o acontecimento no Centro Cultural de Belém, numa sessão promovida pela Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, à qual presidirá o primeiro-ministro, e que outras sessões de vária indole se anunciem ou adivinhem. Como bem se compreende, e aplaude, a ideia do Ministério da Educação Nacional sugerir a todas as escolas que transformem o dia da entrega do prémio, 10 de Dezembro, numa homenagem ao escritor, com iniciativas em torno da sua obra, da língua e da literatura portuguesas.

Mais se aplaudiria aínda que este fosse apenas um primeiro passo num país em que, para dar só um exemplo, até a televisão do Estado, nos seus quatro canais — incluindo o 2 e o Internacional, este dedicado sobretudo aos milhões de portugueses ou luso-descendentes espalhados pelo mundo, ambos de puro serviço público — seguramente há menos espaço, num ano inteiro, dedicado à nossa língua e literatura, do que num mês, se não numa semana, dedicado só ao futebol... Contra o qual eu nada tenho, pelo contrário: até gosto, mas que por acaso, e além do mais, tem bastante menos qualidade relativa do que a nossa literatura, que há muito devia ter um Nobel (enquanto no futebol nem para a fase final do Mundial fomos apurados), e muito menos difusão que a nossa língua...

Uma semana feliz

ou da língua que falo» — diz ele. Ele é José Saramago, e é também a este dizer seu que hoje, quartafeira, 14, Portugal presta homenagem. Tanto ao mais do que ao Nobel da

Literatura que acaba de ser atribuído ao escritor. A cerimónia decorre às 19 horas no CCB, organizada pela Biblioteca Nacional, por iniciativa do Ministério da Cultura, preside-a o primeiro-ministro, mas (pormenor significativo) ela é aberta ao público. E ainda bem, porque, se é para o público que todo o escritor escreve, Saramago tem sido sempre um homem frontal, um homem de porta aberta. Antes como depois do prémio. Talvez por isso, na quinta-feira, 18, nem se tenha lembrado que, à hora que tomava o avião de Frankfurt para Lanzarote, a Academia Sueca podia estar a atribuir-lhe o Nobel. Como lhe atribuiu, de facto, já o sabemos. Como sabemos também da incontida alegria sentida pela delegação portuguesa presente no certame, o que dá para perceber, para além do mais, a relação humana de Saramago com os seus pares

O que imediatamente se seguiu (ver texto de Alice Vieira) dá para ver esse outro lado bem português: a capacidade de improvisação. Doutro país tivesse sido o premiado, talvez os seus editores tudo tivessem previsto. Nós (e este nós é a Editorial Caminho) não tínhamos. E, se calhar ainda bem, porque assim ficou bem mais exposta a autentidade da nossa imensa satisfação. E — porque não dizê-lo — também da



nossa surpresa. Porque, tanta era a injustiça do não reconhecimento pelo valor da nossa literatura, velha de oito ou nove séculos, que nós já descríamos de (por via de um escritor de mérito) lhe vir a caber o mais universal dos prémios. Se a Imprensa portuguesa reagiu como seria de esperar, a estrangeira reagiu, num certo sentido, ainda melhor. Porque, em geral, se congratulou com o Nobel da Literatura falar finalmente em português — e há muitos anos (ver crónica de Alexandre Pastor) que não se verificava um tal consenso em redor de um Nobel da Literatura.

E diga-se que este Nobel fala português também porque será mesmo na nossa língua que Saramago (como fez questão de afirmar logo no dia 8, na conferência de Imprensa, em Frankfurt) irá usar da palavra em Estocolmo, quando, a 10 de Dezembro, o prémio lhe for entregue. Falará Saramago em português e não falará apenas de cultura. Também do Mundo, ou do estado do Mundo, como já teve oportunidade de garantir. Garantindo igualmente que, se os 166 mil contos do prémio são para si (mas não para os delapidar em consumismo), era aos falantes de português que ele o dedicava. Porque, se dúvidas ainda houvesse (dado o facto de Saramago há anos ter fixado residência em Espanha), ele as esclarecia: Saramago é donde é, o que significa que é, como sempre foi e será, um escritor português.

Seria, porém, a Espanha a receber (de braços abertos — diga-se) o novo Nobel, após as primeiras emoções de Frankfurt. E isto por uma razão: Saramago, antes de mais (de tudo o mais que ele já adivinhava) tinha pressa em chegar a casa. E a casa era também (sobretudo — como o salientou amiúde) o reencontro com a mulher amada: Pilar del Rio.

reencontro dos dois ocorreu em Madrid e foi então que (já sem o improviso das primeiras horas) Saramago se desdobrou em conferências de Imprensa e entrevistas a tudo o que era orgão de Informação. Mas — acentue-se — para reafirmar o que, em síntese, dissera antes. Que ficara feliz com o prémio, claro; que continuará, todavia, a ser o mesmo escritor e também o mesmo homem. O mesmo homem que jamais renegou a sua filiação partidária e a sua ideologia de comunista filiado e militante. Seria, aliás, por nunca isto

renegar que, ao contrário do clero português, o orgão oficial do Vaticano destoaria do consenso geral, ao criticar a atribuição do Nobel a «um comunista inveterado». Saramago, em Madrid (como já em Frankfurt) retorquiu, dizendo, no fundo, que a César o que é de César, o Vaticano que se preocupasse com as almas dos seus crentes e deixasse a literatura em paz. Chegado a Lanzarote no dia 11, Saramago pôde, finalmente, recolher-se. Tanto quanto possível, já que todo o Mundo, com particular incidência do espectro lusófono, as mensagens de congratulação pelo Nobel se acumularam. Como, de igual modo, as entrevistas. Que não cessaram até ontem, 13, quando Saramago aterrou, por fim, em Portugal. Para... logo se encaminhar para uma conferência de Imprensa, às 19 e 30, na Câmara Municipal de Lisboa, antecedida de uma sessão solene, que decorre à hora que o JL começa a ser impresso. Mas o momento em que o País se reencontrá com Saramago será hoje, quarta-feira, ao fim da tarde, em Belém (CCB). O primeiro-ministro, António Guterres, o ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, o director da Biblioteca Nacional, Carlos Reis, falarão. Depois, será Saramago a falar. O que disser talvez nos surpreenda. Mas é de crer que será, desta vez, Saramago a ficar, também ele, surpreendido. Quando vir, pelos seus olhos, como este país está consigo. Como este país lhe agradece. Uma obra. Uma vida.

R. da S.

Abraços e sorrisos

RUI LUIS ROMÃO, em Frankfurt

deou este primeiro Nobel para a literatura portuguesa. Que fiquem para trás as garrafas de champanhe abertas pelos suecos, as lágrimas e os abraços dos portugueses, as propostas para se cantar o hino nacional - ou até a "Grândola" -, quando o vencedor entrasse no pavilhão português da Feira de Frankfurt. Sobretudo, esqueça-se a carga de alguns dos jornalistas, só para tentar chegar mais perto do anunciado Nobel, derrubando para isso quem quer que se lhes pusesse à frente. Que se perca na chuva o céu escuro de Frankfurt, moldado pelas baixas pressões e os fumos do trânsito caótico, com as nuvens de chumbo, reflectidas numa monótona sucessão de arranha-céus forrados de vi-

squeça-se tudo o que ro-

Fixe-se apenas José Saramago, que chegou sereno ao pavilhão português, por uma porta lateral, trocando assim as voltas aos jornalistas que o esperavam, e eram já muitos. Sobretudo estrangeiros, porque nós, os portugueses, não passávamos da meia dúzia. Nas palavras iniciais, ditas pausadamente, acusando talvez um certo cansaço, Saramago falou numa "espécie de recolhimento" que sentia, deixando-o a ele próprio supreendido. E este

tom manteve-se nos escassos quinze minutos seguintes, em conversa apenas com os repórteres portugueses. Saramago falou então de uma parede, de uma enorme parede diante dele, que se abriria mais tarde, estava seguro disso, mas que agora simplesmente não o deixava fazer nem pensar em mais nada, senão na ideia de "aconteceu, e pronto". Ou, dizendo de outra forma, "foi como se tivesse apanhado uma pancada na cabeça, insuficiente para me derrubar. Perante isso, a única coisa que posso fazer é continuar, procurando recompôr-me". Uma outra sensação fortissima, de extraordinária lucidez, teve-a Saramago quando saiu do avião, que estava prestes a partir para Madrid, e depois para Lanzarote, levando-o de regresso a casa e à mulher, Pilar del Rio. "À saída, percorri um enorme corredor, completamente vazio, e na solidão imensa daquele corredor, posso dizer que não me senti no pináculo do Mundo, bem pelo contrário, senti-me sozinho, com muita pena que a minha mulher não estivesse ali comigo"

Apesar do constante assédio, dos abraços exigidos pelos editores estrangeiros dos seus livros, que íam chegando aos poucos, de todos os pontos da Feira de Frankfurt, José Saramago encontrou ainda a calma para responder a mais uma mão cheia de perguntas. Que não se sentia com mais responsabilidades, como

escritor, disse, "apenas mais visível, enquanto tal". E, sendo assim, o Nobel nada mudaria, "ía continuar a dizer aquilo que tinha para dizer. Muito simplesmente".

Numa atitude de genuína modéstia, Saramago atribuiu todo aquele aparato jornalístico ao anúncio do prémio Nobel, e não àquilo que ele tinha escrito ao longo da vida. "Aliás, a maior parte das pessoas que aqui estão nunca leram os meus livros. E eu compreendo isso, são pessoas muito ocupadas, têm outras coisas para fazer..."

Mesmo quando, mais tarde, lhe perguntaram o que tencionava fazer ao dinheiro do prémio, ou por que razão tinha escolhido um voo da Iberia para sair da Alemanha, Saramago nunca perdeu a compostura, nem o leve sorriso, por vezes irónico. Respondeu sempre. E, numa derradeira lição de humildade, mostrou, a quem ainda não sabia, como tudo é relativo, mesmo um prémio Nobel.

Parecendo confirmar esta ideia, algumas horas mais tarde, ao percorrer a Feira do Livro de Frankfurt, sentia-se que o impacto da notícia de um Nobel pouco afectava o vai-vem de editores, agentes literários e autores estrangeiros, que continuavam, aparentemente impassíveis, a vender e comprar direitos. E pareceu-me, mesmo, que a Feira era, infelizmente, maior do que o próprio prémio Nobel.

JOSÉ SARAMAGO NO PRÓXIMO JL

Por razões de ordem técnica, não foi possível fazer esta edição do JL com mais de 32 páginas. Por este motivo, somos forçados a deixar para a próxima edição — que sai na data normal: a próxima quarta-feira, 21 — diversas matérias que pretendiamos incluir neste número extra.

Entre eles, destacamos os textos do escritor cabo-verdiano Germano Almeida, do romancista português Mário de Carvalho, este testemunhal e evocativo, assim como artigos de dois dos mais eminentes especialistas da literatura portuguesa: Luciana Stegagno Picchio e Óscar Lopes. Mário Vieira de Carvalho escreve sobre as óperas cujos libretos são tirados de obras de Saramago, frei Bento Domingues fala do escritor e do Evangelho. Recolhemos ainda depoimentos de outros escritores, entre eles os dos presidentes da Academia Brasileira das Letras. Arnaldo Niskier, e da APE, José Manuel Mendes. Histórias do Nobel que (antes) nunca distinguiu um autor de lingua portuguesa, balanço da repercussão do prémio no estrangeiro, a listagem das traduções e dos livros mais vendidos de Saramago, são outras das várias matérias que não podemos agora publicar e pretendemos incluir naquela edição.

LITERATURA ALEMÃ

Ainda na quarta-feira, 21, vamos dar a lume, como já anunciamos, um destacável de 32 páginas, sobre a literatura e cultura alemã, o que constitu acrescido motivo de interesse

JL

JOSÉ SARAMAGO/NOBEL 98

O COMUNICADO DA ACADEMIA SUECA

Arte romanesca

Este é o texto integral, ainda não publicado entre nós, da versão portuguesa do comunicado da Academia Sueca, anunciando e justificando a atribuição do Nobel a José Saramago

português José Saramago faz 76 anos de idade em Novembro. É um prosador oriundo da classe trabalhadora que só atingiu a celebridade quando cumpriu os 60 anos. Desde en

tão alcançou a notoriedade e tem visto a sua obra ser frequentemente traduzida. Vive presentemente nas ilhas Canárias.

Manual de Pintura e Caligrafia: um romance, que saiu em 1977, ajuda-nos a entender o que viria a acontecer mais tarde. No fundo, trata-se do nascimento de um artista, tanto o do pintor como o do escritor. O livro pode, em grande parte, ser lido como uma autobiografia mas, na sua intensidade, encerra também o tema do amor, assuntos de natureza ética, impressões de viagens e reflexões sobre a relação entre o

indivíduo e a sociedade. A libertação alcançada com a queda do regime salazarista transforma-se numa imagem final portadora de abertura.

Memorial do Convento, de 1982, é o romance que o vai tornar célebre. É um texto multifacetado e plurissignificativo que tem, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica, social e individual. A inteligência e a riqueza de imaginação aqui expressas caracterizam, de uma maneira geral, a obra saramaguiana. A ópera Blimunda, do compositor italiano Gorghi, baseiase neste romance.

O Ano da Morte de Ricardo Reis, publicado em 1984, é um dos pontos altos da sua produção literária. A acção passa-se formalmente em Lisboa no ano de 1936, em plena ditadura, mas possui um ambiente de irrealidade superiormente evocado. Este ambiente de irrealidade é acentuado pelas repetidas visitas do falecido poeta Fernando Pessoa a casa da personagem principal (que é extraída da produção pessoana) e das suas conversas sobre os condicionalismos da existência humana. Juntos deixam o Mundo após o seu último encontro.

Em A Jangada de Pedra, publicada em 1986, o escritor recorre a um estratagema típico. Uma série de acontecimentos sobrenaturais culmina na separação da Península Ibérica que começa a vogar no Atlântico, inicialmente em direcção aos Açores. A situação criada por Saramago dá-lhe um sem número de oportunidades para, no seu estilo muito pessoal, tecer comentários sobre as grandezas e pequenezas da vida, ironizar sobre as autoridades e os políticos e, talvez muito especialmente, com os actores dos jogos de poder na alta política. O engenho de Saramago está ao serviço da sabedoria.

xistem todas as razões para também mencionar História do Cerco de Lisboa, de 1989, um romance sobre um romance. A história nasce da obstinação de um revisor ao acrescentar um não, um estratagema que dá ao acontecimento histórico um percurso diferente e, ao mesmo tempo, oferece ao autor um campo livre à sua grande imaginação e alegria narrativa, sem o impedir de ir ao fundo das questões.

O Evangelho segundo Jesus Cristo, de 1991, romance sobre a vida de Jesus encerra, na sua franqueza, reflexões merecedoras de atenção sobre grandes questões. Deus e o Diabo negoceiam sobre o Mal. Jesus contesta o seu papel e desafia Deus.

Um dos romances destes últimos anos aumenta consideravelmente a estatura literária de Saramago. É publicado em 1995 e tem o título *En*-

saio sobre a Cegueira. O autor omnisciente leva-nos numa horrenda viagem através da interface que é formado pelas percepções do ser humano e pelas camadas espirituais da civilização. A riqueza efabulatória, excentricidades e agudeza de espírito encontram a sua expressão máxima, de uma forma absurda, nesta obra cativante. «Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, cegos que, vendo, não vêem.» O último dos seus romances, Todos os Nomes, sairá este Outono, em tradução sueca. Trata-se de uma história sobre um pequeno funcionário público da Conservatória dos Registos Centrais de dimensões quase metafisicas. Ele fica obcecado por um dos nomes e segue a sua pista até ao seu trágico final.

A arte romanesca multifacetada e obstinadamente criada por Saramago, confere-lhe um alto estatuto. Em toda a sua independência Saramago invoca a tradição que, de algum modo, no contexto actual, pode ser classificada de radical. A sua obra literária apresenta-se como uma série de projectos onde um, mais ou menos, desaprova o outro mas onde todos representam novas tentativas de se aproximarem da realidade fugidia.

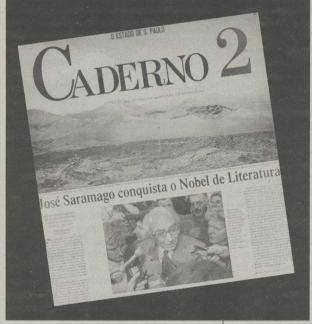
Estocolmo, 8 de Outubro de 1998

Na boca do mundo

osé Saramago foi notícia nos principais periódicos mundiais. Em Espanha, país onde o escritor reside, Saramago foi capa. «El PaÍs», no dia 10, publicou mesmo a primeira entrevista depois do Nobel, feita por Juan Cruz. Já no dia 9, este diário lhe havia consagrado cinco páginas com artigos de Manuel Vázquez Montalbán e Miguel Garcia Posada (o seu tradutor para castelhano). O «ABC», por sua vez, publicou textos de escritores como Jorge Amado, José Manuel Prada e Miguel Sanchez Ostiz, e um conto inédito do escritor português. A adopção do escritor português por Espanha está patente no título de uma notícia deste diário: «Saramago, I de Portugal VI de Espanha». «El Mundo», jornal de que Saramago é colaborador, dedicou-lhe seis páginas, entre as quais a crónica do escritor português, conhecido neste jornal por Pepe Saramago.

Em «Le Monde», em França, Saramago teve direito a uma chamada na primeira página. No interior, um artigo de Patrick Kéchichian fala de «uma omissão reparada». «Le Figaro», por sua vez, fala de uma literatura do extremo e do imenso. Enquanto o «Libération» lembra: «Levou 95 anos para a Academia ler português».

A actualidade italiana ficou marcada pela discordância da atribuição do Nobel pelos jornais católicos «Osservatore Romano» e «L'Avennire». «La Repubblica» publicou um texto de Luciana Stegagno Picchio que exclama: «Até que enfim!». Gabi Gleichmann, no mesmo jor-



nal, lembra a «concorrência» de Lobo Antunes. O «Corriere della Sera» fala no lugar de Saramago na «história do romance contemporâneo».

Na Alemanha, Saramago é o tema de amplos artigos nos suplementos literários dos principais jornais. O «Frankfurter Allgemeine» diz: «Ganhou um pessimista numa *Jangada de Pedrā*"), enquanto o «Tageszeitung» lembra a po-

lémica de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. O «Tagespiel» considera, estranhamente, Saramago um jovem autor. O «Berliner Zeitung» diz que a vitória de Saramago sobre Lobo Antunes teve contornos políticos.

Na Bélgica, «Le Soir» fala de «a mais bela das vinganças», referindo-se ao facto de Saramago ser oriundo de uma família pobre e ter sido forçado a abandonar os seus estudos. «La Libre Belgique» parte do mesmo ângulo, referindo também a polémica gerada em Portugal por O Evangelho Segundo Jesus Cristo.

Em Inglaterra, a BBC chamou-o de o García Márquez português, título que Saramago recusou imediatamente. «The Guardian» re-

feriu-se a «parábolas políticas», enquanto «The Independent» considerou o escritor «pessimista e sério, lúcido e elegante».

Na República da Irlanda, o «Irish Times» recorda as origens rurais do autor, embora indique erroneamente que é natural do sul do Alentejo.

Do outro lado do Atlântico, o «Washington Post» fala do «realismo mágico» do escritor. O

«New York Times», descreve Saramago: «Um homem alto e careca cujos óculos grandes e largos lhe dão o ar severo», enquanto o «USA Today» elucida os leitores sobre como se pronuncia o seu nome «Sah—rah—MAH—go». O «Los Angeles Times» opta por fazer uma pequena biografia do escritor.

Os meios de comunicação social no Brasil não pouparam espaço para assinalar a atribuição do prémio. Saramago foi capa de quase todos os jornais. «A língua consagrada» foi a manchete escolhida pelo «Globo», enquato a «Folha de S. Paulo» publicou uma entrevista concedida pelo escritor em Frankfurt. O «Estado de S. Paulo», por sua vez, apresenta uma fotografia panorâmica da ilha de Lanzarote, na capa do «Caderno 2». No «Jornal do Brasil» lê-se em grandes letras «Enfim!», e, no seu interior, «autor de uma obra voltada para os valores humanistas, conquista o Prémio Nobel da Lietratura para a língua portuguesa». Também o «Correio Brasilense» titula: «Saramago: O Nobel Português».

No diário «Clarín», na Argentina, Saramago aparece na capa com o título «Um Nobel para a rebeldia». Em «La Nacion», um artigo de Veronica Chiaravalli diz que «o impossível realizou-se».

José Saramago também correu pelas Agência Noticiosas Internacionais. A polémica gerada pelo Vaticano e a orientação política do escritor foram os temas fortes.

M. H.



Crónica de um Nobel (não) anunciado

ALICE VIEIRA

stava a ser uma feira calma. Também este ano não havia razões para grandes excitações, não éramos país-tema como no ano passado, não tínhamos portanto aquelas individualidades todas a aparecer de cinco em cinco

minutos nos stands, os beberetes, os festejos, as conferências, as não sei quantas toneladas do café do Nabeiro para nos dar alento, as televisões, as rádios, os jornais, tudo em cima de nós, salvo seja. Tínhamos uma boa representação, mesmo assim, mas nada que se comparasse. Podíamos descansar um pouco, passear pelos outros pavilhões, ouvir aqui e ali uma conferência. Iamos para ser espectadores. Este ano, a Suiça que tivesse o trabalho.

Para cúmulo, ninguém falava no Nobel. Se seria este ou aquele, era aposta que ninguém se lembrava de fazer. Tínhamos todos, ao que parece, outras coisas em que pensar.

Encontrei-me com o Saramago à mesa do pequeno-almoço no hotel, onde ambos estávamos. Achei-o muito cansado e espantei-me por vê-lo sem a Pilar. Que não fazia sentido nenhum, disse ele, só por um dia e uma noite. A Pilar, ainda por cima, tinha tanto que fazer que fôra ele próprio a sugerir que ficasse. Mas claro que lhe fazia falta. Como — dizia ele a sorrir — lhe fazia falta o «seu» pequeno almoço andaluz, aquelas torradas a pingar de azeite e cheias de açúcar por cima. Estava morto por chegar a casa, confessava. Já não estava com muita paciência para estas feiras, esta agitação, este mudar de um lado para o outro — e afinal para quê?

Desta vez, confessou, estivera mesmo para não vir. Mas depois acabara por dizer que sim, ainda estava para saber porquê. Se calhar porque lhe custa sempre dizer não. À noite seguiríamos para a Alte Oper, onde decorria o colóquio sobre ser comunista hoje, e depois regressava. Estava cansado. Queria ir para casa, para a sua mulher, para os seus cães.

O colóquio acabou cerca das dez e meia da noite, e só não acabou mais tarde porque os trabalhadores da casa, decerto muito mais interessados em chegar cedo ao remanso do lar do que ouvir o que pensavam sobre o comunismo quatro gatos pingados portugueses, nos avisaram que queriam fechar as portas. Chovia e ninguém tinha sequer jantado. Enfiados em duas carrinhas, lá andámos em busca de um

restauranțe — o que àquela hora, em Frankfurt, é quase milagre. Eram 11 da noite quando finalmente encontrámos — e porque o Téo Mesquita conhece os cantos à cidade — um restaurante que por especial favor serviria bife na pedra porque era só o que tinha, e que nos despachássemos porque a cozinha já estava

fechada, e se a carne esfriasse que ninguém pensesse em mandá-la aquecer.

Quando chegámos finalmente ao hotel, o Saramago só pensava no avião que o havia de levar a casa. «o mais cedo possível». Então, ali no átrio, se combinou: a carrinha que nos servia de transporte iria primeiro deixá-lo no aeroporto, e voltaria depois, cerca do meio dia, para me levar e à Lídia Jorge à Feira. «Vais tão cedo para o aeroporto?», ainda perguntei. Ele voltou a sorrir: «O que eu quero é a minha casa, a minha mulher e os meus cães!». E ficou combinado que assim seria. Mais uma vez ninguém pensara que ao meio dia (uma tarde

em Frankfurt) seria conhecido o Nobel da Literatura. Por isso me despedi dele com normais palavras com que os velhos amigos se despedem

No dia seguinte, aproveitei a hora habitualmente morta, em que as pessoas vão almoçar, para ir ver os suiços. Que diabo!, sempre eram país-tema, parecia mal não dar ao menos uma espreitadela, e tentar ficar a ter deles um conhecimento que fosse um pouco mais além do Rousseau e da Heidi.

Estava eu entre enormes reposteiros roxos que pendiam do tecto, a olhar as estantes cheias de livros todos encadernados de roxo (a pensar vagamente «onde é que estará o morto», de tal maneira tudo me parecia soturno), quando o meu telemóvel toca. Vergonha das vergonhas: de Lisboa, o Mário [Castrim] berrava-me que o Saramago ganhara o Nobel — a mim, que estava no lugar onde era suposto essas coisas saberem-se primeiro. Nem respondi — e segui, em dez minutos, chegar ao Pavilhão de Portugal. Quem nunca foi à Feira de Frankfurt não é capaz de entender o que isto significa de mara-

tona, de corridas em escadas rolantes e passadeiras rolantes, e escafas e passadeiras que não são rolantes para chegar ao Pavilhão 7 (da Suiça), ao Pavilhão 9 (de Portugal).

ogo à entrada caí num mar de √abraços e de choros e de rosas (onde é que havia tantas rosas, ainda estou para saber), e as notícias mais desencontradas. «ele já vai no ar», «ele já vem aí», «já o foram buscar», «não o encontraram no aeroporto», etc, etc, etc. O Francisco José Viegas, de telemóvel colado à orelha, pedia depoimentos a toda a gente. O Rui Rocha, numa de revolucionário, sugeria que cantassemos a «Grân-

dola». Outros, em busca de maior consenso, contrapunham o Hino Nacional. E outros, bem mais avisados, lembravam «olhem que ele não é dessas coisas!»

A verdade é que o tempo passava — e de Saramago nem rasto. As Câmaras de televisão (estrangeiras, evidentemente, que Portugal só lá tinha — e honra lhe seja! — uma câmara do «Acontece»), os fotógrafos, os jornalistas, os editores, ninguém arredava pé da entrada. Um fotógrafo alemão, daqueles que nem mesmo em alturas históricas desistem de fazer arte, já tinha mesmo escolhido o ângulo em que ia apanhar Saramago: a cara dele entre as enormes hastes das rosas levantadas pela Guilhermina Gomes, pela Eulália (mulher do Téo Mesquita) e por mim. «Não saiam daqui», pe-

dia ele, «senão estragam-me a fotografia!»

De repente, lembrei-me do progresso: peguei no meu telemóvel e perguntei se não podíamos telefonar para saber se eles ainda vinham muito longe. Foi então que me disseram que o Saramago não tinha telemóvel, e que nem Zeferino Coelho nem o Téo Mesquita, que o tinham ido buscar ao aeroporto, se tinham lembrado de levar semelhante objecto...

A excitação era enorme. O pavilhão tinha-se despovoado completamente, e todos estavam na entrada. Os editores choravam como se cada um deles fosse o editor de Saramago. O Francisco José Viegas continuava de telemóvel colado à orelha, recolhendo depoimentos. Esperou-se muito tempo. De repente soube-se afinal que o Saramago entrara por outra porta — e então foi o caos: gente a correr, gente a se atropelada na correria, o pobre do fotógrafo alemão a ver perder-se na multidão as rosas

que lhe iriam garantir a fotografia mais artística do acontecimento, o Carneiro Jacinto afónico depois de pedir que não afogassem o Nobel logo ali, o Nobel a ser empurrado para uma minúscula arrecadação cheia de caixotes, escadotes e o mais que para as arrecadações se empurra, e aí improvisar a sua primeira conferência de imprensa para os portugueses, e depois a subir para cima de uma cadeira e mesmo assim eu, no meu metro e meio, a vislumbrar-lhe um pouco da careca.

Foi então que senti umas saudades imensas dos megafones do PREC, teriam feito um jeitão, a voz do Nobel poderia ter sido ouvida por toda a gente, o Carneiro Jacinto não teria ficado afónico — mas nem microfones a sério havia, era só gente, gente a acotovelar mais gente — e um Nobel sorridente, cansadíssimo, e cheio de vontade de chegar a casa, à sua mulher e aos seus cães.

A conferência de imprensa seguinte já foi numa sala da Feira, num repente desimpedida de tralha e posta funcional para os jornalistas. Os próprios alemães estavam de boca aberta diante de tanta eficiência portuguesa. Eles não sabem como nós somos mestres do desarrincanço e das coisa feitas à última hora...

Não sei como, sobrevivemos todos.

Não me interessa saber o que vai Saramago fazer com os cento e tal mil contos do Nobel (uma ninharia, ao pé dos ordenados dos jogadores de futebol...) mas muito sinceramente espero que, pelo menos, compre um telemóvel.



EM FRANKFURT, FLORES PARA SARAMAGO

Fundação Luso-Brasileira Para o Desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguesa

Para um Nobel da palavra em português, apenas diremos Parabéns José Saramago, obrigado José Saramago!

> Pedro Rebelo de Sousa Presidente

Um prémio a contento de todos

ALEXANDRE PASTOR, em Estocolmo

urante a minha já longa permanência na Suécia não me recordo deste fenómeno se ter dado uma vez que fosse: o da escolha do laureado com o Prémio Nobel de Literatura ter merecido uma aceitação tão total e um aplauso tão unânime, como foi agora o caso com José Saramago. Academia, crí-

tica e público foram e são só louvores. Isto é tão verdade, que me atrevo a dizer. Se para lograr tal façanha (e sem a mínima intenção de desprestigiar os laureados anteriores) foi mister esperar quase um longo século, então valeu mesmo a pena. É que não se julgue que até autores tão populares como Hemingway, Camus, Beckell ou García Márquez saíram ilesos desta anual e tradicional refrega. Não é pois de mais sublinhar que se a escolha de, por exemplo, um Camilo José Cela causou aqui e lá fora viva celeuma, a de Dario Fo, o ano passado, despertou até fúrias. Quem se interessa pela actividade da crítica literária imparcial e honesta, não imagina o que podemos ler quando, como eu e a título de curiosidade, percorro velhos jornais para me inteirar do que se escreveu ou disse sobre alguns dos meus favoritos: Benavente (Nobel de 1922), Shaw (1925), Mann (1929), Pirandelo (1934) etc. Assim, que eu saiba e me recorde, apenas o polaco-americano I.B. Singer (Nobel de há 20 anos), com o seu humor, humanismo e nostalgia, se pode comparar a, e se aproxima de Saramago em aceitação geral. Escrevo «aproxima-se» porque, apesar de uma enorme popularidade, Singer era judeu, e, inevitavelmente, não escapou a reparos aleivosos que, quase por norma, aludem a essa etnia. Este ano, porém, nem sequer a amarga realidade de só nove mulheres terem sido distinguidas com o Nobel de Literatura durante a já longa história do Prémio (entregue desde 1901), deu azo a que se ouvisse o mais brando protesto contra o laureado luso. Milagre? Sem dúvida, porque há dez anos que existe na Suécia uma forte can-

didata a ele — a escritora de literatura infantil Astrid Lindgren, mundialmente conhecida pela sua Pipi das meias altas e muitas outras obras que deliciam a miudagem do mundo privilegiado onde a criança tem acesso a livros. Com os seus belos 90 anos, é caso para admitir que Astrid Lindgren, tal como o nosso idioma,

tenha de esperar também o seu seculosinho para auferir a distinção que agora coube a um escritor de língua portuguesa.

Posto isto, que disseram então os órgãos de informação, mormente a imprensa principal, do acontecimento inédito deste ano? Já referi que, quanto a unanimidade na escolha do autor e louvores às obras até gora aqui traduzidas, Saramago superou todos os seus antecessores nobelianos. No que respeita aos pareceres dos críticos literários, Lars-Olof Franzén, do Dagens Nyheter, matutino dito liberal, com cerca de meio milhão de tiragem diária, garante que: «Ao escolher José Saramago, a Academia Sueca premiou uma obra literária que é apreciada por toda a gente e que não será posta em questão por ninguém.» Outra passagem do mesmo crítico, reza assim: «Os críticos do mundo inteiro são unânimes quanto ao facto de que o laureado deste ano não só era esperado, como ainda bem merecedor da distinção — salvo talvez em Portugal, onde Saramago é visto como um escritor controverso.»

É contudo o sueco-israelita Nathan Shachar, ensaísta notável, autor de uma obra muito explícita sobre os sefarditas hibéricos, vinda a lume este ano, no mesmo DN nos oferece a página mais brilhante que se pode ler sobre o laureado. Shachar percorre metodicamente todas as obras do autor: de Baltasar e Blimunda (título sueco para o Memorial do Convento) até «Todos os nomes», cuja tradução sueca ainda não se encontra à venda, mas sobre o qual o crítico já se pronuncia.

Começando por felicitar a Academia Sueca pela escolha, e sa-

lientando que «as relações com a cultura portuguesa descongelaram finalmente», que «está terminada a atitude de madrasta para com esta cultura com raízes em quatro continentes», Shachar recorda-nos ainda que só a Holanda está agora sem prémio (esquece, no entanto, gigantes literários como o Brasil e a China), e passa então a dar relevo às características, valores simbolismos e mensagens que vê na obra do nosso escritor.

Já no Svenska Dagbladel, matutino diário de tendência conservadora, aspecto sóbrio e avesso a sensacionalismos, com metade da tiragem do seu rival, DN, onde o es-

Este ano, e ao contrário de todos os outros em

absoluto por parte da Academia Sueca carac-

terizou os dias anteriores à revelação do lau-

reado. Embora se falasse, é claro, em Hugo

Vargas Llosa, Bei Dao e, inevitavelmente,

também Saramago e Lobo Antunes.

paço reservado à cultura (ambos os periódicos têma as dimensões do nosso Expresso), além de vasto, é sempre recheado de artigos de qualidade e fotografias condignas, são três os nomes dos críticos que se pronunciaram sobre o nosso laureado. Desses destaco um, Mals Gellerfelt, conhecedor e admirador da nossa cultura e, obviamente, também da obra de Lobo Antunes, a qual tem merecido dele sempre os melhores louvores. O seu

longo artigo com o belo título O valor e a dignidade invioláveis por ser que sempre correm rumores, um hermetismo humano analisa a trindade que Saramago domina magistralmente: a História, o ser humano nela contido, a sua condição de animal social e enigma existencial. Gellerfelt começa por referir-se aos nossos clássicos, Camões e Vieira, depois fala do

monumento que é Pessoa, compara Agustina a Selma Lagerlöf, em Lobo Antunes vê um dos melhores romancistas da literatura mundial, por fim, à semelhança de Shachar, comenta, de per si, cada um dos livros traduzidos. À semelhança do que aconteceu com a tradutora Marianne Eyre, que declinou o trabalho de verter para sueco O Evangelho, é esse o único livro que a Gellerfelt foi dificil ler. Acha-o extremamente próximo do espírito de Nikos Kazantzakis e considera-o uma obra menor saída da pena de Saramago. Tudo o mais, só louvores.

lidas estas, da primeira à última linha congeniais recensões, ocorre-me a pergunta: E se estes magistrais analis-✓ tas tivessem lido a preciosidade que é, ou melhor, são,Os Poemas Possíveis? Segundo livro de Saramago (1966), ele marca também o meu encontro com o autor. Na gentil dedicatória (era eu que lhe estava grato pela oportunidade que me proporcionara de verter Pär Lagerkvist para a nossa língua a partir do original sueco), o poeta escreve: «... esta poesia de 'figuras' e de 'sentidos', numa época que as nega e os desdenha».

Muitos anos depois, quase vinte, aquando da passagem de Eugénio Lisboa por aqui, e no âmbito de empréstimos recíprocos que fazíamos, passo-lhe para a mão esse tesouro, do qual sei, ainda hoje, de cor, uma boa meia dúzia de versos. Até que um dia vejo o livro devolvido na mesa do meu gabinete, na Faculdade. Dentro dele, estas linhas:

«Carissimo Alexandre,

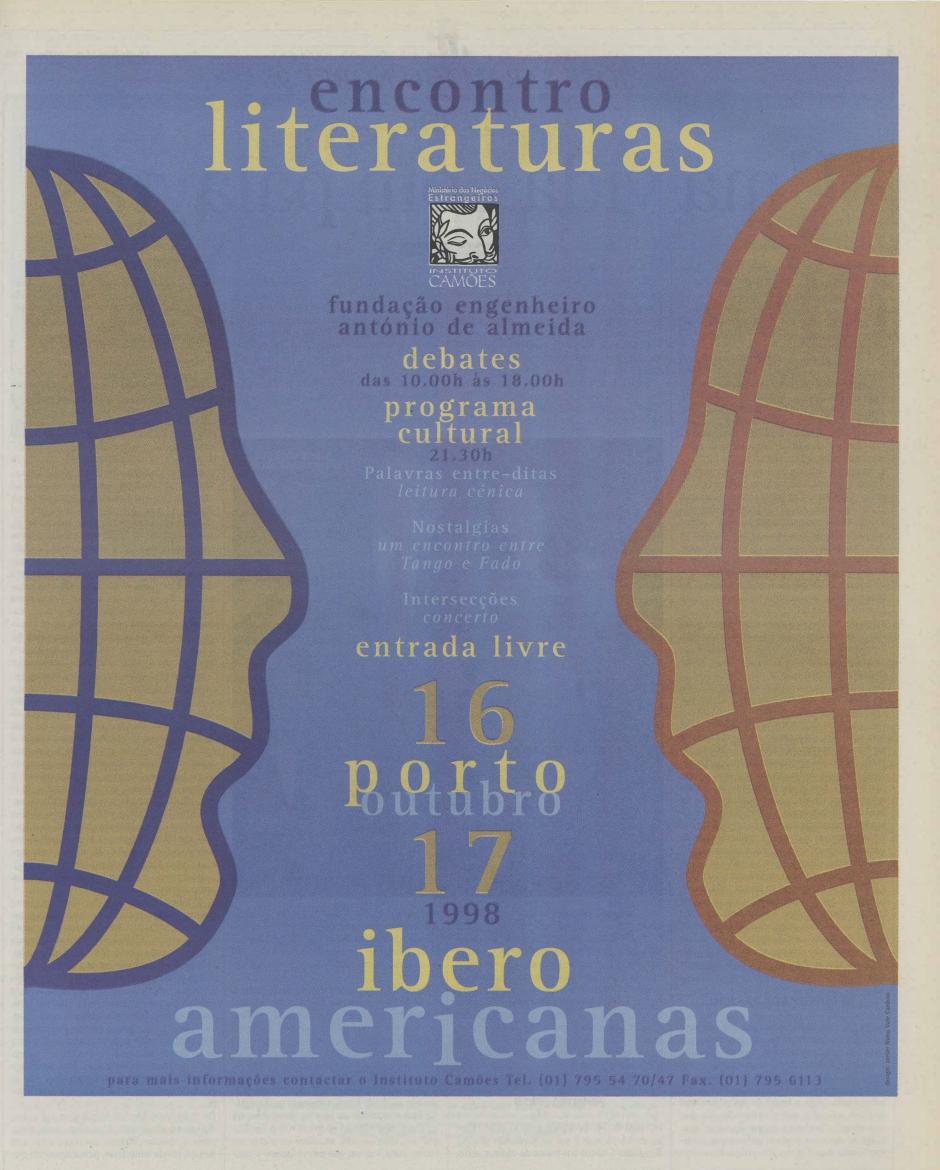


Agradeço-te o empréstimo do livro de José Saramago. Não conhecia a poesia dele e é mais alguma coisa que fico a dever à Suécia ou... a ti. Tem poemas bastante belos e foi para mim, de certo modo, uma revelação, como poeta. Que estará o poeta, nele, a fazer desde 1966 (18 anos!). Confesso que prefiro estes que hibernam (aparentemente) muito tempo àqueles que dão à luz um ou mais livros todos os anos... Há neste ficar-se na sombra a pôr ovos qualquer coisa que me seduz. Úm abraço amigo e grato do Eugénio.»

E como há livros com magia, agora que falo neste, apodera-se de mim um impulso irreprimível de citar dele uma poesia. (Será de cor, pois o volume tenho-o desde ontem emprestado a um ex-aluno). Sem qualquer autorização nem do autor nem da Portugália, escolho-o pelo teor profético que dela ressuma: «Há-de haver uma cor por descobrir / Um jantar de palavras escondido / Há-de haver uma chave para abrir / A porta deste muro desmedido // Há-de haver uma ilha mais ao sul/ Uma corda mais tensa e ressoante / Outro mar que nade noutro azul / Outra altura de voz que melhor cante// Minha pobre poesia que não chegas / A dizer a metade do que sabes / Recolhida não calas nem renegas / Este corpo de acaso em que não cabes.»

esta-me falar no material fotográfico aqui reproduzido por ocasião do evento. Foram fotografias de formato 27x18 cm, nas primeira páginas, a cores, uma com a figura esguia do laureado, de braços abertos, quase um Cristo implorando calma e silêncio aos fotógrafos e jornalistas da Feira do Livro de Frankfurt; outras com a mesma figura agora sorridente e curvada para beijar a mão a uma senhora que certamente o felicita; ainda outras mostram o júbilo do pessoal da editora sueca que o publica. Saramago, como pessoa, e pelos jornalistas que já o conhecem, é visto como um velhote desempenado, ágil, cortês e humorista. Como Shacher escreve: «Muito mais do que escritor português, Saramago é um artista da hu-

E também dos sentimentos, acrescento. Porque de todas as respostas que, paciente, deu ao jornalista, elejo uma digna de ser repetida. O que sentiu quando soube que o Prémio lhe fora atribuído?, perguntou-lhe alguém. Saramago baixou o olhar, e, convincente mas quase balbuciante, disse mais ou menos isto: «Se tivesse tido a minha mulher ao meu lado, tudo teria sido muito melhor »



Uma vida com palavras

averá vinho para celebrar. Talvez Borba, uma daquelas garrafas que um dia trouxeram do Alentejo e que ficou à espera de alguma ocasião especial. Ela aí está. Quando o homem alto e magro, aparentemente austero, na

verdade tímido e afável, passar a porta envidraçada da «Varina da Madragoa» como tantas outras vezes, verá já na parede a notícia do seu Nobel da Literatura. O seu amigo António Oliveira abrirá, então, a garrafa há anos guardada. Porque ele sempre acreditou que, mais cedo ou mais tarde, a Academia Sueca havia de reconhecer o seu amigo escritor.

E Saramago certamente sentir-se-á em casa. Talvez pergunte: «O bacalhau é bom?». E o amigo Oliveira talvez lamente que o bacalhau já não seja o que era, em prejuízo do dito com todos, ou das pataniscas, pratos da sua íntima convivência. Anos a fio, quando morava na Rua da Esperança, e depois na Rua dos Ferreiros à Estrela, sua última residência em Lisboa, Saramago frequentou quase diariamente a «Varina», ali ao pé, na Rua das Madres. Às quartas-feiras era certo o almoço com José Manuel Mendes(JMM) e à mesa muito lhe revelou dos livros que que ía escrevendo. Além de outras contas correntes da política e da vida. E a despeito do que possa parecer — não é homem que se veja na noite — muitas vezes ficou em alegres cavaqueiras até altas horas.

Nas paredes do restaurante há outras notícias de Saramago, entrevistas, fotografias. Por exemplo, a fotografia do escritor no dia do seu casamento com a jornalista espanhola Pilar del Rio, em 1988, tinha ela 38 anos, cuja boda se realizou ali mesmo. Foi, aliás, na «Varina», recorda JMM, que «pela primeira vez, Saramago falou com voz deslumbrada dos sinais da sua paixão por Pilar». E que paixão foi ela. Tal que o romancista afirma: «De 86 para cá vivo a felicidade. O tempo que vivi antes funcionou como uma preparação coerente para este tempo». Em «harmonia» vive com a mulher na ilha de Lanzarote, desde 1993. «Todos vivemos mais do que uma vida» — diz. A sua vida é de andarilho. São muitos os quilómetros que anda a pé todos os dias. Baptista Bastos (BB) recorda mesmo que, em Lanzarote, o viu atravessar uma montanha de lado a lado. Sem sinais de fadiga. É, de resto, surpreendente a agilidade da sua figura em que dificilmente se suspeitam os 75 anos. E não será por ameno trato da vida. É sabido que se fez a si próprio. E fez-se de

AS OLIVEIRAS DA INFÂNCIA

Azinhaga, uma aldeia ribatejana que não vem no mapa, ganhou agora honras de primeira página. Foi nessa pequena freguesia do concelho da Golegã, rodeada de oliveiras de troncos antigos, que nasceu José de Sousa Saramago, a 18 de Novembro de 1922. Ou melhor, a 16, porque para evitar a multa de um registo fora de prazo, a família, pobre, roubou-lhe dois dias à existência. Também o registo do nome Saramago se deve aos vapores etílicos que toldavam o oficial do registo. Isto porque Saramago

era a alcunha de família e não apelido. Como recorda o escritor: «A minha família tinha a alcunha de saramago, que é o nome de uma planta silvestre, que dá uma florzinha com quatro pétalas e cresce pelos cantos, quase sempre esquecida». O pai chamava-se José de Sousa (a mãe Maria da Piedade) e terá dito apenas sobre o recém-nascido: «Vai chamar-se José como eu». O resto foi da lavra do diligente oficial. E assim deu ao mundo o nome que havia de ser Nobel.

Filho de camponeses, viveu na aldeia apenas os dois primeiros anos da infância. Mas lá es-

rou as fileiras da Polícia de Segurança Pública, onde chegaria a sub-chefe, mas a fortuna pouco lhe sorriu. Até aos 12 anos, o pequeno José conheceu várias moradas em quartos alugados, partes de casa e águas-furtadas. Aprendeu as primeiras letras numa escola primária da Avenida da República e depois numa escola que ainda existe, no Largo do Leão. Mais tarde, frequentou o Liceu Gil Vicente. Dois anos apenas, já que as dificuldades económicas da família o impediram de prosseguir os estudos. Os pais quiseram, no entanto, dar-lhe um ofi-

embora só o tivesse feito mais tarde. Incorpo-

Fez-se José, portanto, a partir dos livros. Muito Padre António Vieira, Fernão Lopes, Camilo ou Eça, que influenciaria as suas primeiras pá-

LIVROS PERDIDOS

Com 22 anos Saramago casa com a pintora e gravadora Ilda Reis, de quem três anos mais tarde terá uma filha, Violante, hoje bióloga, a trabalhar na Madeira. Divorcia-se em 1970. quando inicia uma longa relação com a escritora Isabel da Nóbrega. Entratando, no mesmo ano em que lhe nasce a filha, publica o primeiro romance. O título, Terra do Pecado, foi da responsabilidade do editor, Manuel Rodrigues, da Minerva. Mistério nunca deslindado: o jovem autor enviou o original, com o título «A Viúva», à Parceria António Maria Pereira. Daí não terá vindo resposta. Mas, inexplicavelmente, o editor da Minerva telefonou a Saramago, manifestando o seu interesse na obra. alegando que tomara conhecimento dela através da livraria Pax, de Braga. Um circuito por clarificar até hoje. «Que volta deu esse original, isso é uma coisa que não sei. Verdade seja que eu poderia ter perguntado ao Manuel Rodrigues, mas nunca perguntei. Na altura estava era interessado em que o livro saísse e nem falei em mais nada com o editor, não fosse acontecer que ele se arrependesse» — lembrou Saramago, aquando da reedição de Terra de Pecado pela Editorial Caminho, no ano passado. E acrescentou: «E foi assim: o editor disse-me que estava interessado no livro, mas que eu não era conhecido e que não me poderia pagar direitos de autor. E realmente ele tinha razão: o que ele ia fazer era um disparate, era uma aventura. Eu não tinha credenciais, nem pertencia a grupos literários, não tinha passado e era bastante duvidoso que tivesse futuro». O livro, aliás, não constava da bibliografia do autor. Mas José Carlos de Vasconcelos encontrou-o um dia, viu que saíra em 1947 — e, por isso, em 97 se completava meio século de Saramago como escritor. O JL dedicou uma capa e um tema à efeméride (n° 690, de 26/3/97), desenterrando o livro, e o romancista resolveu então assumi-lo e reeditá-lo.

A 1ª edição de Terra de Pecado teve «umas quantas críticas positivas» e vendeu uns quantos exemplares. Pior foi o destino do romance que se seguiu. Clarabóia. Escreveu-o ainda com «o coração a bater mais depressa», embalado pela satisfação de ver na montra das livrarias o primeiro livro publicado. O pintor Figueiredo Sobral, seu amigo da época, levou o original para ser apreciado pela Editorial Notícias. Contudo, Saramago nunca o veria publicado, nem recuoeraria o próprio original. Andou perdido pelos arquivos daquela editora, e só ao fim de 40 anos o encontraram. Veio então a proposta de publicação. Mas Saramago recusou. Pilar encadernou-o para que não se perdesse nenhuma folha. E justifica-se a caute-

De facto, José Manuel Mendes, que já o leu, diz que «é admirável». Com uma escrita ainda muito «clássica», realista, um pouco à maneira de Eça, revela atmosferas, personagens em que



fundamentais». Os pais vieram para Lisboa, mas continuaram a ir regularmente à Azinhaga, o que ele fez até aos 20 anos. «Quando lá chegava, a primeira coisa que fazia era tirar os sapatos. E a última coisa que fazia, antes de regressar a Lisboa, era calçá-los. Os sapatos, e a ausência deles, tornaram-se um símbolo muito forte» — adianta o escritor, que sentiu que lhe haviam roubado a infância, quando viu os velhos olivais da aldeia serem substituídos por outras culturas, em nome da rentabilidade. E não será por acaso que, em Lanzarote, plantou

tão guardadas, sublinha, as suas «impressões

PRIMEIRO OFÍCIO

Foi logo depois de regressar da Grande Guerra, de 14-18, que o pai de Saramago decidiu demandar Lisboa, em busca de melhor sorte,

cio: serralheiro mecânico. Matricularam-no na Escola Industrial Afonso Domingues, em Xabregas. «Era um ensino industrial bastante curioso, porque se aprendia literatura e francês» - recorda. Assim começou o seu interesse pe-

Durante cinco anos, frequentou aquele curso, à razão de 50 escudos por ano. Não fora as dificuldades económicas e talvez tivesse sido engenheiro. Passaria à prática aos 18 anos, quando ingressou nos Hospitais Civis de Lisboa. Aí, além de serralheiro-mecânico, foi desenhador e trabalhador dos serviços administrativos. Entretanto, lia: «Centenas de livros, sem nenhuma orientação». Longas noites passou ele nas bibliotecas, sobretudo na do Palácio Galveias, desde os 14 anos. Já se sabe, na casa dos pais não havia livros. Os primeiros que leu, dois ou três, recolheu-os a mãe no bairro, certa vez em que esteve doente e aca-











JOSÉ SARAMAGO RESPECTIVAMENTE AOS 9, 11, 18 E 20 ANOS

«não é difícil deixar de ver o que viria a ser Saramago». O autor, porém, após aquela recusa, remeteu-se a um longo silêncio literário, que atravessou as décadas de 50 e 60. Por esses anos, dava-se muito com o crítico musical e teatral Norberto de Ávila que, de alguma maneira, o apresentou ao grupo, mais político do que literário, de Fernando Piteira Santos. Saramago nunca foi homem de grupos literários, ou mesmo de café.

ESCRITA ADIADA

Retomou a palavra com a poesia. Em 66 publica *Os Poemas Possiveis* e, quatro anos depois, *Provavelmente Alegria*. Só em 1977 volta à ficção com *Manual de Pintura e Caligrafia*, um livro que passou algo despercebido nesses anos ainda agitados. As razões do interregno literário de Saramago permanecem uma verdadeira incógnita. Mesmo os amigos mais íntimos, como JMM, se interrogam sobre o que levou o escritor a adiar a escrita.

À interrogação, que persiste, o escritor responde com uma justificação: a falta de auto-confiança, coisa que lhe vinha dos calados anos da infância. Em miúdo era, recorda, «muito fechado, muito calado. Talvez por isso, o que mantive em relação ao mundo, aos círculos em que vivi, foi, não direi que uma certa distância, mas é como se eu duvidasse da sinceridade do interesse que as pessoas podiam ter por mim». Saramago terá tido os seus arroubos poéticos de juventude. Porém, está longe de poder ser considerado um talento precoce: «Não fui desses génios que, aos 4 anos de idade, escrevem histórias. Apenas via as coisas do mundo e gostava de vê-las. Nunca fui de grandes imaginações». Interessava-se antes pelo que acontecia à sua volta, jeito que mantém. E, por certo, ninguém o poderá acusar de falta de imaginação. Nop entanto, ressalva: «Os meus livros caracterizam-se por uma imaginação forte, mas sempre usada de forma racional. Posso formular assim: a imaginação é o ponto de partida, mas o caminho a partir daí pertence à razão».

A IDEIA E O NOVELO

Saramago não é dos que pensam um romance inteiro antes de o escrever. Parte com duas ou três ideias, não mais. *O Evangelho Segundo*

Jesus Cristo (1991), por exemplo, nasceu de uma «ilusão de óptica». O escritor passeava-se numa rua de Sevilha, quando julgou ver, numa montra de livros, esse nome. Foi uma espécie de «revelação». E dela se fez um dos seus mais polémicos livros. A Jangada de Pedra (1986) também surgiu de uma única ideia inicial: separar a Península Ibérica da Europa. Sem guião, os romances vão-se fazendo a si próprios. Mas há um método: «Normalmente as minhas primeiras 70 páginas são de escrita fácil, depois tenho necessidade de uma longa pausa, como quem perde o balanço ou o fôlego e precisa de dar tempo para o recuperar, a seguir tenho mais uma etapa larga, por último uma ponta final rápida». Mais: «Há uma versão só. Nunca antecipo nada. O livro vai saindo de si mesmo, é como um longo fio que se vai desenrolando, desenrolando, desenrolando, não há uma versão de 70 páginas que se transforma noutra de 150, e mais tarde de 200 ou

O romancista tem, de resto, uma forte discipli-

na de trabalho. Reserva as manhãs para ler os jornais e os livros, escreve entre o almoço e o jantar, raramente à noite. No tempo em que fazia traduções — e fez muitas, por imperativos de sobrevivência —, não era diferente. Chegava a traduzir seis e sete horas seguidas. Por essa rigorosa disciplina, Baptista Bastos diz que ele tem «a moral proletária do trabalho». E acrescenta que daí lhe vem uma «erudição invulgar», reflectida também nas crónicas que escreveu para o Jornal do Fundão, A Capital ou o Diário de Notícias. Crónicas que reuniu em livros como Deste Mundo e do Outro (1970).

FRONTAL E DISCRETO

Pela mão de Nataniel Costa, Saramago entrou, em 1959, para os Estúdios Cor, onde exerceu funções de editor literário, até 1971. Antes tinha conhecido outros empregos. Trabalhou na Caixa de Abono de Família do Pessoal da Indústria da Cerâmica e na Companhia de Segu-

ros Previdente. Foi crítico literário da *Seara Nova*, em 1969, de que se afastaria por discordâncias estético-ideológicas. E iniciaria a sua carreira de jornalista, ou talvez melhor: editorialista, no *Diário de Lisboa*, em 1970, depois de teram saído do vespertino muitos dos seus mais prestigiosos jornalistas, alguns dos quais foram para o *República*. Ficaram, porém, os ligados ao Partido Comunista (PCP), a que se juntou Saramago.

Após o 11 de Março de 1975, num período especialmente conturbado, vai para director-adjunto do Diário de Notícias, com Luís de Barros - dupla que substitui Ribeiro dos Santos/José Carlos de Vasconcelos, nomeados após o 25 de Abril. Com o 25 de Novembro de 1975, e a derrota da ala revolucionária mais radical, Saramago é demitido. A sua passagem pelo jornal seria, de resto, «quente», à temperatura da época. E marcada pelo chamado «caso dos 24» (24 jornalistas então «saneados»), que lhe valeram alguns dissabores e a fama de estalinista. Numa crónica publicada na passada quinta-feira, no DN, Fernando Pires, na altura sub-chefe de redacção, salienta o rigor milimétrico de Saramago na escrita e a frontalidade de Saramago, que não desculpou uma alegada deslealdade de elementos daquele grupo.

A frontalidade é, aliás, um traço forte do escritor. Conta-se que, numa certa «trica» literária, o poeta Mário Cesariny terá prometido que, se o encontrasse, lhe dava uma estalada. Quis o destino que pouco tempo depois se encontrassem mesmo, no velho Cinema Império. Saramago dirigiu-se a Cesariny e disse: «Aqui estou, sou o José Saramago. Dê-me lá a estalada». Cesariny, claro, não deu.

Baptista Bastos, que há uns anos publicou José Saramago: Aproximação a um Retrato, faz questão de sublinhar: «Ele sempre enfrentou os que o afrontavam. É um homem de uma integridade e de uma moral invulgares». E acrescenta-lhe «a intensa ternura». Para o ilustrar, lembra como no ano passado, preocupado com a sua saúde, Saramago lhe marcou, de Lanzarote, uma consulta médica para o professor Jacinto Simões. «Só me disse: 'Bastos, vais lá no dia tal, às tantas horas'».

Também em termos partidários Saramago sempre foi um militante frontal. Ingressou no PCP, em 1969. Até hoje. Nunca se inibiu, no entanto, de dizer o que pensava, dentro do partido. E chegou, mesmo, a abandonar a



SARAMAGO EM CABO VERDE, EM MAIO DE 1986, NA EMBAIXADA DE DE PORTUGAL. À SUA ESQUER-DA, SENTADOS, ISABEL DA NOBREGA E O ENTÃO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, CORSINO TOLENTINO. DE PÉ (DA ESQ° PARA A DTª) O EMBAIXADOR JOSÉ FERNANDES FAFE, JORGE ALFAMA E HEITOR GOMES TEIXEIRA, RESPECTIVAS MULHERES E LUÍSA RIBEIRO



JOSÉ SARAMAGO COM A SUA FILHA VIOLANTE

presidência da Assembleia Municipal de Lisboa, por discordar das suas directrizes. Carlos Brito, destacado dirigente do partido, recorda que o conheceu nos anos 60, no sector intelectual, a conferir as vendas do jornal *Avante*. Era um verdadeiro recordista: sozinho, vendia 25 exemplares. O que era obra, em tempo de clandestinidade.

Mais tarde, Carlos Brito voltaria a aferir o empenhamento discreto do militante, quando fez uma sessão de esclarecimento, em 1977, em Bragança. Na Assembleia, viu alguém que lhe parecia ser ele. Mas pensou: que faria ele aqui?. No final, foi tirar a prova real. Realmente era. Saramago estava ali, discretamente, acorrendo à chamado partidária. Andava então pelo país fora a recolher informação para o livro *Viagem a Portugal*.

UMA NOVA ESCRITA

No desemprego, depois de 75, Saramago tomou a escrita como um projecto mais sério. Não seria, contudo, fácil encontrar uma editora. Em 1979, a Editorial Caminho decidiu correr o risco de publicar a sua peça de teatro *A*

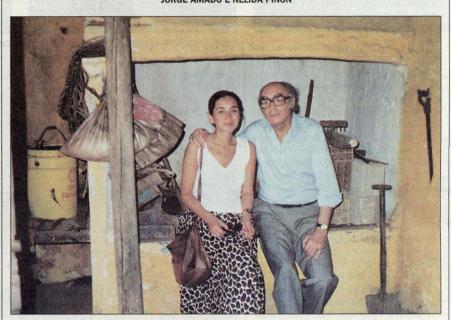
Noite, mais tarde encenada por Joaquim Benite. «Pareceu-nos um excelente livro e, embora soubéssemos que as peças de teatro não vendem, pensámos que poderiamos criar uma relação com o escritor que já conhecíamos de um bom romance, o Manual de Pintura e Caligrafia» — recorda o editor Zeferino Coelho. Na verdade, o livro vendeu mal, mas ganharam a aposta. Foi o início de uma longa «relação» editorial, que já leva 19 anos, «sem sombra de qualquer sombra de problema», como garante o editor. A «seriedade» de Saramago é, aliás, aquilo que o editor mais enaltece na personalidade do escritor.

Levantado do Chão, publicado em 1980, seria a recompensa da aposta da Caminho em Saramago. «Quando o li, senti que era um grande livro. Já com um fôlego e com a musicalidade do estilo de Saramago, que era ainda muito rígido em Manual» — recorda Zeferino. Foi tal o convencimento do editor, que fez uma edição de cinco mil exemplares, o que muitos consideraram ser um disparate. «Pensámos que as pessoas iriam descobrir um grande escritor. E acertámos».

A escrita de Levantado do Chão teve, de resto,



JOSÉ SARAMAGO, EM 1993, EM LISBOA, COM GONZALO TORRENTE BALLESTER, SALMAN RUSHDIE, JORGE AMADO E NÉLIDA PINÔN



PILAR E SARAMAGO NA CASA ONDE O ESCRITOR NASCEU, NA AZINHAGA

CRONOLOGIA

1922 — José Saramago nasce a 16 de Novembro, na aldeia de Azinhaga, no Ribatejo.

1924 — Os seus pais mudam-se para Lisboa. Morre-lhe um irmão com quatro anos.

1929 — Inscreve-se na Escola Primária da Rua Martins Ferrão. Descobre-se, na altura, um erro na sua certidão de nascimento. O funcionário do Registo acrescentou «Saramago», a alcunha da família, como seu apelido. Assim, José é o primeiro «Saramago» da família Meirinho Sousa.

1930 — Muda-se para a Escola Primária do Largo do Leão.

1932 — Matricula-se no Liceu Gil Vicente.

1933 — A mãe oferece-lhe o seu primeiro livro, *O Mistério do Moinho*.

1934 — Transfere-se, por causa de dificuldades económicas, para a Escola Industrial Afonso Domingues.

1939 — Termina os estudos na Serralharia Mecânica da Escola

Industrial Afonso Domingues. Consegue o seu primeiro trabalho, como serralheiro mecânico. 1940 — Passa as suas noites na Biblioteca do Palácio das Gal-

veias, onde lê tudo o que pode.

1942 — Ocupa um cargo nos serviços administativos do Hospital
Civil de Lisboa.

1943 — Trabalha na Caixa de Abono de Família do Pessoal da Indústria da Cerâmica.

1944 — Casa com a pintora Ilda Reis.

1947 — *Terra do Pecado* (romance), Editorial Minerva.

Nasce a sua única filha, Violante. 1949 — Clarabóia, uma novela que nunca chegou a ser publicada. Esta obra continua inédita, apesar da editora, que a havia recusado, lhe ter feito uma proposta de edição passado 40 anos.

1950 — Trabalha na Companhia de Seguros Previdente.

1955 — Trabalha no sector de produção da Editorial Estúdios

1959 — Abandona o seu trabalho na Companhia de Seguros e passa a trabalhar, em exclusivo, na Editorial Estúdios Cor, onde ocupa o lugar de editor literário, deixado vago por Nataniel Costa.

1966 — Quase vinte anos depois, de *Terra do Pecado*, edita o seu primeiro livro de poesia, *Os Poemas Possíveis* (Portugália).

1969 — Colabora, como crítico literário, na Seara Nova.

Torna-se membro do Partido Comunista Português, que nunca viria a abandonar.

1970 — Provavelmente Alegria (poesia), Livros Horizonte.

Divorcia-se de Ilda Reis. Inicia relação com Isabel da Nóbrega, que manterá até 86.

1971 — Deste Mundo e do Outro, Editorial Arcádia (crónicas publicadas no diário A Capital, cujo suplemento A Semana coordenou).

Abandona a Editorial Estúdios Cor.

1972 — Nasce a sua primeira ne-

ta, Ana.

Exerce funções de editorialista no Diário de Lisboa (DL).

1973 — A Bagagem do Viajante (segundo volume de crónicas publicadas n' A Capital e no Jornal do Fundão), Editorial Futura.

Coordena, durante cerca de um ano, o suplemento literário do *Diário de Lisboa*.

1974 — As Opiniões que D.L. teve (Seara Nova). Orienta a revista Arquitectura. Depois do 25 de Abril, é chamado para trabalhar no Ministério de Comunicação Social.

1975 — Entre Abril e Novembro, é director-adjunto do *Diário de Noticias*. Afastado do jornal, na sequência do 25 de Novembro, decide dedicar-se, em exclusivo, à escrita. Entretanto, continua a traduzir (entre 55 e 81 traduzirá 48 livros).

O Ano de 1993 (poesia), Editorial Futura.

1976 — Os Apontamentos (crónicas), Seara Nova.

Durante alguns meses, muda-se para Lavre, Montemor-o-Novo, local onde convive com os trabalhadores da União Cooperativa de Produção Boa Esperança. Desta experiência, nascerá *Levantado* do Chão

1977 — Manual de Pintura e Caligrafia (romance), Moraes Edito

1978 — Objecto Quase (contos), Moraes Editores.

1979 — Poética dos Cinco Sentidos (obra colectiva, contos, Saramago escreve sobre O Ouvido), Bertrand Editores.

A Noite (teatro). Editorial Caminho (que, a partir de agora, salvo referência em contrário, publicará todos os seus livros).

Encenação de *A Noite*, pelo Teatro de Almada, com encenação de Joaquim Benite.

1980 — *Levantado do Chão* (romance), que ganha o Prémio Cidade de Lisboa.

Que Farei com Este Livro? (tea-tro)



um arranque dificil, como recorda JMM. Depois irrompeu «uma nova gramática, uma nova escrita», a marca Saramago. Antes de escrever o romance, o escritor quis conhecer profundamente as pessoas, os lugares, o Alentejo. António Oliveira acompanhou Saramago em muitas dessas visitas ao Lavre. «Viagens divertidas, como sempre» — recorda, salientando que o romancista é um bom «compagnon de route». E é nas viagens, diz ele, que se conhecem as pessoas. Saramago não conduz, mas é um exímio co-piloto, hábil no manejo de mapas e na descoberta de caminhos e lugares. Oliveira adianta que ele lhe mostrou muitas paisagens que desconhecia, nomeadamente na zona de Torres Vedras, da particular afeição do escritor. Mas também em Madrid, onde muito se riram à custa das múltiplas «pelucerias».

A RODA DA FORTUNA

A consagração chegou com *Memorial do Convento*, em 1982. Uma obra que, conforme disse Eduardo Prado Coelho, no bom estilo da época, alargava «a base social de apoio» de Saramago. Foi uma espécie de «roda da fortuna literária», como Saramago costuma dizer. Pôde então assumir-se como um escritor a tempo inteiro. Embora afirme: «Tornarme escritor aconteceu-me, na verdade, sem que eu tivesse a intenção». Quando era adolescente, acreditava que às suas mãos iria parar aquilo que havia de ser seu. Não por fatalismo, confessa, mas isso lhe serve também para explicar que nunca lutou para ser escritor.

O êxito de *Memorial do Convento* dar-lhe-ia uma dimensão internacional. BB recorda que, num almoço promovido pelo então Presidente da República, Mário Soares, ouviu Umberto Eco dizer a Saramago que gostaria de ter escrito o *Memorial*. Tímido, Saramago lembrou-lhe *O Nome da Rosa*. Mas Eco retorquiu que o *Memorial* era muito melhor.

Ao ritmo de um romance de dois em dois anos, assim foi o escruitor conquistando mais e mais leitores, em Portugal e além-fronteiras. E também prémios. Entre eles, o Prémio Camões em 1995. Pelo caminho, um episódio tristemente célebre: em 1992, o subsecretário



Carlos Brito recorda o *tiro* rápido e certeiro de José Saramago, que pôde apreciar a poucas horas do fecho da primeira edição do *Avante* legal. Uma edição coordenada por Álvaro Cunhal, já que Dias Lourenço se encontrava doente. Na aflitiva hora do fecho, deu-se pela falta de duas colunas. Saramago disse então, tranquilo: «Deixem isso por minha conta». Sentou-se á máquina de escrever e uma hora e pouco depois estava pronta a prosa. A 17 de Maio de 1974 aparecia impressa «Exigimos Justiça!» A crónica começava assim: «A tortura é inseparável do fascismo.» Para acabar num verdadeiro clamor revolucionário: «Que o povo veja os rostos dessa subgente no banco dos réus, que se ouçam as acusações, que a televisão mostre a todo o País o que é um torturador. E que a justiça os condene, porque não poderá deixar de condená-los. São os mortos que o exigem, são os vivos que o reclamam!».

de estado da Cultura do governo de Cavaco Silva, Sousa Lara, vetou a candidatura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu por ser pouco cristão... E foi essa uma das razões que o levou então a ir viver para Lanzarote, onde Pilar tem família. Ateu confesso, e comunista militante, Saramago sempre deu que bradar a muitos céus. Ao correr do tempo, tornou-se num crónico candidato ao Prémio Nobel da Literatura. Sobre essa eventualidade, disse: «Se acontecesse essa espécie de milagre do Nobel, a conta bancária ganharia com isso, mas a minha vida não se modificaria nada». E o milagre aconteceu, segundo Saramago. E agora, José?

CRONOLOGIA

Encenação de *O Que Farei com Este Livro?*, pelo Teatro de Almada, com encenação de Joaquim Benite.

1981 — Viagem a Portugal, (Círculo de Leitores).

1982 — Memorial do Convento (romance), a sua obra mais vendida em Portugal — até agora, 281 mil exemplares —, que o consagra internacionalmente.

1983 — Prémio Pen Clube e Prémio Literário Município de Lisboa para *Memorial do Con*vento.

1984 — O Ano da Morte de Ricardo Reis (romance).

Nasce o seu segundo neto, Tiago.

Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores.

1985 — Condecorado pelo Presidente da República Mário Soares com a Ordem Militar de Santiago de Espada, grau de comendador

Prémios Pen Clube e da Crítica

da Associação Portuguesa de Críticos para O Ano da Morte de Ricardo Reis.

1986 — A Jangada de Pedra (romance).

Prémio D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus para *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Inicia no *Jornal de Letras* «A Letra da Tabuleta» (crónicas).

1987 — A Segunda Vida de Francisco de Assis (teatro), encenada, mais tarde, pelo Teatro

Prémio Grinzane-Cavour (Alba, Itália) para *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

1988 — Casa com a jornalista espanhola, Pilar del Rio.

1989 — História do Cerco de Lisboa (romance).

1990 — Estreia, no Teatro alla Scala de Milão, a ópera *Blimunda*, do compositor italiano Azio Corghi, extraída de *Memorial do Convento*, com encenação de Jerome Sayary.

1991 — O Evangelho Segundo

Jesus Cristo (romance), a sua obra com mais edições em Portugal, 21. Com ela, vence o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escri-

Prémio Bracati (Zafferana, Itália). Estreia portuguesa da ópera *Blimunda*, no Teatro de São Carlos. É editada a sua obra completa, pela Editorial Lello.

Recebe o doutoramento «honoris causa» pelas Universidades de Sevilha e de Turim.

1992 — O subsecretário de estado da Cultura, Sousa Lara, do governo de Cavaco Silva, veta a candidatura d' *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu.

Prémio Ennio Flaiano (Itália) para Levantado do Chão.

Prémio Literário Internacional Mondello (Palermo, Itália).

1993 — Fixa residência na ilha espanhola de Lanzarote, no arquipélago das Canárias, como reacção ao acto censório de que

foi vítima por parte do governo português.

In Nomine Dei (teatro).

Prémio The Independent Foreign Fiction (Inglaterra) para O Ano da Morte de Ricardo Reis.

Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores. Membro do Parlamento Internacional de Escritores, com sede em Estrasburgo.

Estreia-se na Alemanha, no Teatro de Münster, a ópera *Divara*, baseada em *In Nomine Dei*, com música de Azio Corghi e encenação de Dietrich Hilsdorf.

1994 — Cadernos de Lanzarote I (diário).

João Mário Grilo realiza Saramago: documentos, produção Zebra Filmes/RTP.

1995 — Ensaio sobre a Cegueira (romance).

Cadernos de Lanzarote II (diário). Prémio Camões.

Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores.*

Doutorado «honoris causa», pela Universidade de Manchester.

1996 — Cadernos de Lanzarote III (diário).

1997 — Cadernos de Lanzarote IV (diário).

Todos os Nomes (romance). Passa a colaborar na revista Vi-

1998 — O Conto da Ilha Desconhecida, conto inédito, (Assírio & Alvim).

Prémio Scanno/Universidade G. D' Annunzi para *Objecto Quase*. Anuncia a publicação do seu próximo livro, *A Caverna*, «uma versão moderna do mito platónico da caverna».

A 8 de Outubro, é-lhe atribuído, pela Real Academia Sueca, o Prémio Nobel da Literatura, que receberá a 10 de Dezembro.

Hoje, dia 14, é posto à venda o 5° volume de *Cadernos de Lanzarote V* (diário). Homenagem do Ministério da Cultura português e da Biblioteca Nacional a prestar, pelas 19 horas, no CCB.

Dar a cara à luta

PEPETELA*

ontrariamente a muitas opiniões já expressas desde que atribuiram a José Saramago o Prémio Nobel da Literatura, devo humildamente confessar que a notícia me surpreendeu. Não muito, mas surpreendeu. Para não haver malévolas interpretações, esclareço desde já que fiquei jubilosamente surpreendido. E me penitenciei imediatamente por ter duvidado, como qualquer crente num momentâneo desvario. Durante anos acusei o júri do Prémio de não conceder esse merecido galardão a Jorge Amado ou José Saramago, apenas porque foram (ou não, não me importa saber) membros do Partido Comunista. Numa conversa relativamente recente com o meu editor, ele me lembrava

que havia Pablo Neruda, comunista chileno que recebeu o Nobel. E eu argumentava que tinham cometido um erro,tinham aprendido e como bons nórdicos que são não reincidiriam no sacrilégio. Felizmente errei. Como em tantas outras coisas. É a nossa triste condição humana duvidar

Pode ser que os tempos sejam outros, que o comunismo hoje já não meta medo a ninguém e por isso se possa reconhecer a excelência da arte e do pensamento de um escritor sem temer assim dar argumentos a subversivos e perigosos comedores de criancinhas. E que soem estranhamente medievais algumas vozes com relentos de inquisição, a lamentarem o fim dos autos-de-fé e a extrema raridade das fatwas contra escritores impios. Pode ser que, de facto, o mundo tenha mudado. E com ele os critérios do júri do Nobel. Pode apenas ser que eu seja um caso perdido de paranóia de esquerda, um poço de preconceitos, obrigado agora a redimir-se publicamente. Pouco importa, faço-o com supremo prazer. E agradeço a Saramago por isso. Não agradeço ao júri, pois não fez mais que a sua obrigação. E estamos con-



A desbagagem do viajante

MIA COUTO

m dia, em Maputo, José Saramago falava de como, em tempos, tinha sido assaltado pela fatal pergunta: «E agora José?». O escritor estava a braços com a sua escrita. Chegara a um ponto em que a criação já não servia o criador. Que outra escrita haveria de seguir? Todos conhecemos a resposta que ele construiu com toda a sua grande obra. Aquela confissão de José Saramago me tocou fundo. Também eu me cruzei com esse sentimento de perda que me obrigou a procurar, a descartar-me daquilo que, não sendo técnica, fazia parte de mim mesmo. Como o viajante que se liberta da bagagem para inventar nova viacem.

Assim, me confirmou o meu amigo José que escritor não é apenas o que sabe escrever. É, antes de mais, aquele que sabe deixar de saber escrever. Ou ainda mais grave: aquele que anseia essas súbitas e passageiras ignorâncias.

Daqui, deste Moçambique com que Saramago se empenhou, desta literatura que ele tanto apoiou, vai um abraço solidário, cheio de todas alegrias por esse tão merecido prémio.

*Escritor moçambicano

Recebi com grande alegria a notícia da atribuição a Garcia Marquez ou Soyinka, muitos anos atrás. Das duas vezes me apeteceu escrever-lhes dizendo quão raro era premiarem alguém que eu já tinha lido e apreciado. Sucedeu de novo. A alguém que é nosso, que podemos questionar quase em família, através de livros que conhecemos (a propósito, quem é capaz de repente de indicar três nomes entre os nobelizados dos últimos dez anos? Provavelmente, só os especialistas. E os livros deles ainda menos. Por isso entendem o que quero dizer)

Muitos falam e escrevem da justiça feita desta vez. É tão óbvio, Saramago é tão grande escritor, que até nem dá vontade repetir. E como co-

mecei este despretensioso texto por observações de indole política, muito mais que literárias, embora estas estivessem em filigrana, termino também com uma menção mais ao homem e menos ao escritor (se é legítimo distinguir). Gostaria de referir a emoção que nos toma quando pensamos em alguém que recebe o Nobel e que não é um escritor que se fecha numa redoma inacessível, mas é alguém que sempre deu a cara à luta, sempre defendeu grandes causas, as dos humildes e oprimidos do mundo. Ser escritor não é apenas saber manejar palavras com arte, digam os puristas e les sages de la cité o que quiserem. É ser um homem do seu tempo, é participar na aventura colectiva da humanidade, sofrer as suas derrotas e chorar de orgulho com as suas vitórias. Sobretudo, é estar presente. Saramago sempre esteve disponivel para defender as suas ideias e o que julgou serem os interesses dos homens. Sempre esteve presente quando foi preciso. Por isso estarão muitos milhões de leitores e amigos com ele em Estocolmo.

* Escritor angolano, Prémio Camões

Há muito que Deus se agrada das tuas obras

LÍGIA FAGUNDES TELLES*

entarei resumir os dois aspectos que me parecem os mais importantes na concepção deste prémio ao querido e gande escritor José Saramago, vamos lá. Vejo acima de tudo uma admirável abertura para a própria língua portuguesa, sim, para esta última flor do Lácio que neste vasto mundo tem sido escandalosamente confundida com o espanhol. Equívoco que tem levado esta escritora a começar seus depoimentos no exterior com uma declaração de identidade, que minha língua é a portuguesa com estilo brasileiro, é certo, mas a pátria é a portuguesa. Não só navegar é preciso mas também citar Fernando Pessoa que Saramago considera — a porta de Portugal. Espaço maior para a língua e isso através

de uma obra que é uma bela e profunda reflexão sobre a condição humana e a sua circunstância. Com extraordinária lucidez e coragem José Saramago vem dando o seu testemunho deste planeta enfermo, ah!. como o mundo ficou difícil. Então, com a sua palavra, ele tenta libertar o próximo, desembrulhar esse próximo, desembrulhando a si mesmo. Esclarecer é dar esperança? Pois seja, uma encegada esperança nesta realidade social corroída pela ambição na sua desafinada vontade de poder que só pode gerar a violência. A crueldade. Dentro dessa temática da denúncia esta seria uma obra áspera seria uma esponja pingando do céu? Nunca porque o ficcionista é acima de tudo um sedutor, ele sustenta a sábia ideolo-

gia da denúncia mas numa linguagem fascinante que envolve e arrebata. Muitas vezes recorre à graça do realismo mágico, sim, é preciso recorrer ao mistério no oficio de tentar ajudar o próximo tão precisado de solidariedade e de amor. Sei que José Saramago é agnóstico, é claro, sei também que volta e meia ele se envolve nos mistérios místicos para negá-los embora! mas se envolve neles, então para terminar queria oferecer-lhe esta rosa do Eclesiastes, posso? «Vai, come o teu pão com alegria e bebe o teu vinho com o coração contente pois há muito que Deus se agrada das tuas obras.»

*Escritora brasileira

HOMENAGEM NACIONALA

José Saramago

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA 1998

"Dificílimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores..."

José Saramago

Por iniciativa do Ministério da Cultura e organizada pela Biblioteca Nacional, realiza-se hoje, quarta-feira, dia 14 pelas 19 horas, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, uma homenagem da cultura portuguesa a José Saramago, por ocasião da atribuição ao escritor do Prémio Nobel da Literatura.

A cerimónia será aberta ao público.

O ESSENCIAL E O CIRCUNSTANCIAL

Uma harmonia

MARIA ALZIRA SEIXO

Presidente, durante vários anos, da importante Associação Internacional de Literatura Comparada — e hoje sua presidente honorária, qualidade em que, em Junho último, escreveu à Academia Sueca a carta que em caixa se revela —, prof^a catedrática da Faculdade de Letras de Lisboa, de que foi presidente dos conselhos científico e directiva, ensaísta de prestígio e colunista do JL, Maria Alzira Seixo é também amiga de José Saramago e especialista da sua obra, que já aqui analisou em diversas oportunidades e a propósito de vários livros seus. Em véspera de partir para Macau, para participar num seminário internacional, de que é coordenadora, sobre «A Viagem na Literatura», com estudiosos de 28 países, escreveu ainda para o JL este texto, em que se conjugam o testemunho pessoal e o comentário da especialista

or razões que não vêm agora ao caso, este dia 8 de Outubro de 1998, na noite do qual escrevo, amanhecera-me, em termos pessoais, bastante tristonho. Viagem a fazer no dia seguinte, malas a preparar, trabalhos a acabar, e a completa ausência de entusiasmo para o que quer que fosse. Ao fim da manhã, durante um telefonema de esquematização de tarefas, a Joana Varela perguntou-me se eu já sabia a grande novidade. Eu não sabia. O Saramago teve o Nobel. Não é verdade, disse eu. É, retorquiu ela. Eu fiquei como que «ao lado» daquela notícia inesperada - ainda ontem à noite, depois do jantar, comentara com o Zé e a Maria (meu filho e minha nora) a velha história do Nobel, o escândalo da literatura portuguesa sem a distinção que marcara tão positivamente toda a minha geração, a crença que apesar de tudo me levara em Junho último a escrever uma carta pessoal à Academia a protestar contra tal situação, o desapontamento que me ia progressivamente atingindo, como professora de Literatura que convive diariamente com livros, e muito particularmente com obras da literatura pátria, quanto ao reconhecimento da qualidade e da dignidade desta nossa tão significativa produção cultural. É certo que as distinções não marcam ontologicamente os objectos sobre os quais incidem, mas num esquema de proporções relativas, a nossa literatura ficava seriamente «magoada»

pela carência com que se distinguia já das outras, e o Nobel ainda é, apesar de tudo, a homenagem mais vultuosa, em sentido próprio e em sentido simbólico, que os homens prestam internacionalmente à criação literária.

Disse muitas vezes, e escrevi-o também algumas, que a atribuição do Nobel a qualquer escritor português, ou mesmo só de língua portuguesa, me deixaria muito feliz. Tinha, como cada um de nós certamente tem tido, algumas (de facto, tinha várias...) preferências, dando assim azo à cumulação positiva de vários tipos de atribuição. De modo geral, não ousava esperar que essa atribuição viesse a recair sobre escritores que, além da qualidade estética, tivessem ainda outra qualidade menor, mas para mim inestimável - serem meus amigos; e, deste modo, nunca fiz parte de grupos que expressamente propusessem, em termos pessoais ou institucionais, uma candidatura. Quando, em Junho último, escrevi à Academia, foi mais para dar conta da decepção pessoal e geracional experimentada, em função do manifesto ostracismo a que as letras portuguesas eram ao longo de tantas décadas por ela votadas, e com todas as motivações a apontarem, nos últimos anos, para uma atitude contrária, do que para sugerir um candidato; e, ao mencionar Sophia de Mello Breyner como nome exemplar de consenso, fi-lo não só por convicção, que é firme e pessoal, mas sobretudo porque a enorme simpatia que me merece Sophia de Mello Breyner Andresen, e de que penso receber um certo eco em troca, está longe de consistir numa intensa amizade ou convivialidade de sentimentos íntimos. Mencionei, aliás, Sophia como candidata exemplar que é de um grupo constituído por uma boa dezena de escritores portugueses que hoje em dia merecem o prémio, e que, qualquer deles, supera em qualidade a maioria dos últimos escritores que o Nobel tem consagrado, com algumas raras excepções - e disse-o nessa carta, com todas as letras. Não mencionei mais nomes. Não podia. Não queria. (Podia dar azar, e eu acredito em bruxas). Já bastava o que bastava - essa obliteração contínua e, tudo indicava, durável. A minha carta não foi uma proposta, foi um clamor de indignação.

hoje a Joana diz-me aquilo. Não pode ser. Precipitei-me para o telefone de Lanzarote, mas estava (tem estado: só às onze da noite consegui ligação) continuamente impedido. E o noticiário da uma da tarde confirmou-me. Então o Saramago sempre tem o Nobel! É-ver-da-de! E aquilo que para alguns amigos nossos era evidente (que o Saramago, sim, mais cedo ou mais tarde, iria receber o prémio), para mim não o era nada, porque o que é bom nunca nos acontece. E darem o prémio ao Saramago, céus!, era quase darem-mo a mim! Perdoe-se-me o exagero, simbólico, metafórico, hiperbólico, pretensioso e tudo o mais, mas os afectos são o que de mais querido a gente tem na vida, e há que ser com eles muito recto e exigente (e ser recto e exigente significa justamente não cair em louvaminhices, nem em recuos acríticos ou cobardes

de apreciação, mas também não de retenção nos apreços): o meu escritor português preferido, o escritor que eu trabalho mais, que leio e releio constantemente, que sei de cor em tantas páginas, é logo ele que vai merecer a maior distinção mundial, e guindar a «minha» literatura ao conhecimento vulgarizado do mundo inteiro! Oiçam, isto «não» nos acontece, ou quando nos acontece é... uma felicidade, uma loucura, uma emoção que quase não se consegue suportar e até custa a compartilhar. O mundo todo vai ler, e decerto com gosto, o que «eu», leitora singular e corrente, leio! Isto é quase uma forma nova e privilegiada de comunicação - com a totalidade das gentes, com o comum dos leitores no planeta. Melhor do que a Internet: porque, lendo um bom escritor, compartilhamos de uma experiência não só humana, mas também histórica, estética, ideológica, reflexiva, simbólica.

E assim o meu dia «virou», de baço tornou-se brilhante, mas não com um brilho de sol ou luminosidade de encanto, de hossanas gloriosos ou vivas de uma vitória engrandecedora: ficou quase como aquela cegueira lactescente de que ele fala no romance a que eu chamo, em jeito disfemístico carinhoso, O Livro dos Ceguinhos; ficou «deslumbrado», «ofuscado», obsessivo e inteiramente lateralizado em relação a tudo o resto. Isto é: com uma visão, de preferência, interior. Aliás, o Saramago está longe, anda lá por Frankfurt a dar entrevistas e a responder quinhentas vezes às mesmas perguntas dos jornalistas daquele modo admirável que



consiste em dizer sempre o mesmo, com organicidade e coerência, mas de cada vez de forma diferente, e sempre aguda, e de cada vez mais engenhosa e subtil.

E é aqui que eu quero chegar com este escrito, que é, sim, de inteira homenagem. Confesso. (Não me macem hoje com a crítica! E, como quase diria o Pessoa, tirem-me daqui a meta--linguagem!). Homenagem por um Nobel certo, justo, adequado. Que distingue, entre tantos escritores portugueses que o mereciam, um dos que decerto o mereciam mais. E porquê? Pela regularidade progressiva, e cada vez mais apurada, da sua obra. Pelo jeito pessoalíssimo de pegar na circunstância anónima e comum, e dela fazer comunicação essencial, de sentido fundamental direccionado ao que o ser humano tem de mais secreto, de mais dramático e de mais indizível. Pelo seu modo de pegar no passado e «abalar-lhe» os fundamentos comummente aceites, de forma a fazer-nos pensar, interrogar, discemir. Pelo seu modo de pegar no futuro e imaginar-lhe situações que parecem de facto nossas, contemporâneas e ameaçadoramente próximas, e contra a sua possibilidade nos fazer fortemente reagir. Pela sua linguagem rasteira, quase banal, a linguagem de qualquer português de cultura mediana, e organizá-la em medidas frásicas de consecução do sonho e da ameaça, do desejo e da monstruosidade. Pela maneira diversificada, sempre surpreendente, de imaginação fértil mas de investigação precisa e aplicada, com que consegue colocar-nos perante situações de limiar na condição humana e de crise no desenrolar histórico, e torná-las comuns, ou vive-versa, sublinhando-lhe simultaneamente o carácter de profano e o investimento de sagrado. Pelo rigor com que faz convergir o interesse narrativo na circunstância efectiva do mundo real e corrente, sem nunca enjeitar a dimensão transcendente que constantemente convoca, e sugestivamente desenvolve, e subtilmente vai deixando em suspenso, como interrogação constante da observação do mundo, tanto quanto afirmação necessária da sua eventual transformação. Pela sugestividade encantatória, de interrogação do raciocínio que não de musicalidade esteticista, com que trabalha o ritmo da frase, o seu paralelismo suspensivo e oralizante, a sua melopeia de discurso falado ou narrativizado, as cadências que pontuam a rara detenção de uma voz fértil e contínua. Pela diversificação cultural dos domínios da sua ficção: as letras, a música, a arquitectura, a pintura, a arte como expressão e como actividades culturais supremas, tanto como a criatividade anónima da manifestação popular ou até analfabeta. Pelos registos diferenciadíssimos da sua expressão: realista, fantástico, expressionista, lírico, alegórico, utópico, marginal, hiper-real, onírico.

elo exemplo. Assunto este quase interdito. Politicamente incorrecto. Pois que seja. Saramago, um homem convencido? Claro, enquanto não lhe demonstrarem o contrário, ele manterá as suas convicções (e eu que o diga, que já tantas vezes tentei provar-lhe as minhas, autênticas verdades universais, eu bem o «sei», e em vão), e mantê--las-á com força, e, para nosso grande mal (dos que dele discordamos), com aquela capacidade de expressão que lhe dá logo, pelo menos, três quartos de razão, mesmo que a não tenha. Saramago, um homem cheio de si mesmo? Claro, ele é grande, não podemos deixar de dar por isso... Saramago, o inverosímil comunista dos dias de hoje? Inverosímil porquê? Não conquistámos a democracia para dar o direito a todas as formas de pensamento? Ou a democracia só deve ser tolerante com os excessos de direita ou mesmo pró-fascistas? Ou a democracia não foi justamente

Homenagem por um Nobel certo, justo, adequado. Que distingue, entre tantos escritores portugueses que o mereciam, um dos que decerto o mereciam mais. E porquê? Pela regularidade progressiva, e cada vez mais apurada, da sua obra. Pelo jeito pessoalíssimo de pegar na circunstância anónima e comum, e dela fazer comunicação essencial, de sentido fundamental direccionado ao que o ser humano tem de mais secreto, de mais dramático e de mais indizível. Pelo seu modo de pegar no passado e «abalar-lhe» os fundamentos comummente aceites. de forma a fazer-nos pensar. interrogar, discernir. Pelo seu modo de pegar no futuro e imaginar-lhe situações que parecem de facto nossas, contemporâneas e ameaçadoramente próximas, e contra a sua possibilidade nos fazer

fortemente reagir



conquistada por homens que pensavam como ele ou afins? Inverosímil é colocar tal questão, indiciadora de jeitos de intolerância aos quais justamente a obra e a prática de Saramago são alheios (e não me venham outra vez com as indignações do D.N., que a história já foi muitas vezes contada, e a caça às bruxas não tem época fixada no nosso calendário). Saramago, o diarista dos êxitos? (E eu nem quereria tocar neste assunto, porque também uma vez eu e ele nos pegámos por tal questão, e também aqui não tive artes verbais para o convencer). Mas direi, repetindo-me: se ele

só tem êxitos para contar, que nos há-de contar o seu diário? E porque não lhe apontam as outras dimensões da sua personalidade: a sua indiferença à ostentação material, por exemplo; a sua sobriadade de vida e costumes; o seu gosto em ajudar os outros; o modo interessado com que escuta a aventura de cada um, o incidente acontecido ao amigo menos próximo, a amargura de um qualquer ser descohecido e distante.

Escrevi um dia um livro, que hoje necessita de uma urgente actualização, e que se chamou, por exigências de colecção, «o essencial sobre José Saramago». Ora uma das componentes que nesse livro deverei actualizar é que, de facto, o «essencial», na obra de José Saramago, é fortemente devedor do «circunstancial», no sentido em que Mallarmé apontava a circunstância como componente directa da expressão poética, a saber, a percepção singular do mundo que o artista reelabora no seu discurso trabalhado e peculiar, e que, em Saramago, acentua fortemente a tensão que religa esse mundo, vasto e descompensado, à singularidade que o vê, o apreende, o enforma e o reelabora. Que essa tensão tem nele uma marca humana e experiencial própria, entendi-o há pouco quando o ouvi dizer, na televisão, daquele jeito discreto que quase pede desculpa pelo insólito do seu dizer, essacoisa de facto insólita: que é um homem feliz; mas desta vez disse-o juntado uma palavra decisiva, e que pode talvez contribuir para o entendimento da sua mundividência: que a felicidade é a construção de uma harmonia. E compreendemos: converter a tensão evidente (e irrecusável) do mundo, e da vida, em harmonia. Donde a música, a arte, a importância dada a todas as formas de percepção sensorial na sua obra, e a necessidade de as articular sempre com o raciocínio, com uma actividade contínua de elaboração do pensamento, e do discurso que nele pensa. E com o trabalho do ritmo que isso diz. A melopeia do dizer imemorial dos homens que colectivamente vem pesar na singularidade do artista que produz. e do narrador que narra. E que narra na inenarrável aventura de tudo tentar conter na confessada individualidade da sua entidade pensante. Como diz num dos meus (seus?) livros preferidos, «A Jangada de Pedra»: «Mesmo que a rota da minha vida me leve a uma estrela, nem por isso fui dispensado de correr os caminhos do mundo»

Carta à Academia Sueca

Senhores académicos:

Na minha qualidade de presidente honorária da Associação Internacional de Literatura Comparada, que agrupa 8000 professores universitários de 60 países, e, sendo, há 20 anos, professora catedrática de Literatura Francesa, Portuguesa e Comparada na Universidade de Lisboa, onde ensino há 32 anos, venho chamar a vossa atenção, para efeitos de consideração do Prémio Nobel, para a literatura portuguesa, antiga de nove séculos, uma das mais ricas da Europa, durante uma grande parte do século XX ignorada no plano internacional devido ao problema político criado pelo governo de Salazar, e que manifesta, nos últimos cinquenta anos, uma vitalidade e uma qualidade consideráveis, e que de maneira escandalosa, nunca mereceu com sucesso o vosso olhar interessado.

Muitos escritores portugueses, uma dezena pelo menos, situam-se acima da qualidade média das vossas últimas atribuições, dos quais os mais notáveis fizeram já parte da vossa «short list». Um nome poderia reunir o consenso à hora actual: a poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, personalidade de um dimensão cívica exemplar desde sempre, autora de uma vintena de livros de poesia e de contos duma perfeição admirável, e que tem sempre agido pessoalmente no sentido da liberdade e da paz.

Considero um dever da minha parte, em nome do que o Nobel representa ainda para a minha geração, e em nome da grandeza das Letras Portuguesas, manifestar-vos o meu sentimento.

Com a expressão da minha mais alta consideração

MARIA ALZIRA SEIXO

DIÁLOGO INÉDITO

O momento decisivo

Em finais de Janeiro do ano passado, durante três dias e ao longo de quatro sessões de trabalho, num total de cerca de sete horas, recolhidas em seis cassetes audio, mantive com José Saramago um intenso e sistemático conjunto de diálogos. Os encontros ocorreram em Lanzarote, em casa do escritor, no cenário ao mesmo tempo árido e fascinante de uma ilha povoada por trezentos vulcões extintos.

Falei em sessões de trabalho, porque disso mesmo se tratou; e referi-me a diálogos num sentido que pouco (ou nada) tem que ver com a conversa desenvolta que decorre ao sabor do acaso, sem prévia orientação nem calculado propósito. Tratava-se muito simplesmente de registar testemunhos do escritor não apenas, como depois se verá, sobre a sua obra, mas também sobre diversos aspectos da criação literária com os quais forçosamente essa obra dialoga: da história literária do escritor (formação, profissões, contactos, leituras, fantasmas pessoais, etc.) à linguagem da narrativa (motivações e elementos estruturantes, escrita e efeitos): da condição do escritor, no contexto da instituição literária, à reflexão problematizante sobre a História, os seus mitos e as suas mistificações; da questão dos géneros literários à relação com o cânone e com os sistemas ideológicos que na obra literária se projectam. De tudo isto e do mais que depois se verá nasceram os diálogos de que aqui se faculta desde já uma pré-publicação, anunciando o livro que, muito em breve, surgirá com um título (quase) obrigatório: Diálogos com José Saramago, a editar pela

Não se trata, aqui e no livro a vir, de esgotar o pensamento estético de um escritor que é, sabêmo-lo bem, um exemplo vivo e activo de constante questionação e auto-questionação; muito menos se trata de estipular um roteiro de leituras para o futuro, guiando o leitor no incerto trajecto pelas obras do autor: se assim fosse, estaríamos a dar à palavra de Saramago uma dinâmica normativa que ela não tem, porque não quer e porque não deve tê-la. Como quer que seja: mesmo aquém dessa perversa tensão normativa, os Diálogos com José Saramago revelam, por certo, alguma coisa do seu pensamento estético e da sua forma de estar na vida, como escritor, mas também como cidadão. É isso que terá sido retido e (já agora) disponibilizado para leitores de diversa motivação: do leitor corrente dos romances de Saramago ao estudioso da sua obra, passando pelo professor que trabalha com os seus textos e pelo estudante que (supostamente) os lê.

Carlos Reis — Em 1977, Você publica um romance chamado Manual de Pintura e Caligrafia. Trata-se de um romance autobiográfico? É um romance de aprendizagem? Como é que Você hoje olha para isso a que então chamou "Ensaio de romance"?

José Saramago — Hoje olho para isso como não podia olhar então, claro está. O Manual de Pintura e Caligrafia provavelmente é um livro de aprendizagem; mas é também (e já o disse várias vezes) talvez o meu livro mais autobiográfico.

Nessa altura, o que me levou a escrever esse livro foram duas razões de ordem pessoalíssima, que não têm que ver com situações sentimentais ou doutro tipo, mas sim com uma espécie de descoberta de mim feita por mim, relacionamodo diferente de contar a própria vida é o que se encontra ali, com os três exemplos dados, das Mémoires d'Adrien, do Defoe e do Rousseau ou seja, modos distintos de começar a falar de vidas; e como eram distintos, as vidas a contar tinham de ser necessariamente distintas.

CR — Recuando um pouco mais, gostava que explicasse a história (se é que há uma) foi publicado, chamado A Clarabóia.

que eu não sei porque é que contei aquela história. É a história de um senhora viúva (o marido morre no princípio) que tem dois filhos; tudo isto se passa num meio que é mais ou menos o dos meus lugares natais: a aldeia chama-

do romanceTerra do Pecado e de um texto seu que foi agora reencontrado e que nunca - Quanto à Terra do Pecado, a verdade é



CARLOS REIS COM O ESCRITOR, EM LANZAROTE, ENTREVISTANDO-O PARA O LIVRO *DIÁLOGO COM JOSÉ SARAMAGO*, A EDITAR AINDA ESTE ANO

da com a falsidade, com o que não é. E o que não é — ou a porta por onde eu entrei nesse livro — consistia nisto: eu nasci efectivamente no dia 16 de Novembro de 1922; no registo do meu nascimento está 18, portanto, algo que não é verdade. Eu devia chamar-me simplesmente José de Sousa, porque assim o meu pai julgou que me tinha registado, na Conservatória do Registo Civil da Golegã; e sete anos depois, quando eu entro na escola e o meu pai tem de pedir uma certidão de nascimento minha, ele descobre com assombro que o filho se chama José de Sousa Saramago, porque o empregado do Registo Civil tinha, por sua conta e risco, acrescentado ao nome a alcunha da família.

Estes dois factos mais a falsidade que encerram, levaram-me a imaginar um livro em que cada personagem contaria a mesma história, contando histórias diferentes, porque cada um deles ou tinha uma percepção do que estava a acontecer diferente da dos outros, ou tinha razões para introduzir elementos falsos ou verdadeiros; e depois, quando se chegasse ao fim desses diferentes relatos, a situação final seria a de não se saber efectivamente quem era aquela pessoa e o que é que era verdade ou mesmo se haveria alguma verdade ali. Como é que isto depois se transformou no Manual de Pintura e Caligrafia isso eu já não sei. Mas mesmo o se Miranda que é uma quinta (chamada quinta de Miranda) que está ao lado da minha aldeia. Trata-se de proprietários rurais, pessoas que eu não conheci efectivamente porque nunca vivi nesse meio, mas enfim, lá imaginei aquilo. E há uma criada que se chama Benedita e que vem em linha recta da Juliana do Primo Basi-

A Terra do Pecado é um livro sedimentário, que devia chamar-se A Viúva, mas chamou-se Terra do Pecado porque o editor disse: "A Viúva não é um título bom, vamos arranjar-lhe outro, como Terra do Pecado". Concordei: eu queria era ver o livro cá fora.

CR — E A Clarabóia? O que é esse livro e de que época é?

JS — É imediatamente a seguir. A Clarabóia é a história de um prédio com seis inquilinos sucessivamente envolvidos num enredo. Acho que o livro não está mal construído. Enfim, é um livro também ingénuo, mas que, tanto quanto me recordo, tem coisas que já têm que ver com o meu modo de ser.

O livro foi enviado para um editor, para o Diário de Noticias, por lá ficou quarenta anos, até que um dia recebo uma carta dizendo: "Foi encontrado, na reorganização dos nossos arquivos, o original do seu livro, etc., etc." E então diziam logo: "Se quiser publicar, nós publicamos". Fui lá, à Empresa Nacional de Publicidade, e saquei o livro que agora está aí.

CR — Uma questão que interessa a quem estuda a sua obra: você tem a noção de que a sua obra — vamos agora falar dos anos 70 em diante — evoluiu?

JS — Eu não sei se ela evoluiu. Penso que temos que voltar um pouco atrás, ou seja, às crónicas que foram mais ou menos publicadas entre os anos 68 e 72; são crónicas que eu publiquei n'A Capital e no Jornal do Fundão. Acho (o estudioso pode ter outra opinião, perfeitamente legítima e se calhar muito mais fundada), acho que, para entender aquele que eu sou, há que ir às crónicas. As crónicas (provavelmente mais do que a obra que veio depois) dizem tudo aquilo que eu sou como pessoa, como sensibilidade, como percepção das coisas, como entendimento do mundo: tudo isso está

Como passei das crónicas ao romance? Não sei. Agora, mudança? Eu acho que não... Eu acho que me encontrei num certo momento da vida e provavelmente encontrei-me no Levantado do Chão, que é um livro que foi escrito daquela maneira pelo facto de eu ter estado no Alentejo e de ter ouvido contar histórias. Estive no Alentejo em 1976 e saí de lá com o livro todo arrumado na cabeça: foi escrito três anos depois, sendo certo que escrevi o Manual de Pintura e Caligrafia e Objecto Quase provavelmente (há algum exagero nisto, mas apetece-me dizê- lo) porque não sabia como havia de escrever o Levantado do Chão. E a prova encontra-se talvez no meio dos papéis que tenho para aí, onde será possível ver o momento em que o Levantado do Chão nasceu. Porque eu acabei por me decidir a escrever o livro, sabia o que queria contar, mas aquilo não me agradava, havia uma resistência em escrever; mas comecei a escrevê- lo, fui até à página vinte e tal e de repente, sem reflectir, sem pensar, sem planear, sem ter posto de um lado os prós e do outro lado os contras, achei-me a escrever como hoje escrevo.

CR — O que quer isso dizer?

JS - O que eu quero dizer, no que toca à mudança, à melhoria e ao que permaneceu, é isto: tudo o que tinha que mudar aconteceu naquele momento. Entretanto, julgo estar a assistir, nestes últimos livros (sobretudo no Ensaio sobre a Cegueira), a uma espécie de ressimplificação. Hoje verifico que há em mim como que uma recusa de qualquer coisa em que eu me divertia, que era essa espécie de barroquismo, qualquer coisa que eu não levava, mas que de certo modo me levava a mim: e estou a assistir. nestes últimos dois livros (o Ensaio sobre a Cegueira já mostra isso muito claramente e Todos os Nomes também), a uma necessidade maior de clareza. E contudo, tenho sobre o Barroco literário (e não só sobre o Barroco literário) a ideia de que tudo isso que às vezes parece uma complicação gratuita, no fundo representa ou pode representar uma espécie de busca desesperada da clareza, que acaba por complicar-se, porque é desesperada. Como se fosse necessário fazer vários traços para chegar a

uma expressão que o traço único não pode dar.

CR — Você hoje em dia é um escritor profissional. É bom ser escritor profissional?

JS — É bom quando as coisas correm bem. Por mim, achei-me escritor profissional; nunca disse "vou ser escritor". Fui escrevendo livros, mas em nenhum momento dos livros que escrevi, desde 1966, a partir do *Provavelmente Alegria*, em nenhum momento me via co-

mo o escritor. Quando se diz o escritor isso significa que se é escritor de uma maneira constante.

Em cada momento em que eu estava a escrever um livro ou em que o publicava, eu tinha sido um escritor ou estava a ser um escritor. Mas isso não me transformava em escritor. Encontro-me escritor quando, de repente, a partir do Levantado do Chão, mas sobretudo a partir do Memorial do Convento, descubro que tenho leitores. Foi a existência dos leitores (de muitos leitores) e de certo modo também uma pressão não quantificável, que eu poderia imaginar que resultava do interesse desses leitores, que me levou a continuar a escrever.

Mas aí, atenção! Creio que a grande diferença que, apesar de tudo, continuo a estabelecer entre esse escritor que sou e o escritor profissional comummente entendido é que eu sou rigorosamente incapaz - e isto não o digo por presunção - de escrever um livro só porque vou necessitando de continuar a ter o prato com comida na mesa e a família em condições.

CR — Onde está, então, a razão (ou a necessidade, se preferir) que explica os seus livros?

JS — O que eu quero dizer com isto é que, se não tenho uma razão para escrever aquele livro não o escrevo. E também não vou dizer: "Agora preciso escrever um livro e tenho que inventar aqui uma história qualquer, porque os leitores e o editor estão à espera, tal como a conta do banco está fraquita; portanto, vou escrever um livro por causa disso".

De todos os meus romances creio que se pode demonstrar que foram escritos porque o autor deles tem umas quantas questões a resolver que só pode resolver (ou tentar aproximar-se da resolução delas) escrevendo um livro. Não creio que haja nem venha a haver nenhum livro meu (embora isso também não fosse nenhuma vergonha, evidentemente) do qual as pessoas digam: "Mas porque é que ele escreveu isto?" Não é que eu ache que os livros que escrevi são livros que não existiam (todo o livro que se escreve é porque não existia antes, já sabemos). Não: o que há ali são livros em que eu, como cidadão, como pessoa que sou, diante do tempo, diante da morte, diante do amor, diante da ideia de um Deus existente ou não, diante de coisas que são fundamentais (e continuarão a ser fundamentais), procuro colocar o conjunto de dúvidas, de inquietações e de interrogações que me acompanham e que podem ser de carácter imediatamente político (é o caso d' A Jangada de Pedra) como podem ser interroga-

O *Levantado do Chão* é o livro que de certo modo não está neste quadro; ele era uma questão de outro tipo que eu tinha que resolver e

Eu acho que me
encontrei num certo
momento da vida e
provavelmente
encontrei-me no
Levantado do Chão,
que é um livro que foi
escrito daquela
maneira pelo facto de
eu ter estado no
Alentejo e de ter
ouvido contar
histórias

que tinha que ver com a minha própria vida, com o lugar onde nasci; eu não nasci no Alentejo, mas, enfim, mutatis mutandis a história é a mesma. Assim como se eu tivesse que agarrar naquela gente que foram os meus avós, os meus pais e os meus tios, essa gente toda, analfabetos e ignorantes, e tivesse que escrever um livro.

CR — A que conclusão é que chega, depois do que acaba de dizer?

JS — A conclusão a que eu queria chegar seria talvez esta, formulada com toda a prudência:

acho que talvez haja uma metafisica nos meus romances. Acho que talvez haja matéria para uma ponderação daquelas personagens, perguntando o que é que buscam, o que é que as preocupa, em que medida é que elas são *alter egos* do autor, de uma maneira ou outra. Foi isso que, de uma forma talvez quase involuntária, me levou, mais de uma vez, a dizer: "Provavelmente eu não sou um romancista; provavelmente sou um ensaísta que precisa de escrever romances porque não sabe escrever ensaios".

Pode dizer-se que *O Ano da Morte de Ricardo Reis* vem por causa da moda do Pessoa e tudo o mais; portanto tratou-se também de meter um livro naquela onda. Mas não, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* levanta questões específicas:



por exemplo, uma que tem que ver com o Manual de Pintura e Caligrafia, ou seja, o que é a verdade, quem é o outro? É esta indagação do outro, que aliás vai aparecer agora no romance que eu estou a escrever, o tal Todos os Nomes, é ela que é em tudo (de uma forma metafórica, claro está) a procura do outro, ainda por cima a busca do outro que não se encontra lá nunca. E como é que isto aparece, esse outro ser, essa outra possibilidade de ser que está n' A Jangada de Pedra? Julgo que há aqui matéria para abordar aquilo que tenho feito, não apenas do ponto de vista dos estudos literários, mas também de um outro ponto de vista que eu não saberia como chamar, mas que tem que ver com investigação de outra espécie. Vale a pena meter aqui a filosofia ou uma busca desse tipo?

O milagre também se constrói

MARIO CASTRIM

imos pela televisão: as multidões corriam à procura dos livros. Dirigiam-se às livrarias, como se dirigiriam ao local perdido nas solidões da planície onde a televisão dissesse estar aparecendo Nosso Senhora, com o espaço cheio de promessas, ou de bonus de promoção para o *Euromarché*.

De súbito, o prémio era mais do que um prémio: era um milagre. Olhem lá, não querem ver as coisas que acontecem? Anda

uma pessoa praqui e pracolá, a tratar da vidinha e nem mais nem menos, quando acordamos, estamos todos célebres. Somos todos importantes. O mundo inteiro fala da gente. Viva Portugal!

Em primeiro lugar, sermos importantes por causa do prémio não tem mal nenhum. Antes pelo contrário. Falo por mim, que é só do que sei. Logo ao conhecer a notícia, agarrei-me ao telefone a dar a novidade aos amigos portugueses e estrangeiros. Nos intervalos, eram os amigos a telefonar para mim.

Havia nisto qualquer coisa de já vivido. Ainda há quem não acredite na reincarnação!

Nós já tínhamos sido importantes uma vez. Tínhamos descido da cruz e andávamos pelo nosso pé. Os cravos tinham desaparecido das mãos, agora os cravos das mãos eram outros.

Com o dobrar dos anos, a auto-estima foi minguando. Então o prémio veio e muita gente acordou outra vez.

Doeu-me que a tantos parecesse um milagre. Este prémio estava-nos devido desde Gil Vicente, Rodrigues Lobo, Padre António Vieira, Bocage, João de Deus, e Camilo e Eça e Graciano e Manuel Bandeira e Guimarães Rosa e sei lá e sei lá. escândolo não era que o prémio acontecesse. O escândalo seria se, mais uma vez, o prémio não acontecesse. Quer dizer, a mim já nada me espanta. «Esta sociedad

es una mierda». Quem o disse foi José Saramago, em Madrid, na mesa redonda do mais ouvido programa radiofónico espanhol, quando ele já voltava para

Lanzarote.

Doeu-me que a tantos parecesse milagre . Tal não aconteceria se a televisão se cumprisse. Mas eu também direi que «esta televisão é uma merda».

Se nós perguntássemos quantas vezes veio Saramago ao canal 1, com certeza teríamos uma má notícia.

Tais palavras podiam ter sido ditas agora, como já foram ditas ao longo dos anos, pelos críticos de televisão — Correia da Fonseca, Leitão Ramos, este modesto escriba e alguns outros.

Isto quer dizer que os espectadores comuns consideram este Nobel um «milagre» apenas porque, ao longo dos anos, desconheceram José Saramago, como igualmente considerariam milagre se o prémio tivesse atribuido a Herberto Helder, Agustina Bessa Luís, Lobo Antunes, Cardoso Pires, Jorge Amado, Sophia de Mello Breyner, etc. Para a grande maioria dos portugueses não haveria milagre nenhum se o prémio fosse para o Ema-

nuel, o Toy, o Tony Carreira, o Quim Barreiros, a Ruth Marlene, a Romana, a Micaela, ou a Ágata, incluindo o Francisquinho. E tanto monta que fosse o Nobel da Literatura, ou da Física, ou da Economia. O que viesse à rede era peixe.

De facto, lamentavelmente, e para a televisão portuguesa, os escritores não contam. Em Portugal os escritores vivem no exílio. E já não bastaria que houvesse um programa que lhes fosse dedicado exclusivamente, para além da fatia que Carlos Pinto Coelho lhes dá no *Acontece*. A sua presença deveria ser natural em todos os noticiários. Quem não conhece, não estima. Disse Camões e está tudo dito. Oxalá (humm...) que este Nobel levasse a televisão portuguesa (toda, e não apenas a RTP) a rever a sua atitude e os seus processos. para que, como escreveu há anos um poeta chamado José Saramago, fosse aquele rio «onde os homens vão mergulhar as mãos e o rosto e têm estrelas nos lhos quando se levantam».

Esquecia-me de esclarecer que quem disse aquela coisa da «má notícia» Manuel Maria Carrilho, Ministro da Cultura. Disse-o, não mandou dizer por ninguém. Disse-o diante das câmaras da própria RTP.

E a palavra se fez música

zio Gorghi, autor da música e libreto, com José Saramago, da ópera «Blimunda», e outros trabalhos inspirados na obra do escritor, recebeu inesperadamente a notícia. Ao te-

lefone, o jornalista de La Estampa de Turim anunciou: «Azio, ganhou o Nobel!». Não vinha a despropósito a ironia. Era, acima de tudo, a imagem fiel de tudo aquilo que os identifica, o escritor e o músico. Ao JL, Azio Gorghi confirmou: «Foi uma coisa muito bela, quando recebi a novidade. Não só fiquei feliz como é algo que me toca profundamente, quase como se eu próprio tivesse ganho a mesma honra. Para mim, Saramago não é só um ami-

Descobriu Saramago na leitura do Memorial do Convento, em 1985. À ideia de escrever uma nova ópera, um ano depois, por encomenda do Teatro Alla Scala de Milão, Gorghi propõe a colaboração de Saramago. E explica: — «Encontrei no Memorial qualidades que, para um músico, se revelam não só do ponto de vista dramatúrgico, mas também pelas ideias que sempre me ligaram a Saramago: o mundo, as questões humanas e as lutas contra a intolerân-

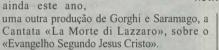
cia e a violência». Por seu lado, não terá ficado surpreendido, o escritor, assíduo frequentador da casa da ópera, o Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa.

«Disse-me que era um melómano» — conta Gorghi. «E ficou interessado no meu projecto, sobretudo à ideia de ler esta história de uma outra maneira, com uma visão do mundo próxima da minha». Também neste projecto puderam concretizar esse ideário que, definitivamente, uniu duas formas de pensar e fazer arte. - «Como a escrita de Saramago, sou um músico que trabalha sobre temáticas ligadas à História». A exemplo, Gorghi cita a personagem de todas as metáforas, Domenico Scarlatti. - «Ele transforma-se no narrador, aquele que conta e reflecte sobre a própria História. E, com a sua música, quer entrar numa certa ideia de utopia, o mundo transgressivo de Blimunda, Baltasar e Bartolomeu».

«Blimunda» subiu a palco em 18 récitas, «com enorme sucesso», lembra o compositor. Representada no Scala de Milão, Turim e em Lisboa, a ópera daria origem a outros projectos comuns. — «Na estreia portuguesa (Maio, 1991), o maestro Will Humburg que, ao mesmo tempo foi nomeado director musical da Ópera de Münster, propôs-nos outro tema para uma segunda ópera». Da leitura da peça «In Nomine Dei», resultaria a segunda ópera de Gorghi-Saramago, a que o compositor italiano deu o nome de «Divara», rainha dos Anabaptistas. «Aqui antecipámos, sobretudo José Saramago, a eclosão da guerra religiosa na Jugoslávia» diz

Gorghi. Estreada em 1993, naquela cidade alemã, passando por vários teatros italianos sob a direcção de Claudio Abbado. «Divara» está já registada em disco, a partir de uma reposição na rádio alemã, somando 35 récitas. Estra-

35 récitas. Estranhamente, Lisboa não fez parte deste roteiro. Mas à capital regressaria, ainda este ante.



URDIR A PALAVRA

Terceira encomenda do Scala de Milão, onde estreou em 1997, a Cantata «La Morte di Lazzaro» seria obra de referência no Festival de Granada, apesar de «violentamente contestada pela imprensa católica» — comenta Azio Gorghi. O compositor refere a «grande poesia» de que é feita a escrita de Saramago, particularmente no Evangelho, identificando a concepção do escritor ao modo de ver e sentir israelita, como pode confirmar o músico, em viagem por Israel. Mas é sobretudo a beleza do seu texto que gosta de enunciar. «Quando leio o Evangelho, o nascimento de Jesus, os lugares, como José descreve a cor do céu, ou a maneira como este se move, enfim, a contemplação do céu... não há maior descrição na litera-

Falar do homem, o escritor com quem partilha a harmonia da arte e das ideias, é expressão única a que o músico faz coro. - «É a completa identificação. Nasci antes da guerra, acompanhei os acontecimentos antes e depois da guerra e, tal como Saramago, vi coisas terríveis. Não é difícil sentirmos essa identificação». Como vidas tecidas na mesma tela, remete-nos, então, para um texto que o próprio Saramago escreveu sobre o músico. E fez sua a palavra de Saramago, que aqui, sumariamente, se transcreve:

«A vida é para nós comparável a uma tapessaria. Nós somos o fio urdido que não segue outra direcção que não seja a direito. (...) Porque é próprio dos encontros com os outros, a família, os amigos e os inimigos, definir gradual-



Gorghi prepara já um novo projecto, a estrear no próximo ano, em Florença, por encomenda da Rádio italiana. «Procurarei, como diz Saramago, ir na mesma direcção. A temática relaciona-se

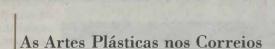
com o fim de século e o início da nova era» adianta o compositor. Para o músico, foi mais a alegria que a surpresa, a nomeação do Nobel: «No ano passado, estava com Dario Fo e Saramago, em Frankfurt, e quando o prémio foi anunciado disse para Saramago, 'Paciência, para o ano será la volta buona'».

CANTAR SARAMAGO

Cantar Saramago foi, para Fernando Serafim, a vivênvia máxima desse feliz encontro. «Há sempre uma expressão poética em tudo o que ele escreve, e isso chega ao sublime no Memorial do Convento, do qual foi extraída a Blimunda» — confia o intérprete de Scarlatti, o professor de música na corte de D.João V e narrador da ópera de Azio Gorghi. Para além da escrita, de que é um admirador confesso, refere Fernando Serafim a «personalidade invulgar» do escritor, com quem discutia também

«A maior impressão que tenho dele é a sua simplicidade e o seu modo de se relacionar com os outros. Não é, de modo algum, um homem vaidoso. Pelo contrário, é modesto e sempre acolhedor. Não dita leis, está sempre pronto a escutar». Ao privilégio deste encontro, alia o cantor o prazer da leitura. «Li todos os livros dele e, nesse aspecto, sou uma pessoa

Mais ainda, pelo dom partilhado, confirma o cantor a excepção desta nomeação. «Fiquei muito feliz porque acho que o José Saramago era o escritor que mais merecia o Prémio Nobel. Houve outros, aliás o próprio Saramago o disse, como o Virgílio Ferreira, ou o Cardoso Pires, mas José Saramago é, sem dúvida alguma, o melhor escritor dos últimos tempos. Foi uma honra para Portugal».



Usos & Tradicões

9 | 30 Out 98

Artistas

Domingos Rebelo Stuart Carvalhais Guilherme Filipe Joaquim Rebocho

Maria de Lourdes de Mello e Castro



nda a Sexta das 10h às 18h e Sábados das 14h às 18h



T 393.50.00 Rua do Instituto Industrial, 16



396.88.49 1200 Lisboa - Portugal





Agora, com a Opção Profissional Liberal da Caixa Geral de Depositos, vai poder dedicar-se inteiramente aquilo que sabe lazer melhor que ninguem: o seu trabalho.

Mais do que um banco, vai ter um parceiro.
É para isso que ca estamos.
Para lhe oferecer a mais completa gama de produtos bancários a condições especiais e ainda poupar-lhe tempo em deslocações ao banco.
Mas não nos preocupámos exclusivamente com a sua profissão: a Opção Profissional Liberal também lhe oferece soluções para a sua vida pessoal.

Ligue para o (01) 790 55 55 e informe-se das vantagens da Opção Profissional Liberal.

Connosco, pode dedicar-se exclusivamente à sua profissão.

Opção Profissional Liberal	Damos luz verde à sua profissão.
OPL Instalações	Tudo o que precisa para comprar ou remodelar o seu escritório, consultório ou atelier. Para o ajudar na procura do melhor local, colocamos ao seu dispor a Bolsa Imobiliária.
OPL Equipamento	Financiamento privilegiado para que nunca lhe faltem as melhores ferramentas para a sua actividade.
OPL Viatura	As melhores condições para a aquisição de carro, com seguros à sua medida.
OPL Negócio	Para gerir o dia-a-dia do seu negócio, colocamos ao seu dispor um serviço global de aconselhamento financeiro.
OPL Privado	Tudo o que precisa para poder gerir o seu quotidiano com rapidez e comodidade.
Para mais informações, ligue: (OI) 790 55 55	CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

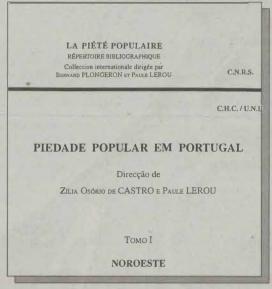
PARABÉNS

JOSÉ SARAMAGO

Prémio Nobel da Literatura



EDIÇÕES TÁVOLA REDONDA E CENTRO DE HISTÓRIA DO LIVRO E DA EDIÇÃO (C.E.H.L.E.)



Apresentamos ao público, no próximo dia 21 (4.ª feira), às 19 horas, nas instalações do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing (IADE)
Palácio Pombal, Rua do Alecrim, 70, em Lisboa
por deferência da Direcção da Escola, a

REVISTA PORTUGUESA DE HISTÓRIA DO LIVRO

Direcção de Manuel Cadafaz de Matos
Periodicidade semestral • Apoio do Instituto Português do Livro e da Leitura
P.V.P. 3.000\$00 • Assinatura Anual: 5.500\$00

A Revista, que vem preencher uma lacuna neste âmbito no nosso país, procura servir a comunidade de investigadores no âmbito das Ciências Humanas e da História do Livro em particular, dos estudiosos das letras pátrias, dos bibliotecários e arquivistas, livreiros-antiquários e outros, técnicos de edição e de artes gráficas, encadernadores...

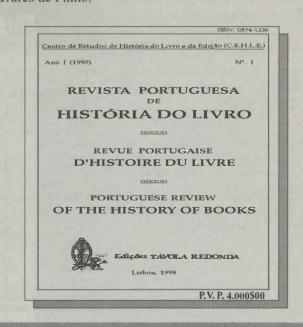
Colaboram no 1.º número, entre outros, investigadores e docentes universitários como Artur Anselmo, Aires A. Nascimento e Sebastião Tavares de Pinho.

Na mesma cerimónia será apresentada também a obra:

PIEDADE POPULAR EM PORTUGAL

Tomo I NOROESTE

Co-edição de Edições Távola Redonda com congénere parisiense
Letouzey et Ané.
Uma realização do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa em colaboração com o
Centro Nacional de la Recherche Scientifique (C.N.R.S.), Paris, sob a direcção de Zilia Osório de Castro e Paule Lerou



Distribuição: DINALIVRO, Travessa Convento de Jesus, 15-R/C - 1200 LISBOA

TELEVISÃO

A obra explica o autor

JOÃO MÁRIO GRILO*

ste é obviamente um prémio absolutamente merecido. A distinção é para o José Saramago e não para o país, porque o trajecto dele foi fora dos sistemas que fazem com que um escritor seja escritor em Portugal. Saramago não pertence à intriga literária portuguesa, ao

não pertence à intriga literária portuguesa, ao contrário de todos os outros escritores. Claro que a maioria dos políticos querem fazer crer que é uma vitória portuguesa, mas o mérito é exclusivamente dele.

A «criatura» [Sousa Lara, Sub-secretário de Estado da Cultura em 1992] que vetou o «Evangelho Segundo Jesus Cristo» para Prémio Europeu de Literatura prova que este é um país de gente estúpida. Gente que não mede absolutamente nada.

A questão do filme [«Saramago: Documen-

tos», de J. M. Grilo] levou a que eu pudesse cimentar com Saramago muitas afinidades. Porque também eu não passei pelos trâmites que levam um realizador ao sucesso. Aliás, a nossa ligação era já anterior e Saramago já era para ter colaborado comigo, o que não foi possível

O filme que realizei partiu de uma encomenda da Isabel Colaço, da Zebra Filmes, e acabou por ser um projecto feito entre amigos: a Isabel, a Clara Ferreira Alves, o Saramago e eu. Reunimo-nos, expliquei a ideia que tinha, e, pela primeira vez, um projecto para um filme meu coincidiu, na totalidade, com o próprio filme. O único, aliás, realizado sobre o escritor. Trata-se de um documento. É a obra que explica o autor, e não o inverso, se bem que Saramago nunca revele muito da sua faceta biográfica. O modo como se tornou escritor não tem, de facto, nada a ver com o

modo como alguém se torna escritor no final do século XX. O problema é que a cultura portuguesa não está preparada para esse seu lado de *outsider*. E há uma deformação neste prémio: Saramago é português e vive em Lanzarote, quando soube da atribuição estava a caminho de Lanzarote e não de Lisboa. A realidade é essa...

Este é o prémio para uma obra imensa. Duvido que Portugal tenha capacidade para o digerir. É o prémio mais importante em termos literários e o país está muito abaixo dele. Dintingue o escritor que finalmente se liberta da Pátria. O país sempre foi para ele um enorme pesadelo. Por exemplo, ao nível da cultura, Saramago tem ligações com o Padre António Vieira e pouco mais. Há depois uma ponte de 500 anos... É, de facto, uma obra à margem do perfil da sociedade portuguesa actual e das suas tricas literárias. Tanto o que Saramago escre-

veu, como o que viveu são de uma extrema coerência.

A cultura portuguesa está escondida e surge, de vez em quando, na obra de alguns... Não é uma cultura que se mostra, que se expõe. O prémio é a verdadeira Expo 98.

Estou muito contente por Saramago. É um Nobel que irá acrescentar pouco à enorme dimensão da sua obra. Era bom que em Portugal as pessoas lessem mais... Mas o Prémio Nobel não tem a ver com o presente. É uma reflexão sobre o passado e o peso de uma cultura. Não se trata agora de enaltecer a figura de um homem como se fosse uma *Pin-Up*. O prémio não tem a ver com a vida de todos os dias. Há muito mais do isso no seu significado.

* Realizador de «Saramago: Documentos», video de 57 minutos, produzido pela Zebra Filmes/RTP, em 1994 (depoimento oral)

A PRIMEIRA PEÇA

Memorial de A Noite

JOAQUIM BENITE

ão é fácil. falar, a 19 anos de distância, e num momento em que a emoção faz avivar cada uma das muitas recordações, da experiência que foi o trabalho desenvolvido com José Saramago, em 1979, na montagem da sua primeira peça, A Noite..

A peça é o relato da noite do 25 de Abril vivida na redacção de um jornal diário. Já não me lembro como cheguei ao espectáculo. Creio que foi Saramago a falar-me do texto, que tinha escrito, a pedido de Luzia Maria Martins e que esta, já não sei por que motivos, não pudera levar à cena.

Recordo-me, como se fosse hoje, dos primeiros ensaios de leitura, do entusiasmo com que os actores receberam a obra. Era um tempo muito diferente do actual. Estavam ainda bem presentes na memória o PREC e o 25 de Novembro. A utopia refugiava-se no teatro. Nesse ano de 1979 o grupo tinha apenas dois anos de trabalho profissional. Mas quisemos, na nossa presunção de jovens, e apesar dos escassos recursos de que dispunhamos, realizar o que deveria ser uma «grande produção».

António Alfredo inventou um cenário que ocupava todo o teatro e que ligava o balcão (lugar imaginário da tipografia) ao palco (a redacção), através de um passadiço suspenso por fios de aço — lembrança dos meus tempos de *A República*, que inspiraram, de resto, também, o gabinete do director, dominando a redacção, idêntico ao que o velho Artur Inês (quem é que se lembra dele?...) ocupava no jornal da Rua da Misericórdia.

José Saramago participou activamente no projecto. Assistiu a muitos ensaios, discutiu connosco o texto, maravilhava-se com a aventura, no espaço físico da cena, das palavras que tinha escrito. Seguia a evolução das personagens nas vozes e nos corpos dos actores. No final dos ensaios tinha sempre palavras de carinho e de estímulo para cada um dos intérpretes. Via-se que o palco o fascinava.

Cada autor que nós, práticos do teatro, profissionais do efémero, estudamos e levamos à cena fica a fazer parte pa-

ra sempre do nosso mundo. José Saramago, o dramaturgo de então, que ainda não era mundialmente famoso nem Prémio Nobel, mas que já era um grande escritor, deixou-nos a recor-

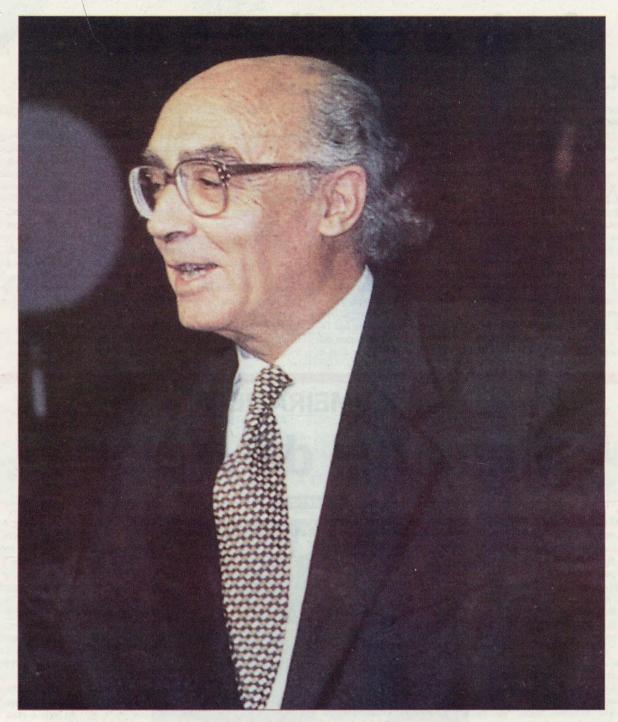


dação de um homem em que o rigor da análise não é incompatível com a imaginação e a fantasia, e para quem a realização artística exige um trabalho duro e persistente (e quem melhor do que aqueles que fazem teatro, forma de expressão artesanal por natureza, poderia compreendê-lo?). Quanto à personalidade de Saramago, ao seu carácter, gostaria de contar uma pequena história inesquecível. Há uns oito anos, trabalhava eu na redacção de O Diário, veio parar à minha mesa um telex enviado de Milão, dando conta da estreia de Blimunda, a ópera extraída de Memorial do Convento, na encenação de Jérôme Savary. O texto incluía resumos das declarações de Saramago a um grande jornal italiano, a propósito do acontecimento. Interrogado sobre se se sentia muito emocionado por causa da estreia, o primeiro Prémio Nobel de língua portuguesa respondeu que sim, mas que, em todo o caso, a grande emoção tivera-a dez anos antes, em Almada, na estreia de A Noite. É por coisas destas que Saramago é um português diferente, sem a arrogância e a vaidade tão comuns na nossa terra. Num momento de glória, sob a luz dos projectores de uma das grandes capitais da cultura europeia, foi capaz de recordar a funda emoção experimentada no nosso modesto teatro su-

Tenho pena de que já não sejam vivas duas pessoas que ajudaram a fazer *A Noite:* António Assunção, que teve na personagem de Valadares, uma das mais brilhantes criações da sua carreira, e Vergílio Martinho, outro grande escritor que tive, também, a honra de estrear no teatro, e que colaborou nesta produção redigindo os textos para a Imprensa e elaborando o programa, com o mesmo entusiasmo que mostrava quando as peças levadas à cena eram as suas. Muitos outros, contudo, puderam, agora, partilhar a alegria de ver Saramago ganhar o Prémio Nobel. Deixo aqui os nomes dos actores que criaram, pela primeira vez, num palco, personagens de José Saramago: Teresa Gafeira, Ema Paul, Luís Alberto, Henriqueta Maia, Francisco Costa, Alfredo Sobreira, Alberto Quaresma, Daniel Garcia, Valde-

mar de Sousa, Vitor Sestelo, Carlos Alberto Machado, Henriqueta Saraiva, Fernando Louro, Silva Heitor e Manuel Pinheiro. Sei que José Saramago nunca se esqueceu deles.

PARABÉNS ZÉ!



A SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES orgulha-se de contar entre os seus mais ilustres membros o 1.º Prémio Nobel da Literatura em Língua Portuguesa



Av. Duque de Loulé, 31 – 1069 Lisboa Codex

PRÉ-PUBLICAÇÃO

Cadernos de Lanzarote

A Caminho, editora de José Saramago desde sempre — mais precisamente: desde que, em 1977, com Manual de Pintura e Caligrafia, começou a publicar de forma regular e a construir o que se pode chamar a sua obra definitiva —, distribui hoje mesmo, 4ª feira, 14, o 5º volume dos Cadernos de Lanzarote. Trata-se, como os nossos leitores bem sabem, do diário do escritor, iniciado em 1993, um ano exacto em cada volume: em 1994 saiu o respeitante a 93, e assim sucessivamente, até a este último, relativo a 1997. O JL, aliás, várias vezes se referiu aos diários de Saramago, destacando-se aqui, como o mais recente e de fundo, o texto de Carlos Reis publicado na nossa edição de

É deste 5º volume dos Cadernos de Lanzarote que apresentamos aqui três excertos, um sobre o grande fotógrafo Sebastião Salgado e dois sobre Castril. Sublinhe-se que Salgado, ouvido pela VISÃO, que tem o exclusivo dos seus trabalhos em Portugal, disse, sobre a atribuição do Nobel ao escritor que prefaciou o seu album sobre os Sem Terra brasileiros: «Senti uma felicidade profunda. Que será eterna. É como se fosse eu a receber o prémio. Respeito muito a sua obra — é toda linda — e o seu comportamento perante a vida». Sublinhe-se ainda que em Castril, quando souberam da atribuição do Nobel ao autor, deitaram foguetes, declararam feriado municipal e fizeram uma grande festa, em que o munícipio ofereceu comida e vinho para toda a gente, circunstância a que Saramago aludiu numa das suas declara-



JOSÉ SARAMAGO COM SEBASTIÃO SALGADO (AO CENTRO) E CHICO BUARQUE, EM LISBOA, EM ABRIL DE 1997, AQUANDO DO LANÇAMENTO SI-MULTÂNEO DE DOIS LIVROS: O ALBUM TERRA, DO GRANDE FOTÓGRAFO, COM PREFÁCIO DO AGORA PRÉMIO NO BEL, E O ROMANCE BENJA-MIM, DO FAMOSO CANTAUTOR - DE QUE AQUELE ALBUM, NA EDIÇÃO BRASILEIRA, TAMBÉM INCLUIU UM DISCO. POR TRÁS DE SALGADO ESTÁ O EDITOR DA CAMINHO, ZEFERINO COELHO

21 de Abril

Madrid. Onde Sebastião Salgado chega, parece que se movem as multidões: a sala das colunas do Círculo de Belas Artes estava a rebentar pelas costuras. Continuando a desempenhar as minhas gratas funções de pajem pronunciei umas quantas palavras. Por exemplo: «Estamos rodeados de imagens que nos mostram que o mundo está mal, mas nós estaremos bem pior no dia em que nos tivermos acostumado tanto à violência que a consideremos natural — ou cultural, se assim preferirem. Precisamos de uma outra maneira de olhar as imagens que nos mostram a realidade, já que com a realidade, ela própria, não ousamos enfrentar-nos. Estas fotografias de Salgado são a voz dos sem terra que atravessou o oceano e chegou a esta sala, são imagens que dispensam legendas, que podem ser identificadas por uma só palavra: "Porquê?"». Sebastião Salgado precisou depois: «Não fotografo miseráveis, fotografo gente pobre que conserva uma enorme dignidade e luta por melhorar a sua vida. Este livro, Terra, tal como os meus trabalhos anteriores, forma parte de um projecto único a que chamei «A recomposição da família humana.» Os aplausos foram tão entusiásticos e calorosos que Salgado se comoveu: «Não esperava isto», disse-me, e tinha os olhos húmidos.

22 de Abril

Viagem a Castril, com Pilar, de quem, em última instância, estas coisas me vêm (e outras, e todas...), para participarmos na inauguração de uma biblioteca a que a generosidade das autoridades do lugar dicidiu dar o meu nome. Não nasci aqui, não pertenço a este mundo, não me devem nada estas pessoas, e contudo, por algo de respeito, por algo de amizade, por algo também de admiração, pareceulhes que o nome do escritor português, posto à entrada da sua biblioteca municipal, não iria representar um desdouro para o pueblo nem para quem nele vive. Não seria eu de carne e osso se não me tivessem vindo à memória, neste dia, certas histórias tristes da minha terra, recentes e antigas, conhecidas algumas, outras que por caridade guardo para mim, a vergonha que uns quantos deveriam sentir, mas afinal não sentem. Sei que sou muito amado em Portugal, sobejam-me as provas. Sei também que sou detestado, as provas sobejam-me, mas isso não está na minha mão evitá-lo. O pior de tudo, porém, foi aquele dia em que me defrontei com uma fria, gratuita e despiedada indiferença, vinda precisamente de quem tinha o dever absoluto de oferecer-me a mão estendida. Sendo, porém, os casos e acasos da vida férteis em contradições, sabe-se lá se a minha vida de escritor não terá começado justamente nessa hora? Uma vez que todas as portas me eram fechadas, não me restava outra solução que abrir uma porta nova, uma porta por onde teria de entrar sozinho. Pesados agora os factos, vejo que foi graças a essa decisão que cheguei hoje a Castril como escritor, e isso é bom, mas a ofensa nunca se apagará de mim, e isso é mau.

Devia calar-me, há coisas muito piores. À noite, na televisão, aparaceram-me as imagens do assalto à embaixada do Japão, em Lima. Foram mortos, isto é, falando com mais rigor, assassinados, os guerrilheiros do Movimento Revolucionário Tupac Amaru. Todos. Decididamente não gosto da cara deste Fujimori.

23 de Abril

A festa foi bonita. Houve discursos, o meu um tanto insosso, acho que por causa da comoção, que não me deixou arrumar aceitavelmente as ideias. Enquanto falava, percebia dentro de mim uma voz incómoda que não parava de resmungar. «Não é isso, não é isso, vê-se que hoje não estás nos teus dias.» Provavelmente não estaria, provavelmente teria preferido abraçar em silêncio todos os presentes, mas o costume exige que estas coisas tenham de ser levadas ao fim com discursos, quando devíamos saber que não há palavra que valha um abraço quando ele vem do coração (do coração? sim, do coração, também não encontro melhor maneira de o dizer...). A alma destes acontecimentos foi, desde o princípio, José Juan Mar, um moço pintor (e que bom pintor é ele), nascido e criado neste pueblo entre montanhas, que vem animando com o seu talento e com o seu entusiasmo por esses estranhos «desvios» da humanidade a que damos o nome de arte e literatura. Enquanto olhava e escutava a José Juan recordei dois velhos amigos, o Augusto Barreiros e o José dos Reis, a quem, nos tempos de outrora, deveu a minha Azinhaga tantas alegrias. As da música, as do teatro, o lado amável e sedutor da vida, a gargalhada da farsa, o riso da comédia, a lágrima do drama, a cantiga de amor e de amigo, também às vezes a de escárnio e maldizer... Para que não tivesse de ser tudo trabalho e padecimento. Naqueles anos, qualquer espectáculo, por mais insignificante que fosse, era uma janela de imaginar. Hoje, no momento em que se liga a televisão, desliga-se a imaginação. Convém adormecer rapidamente para que o sonho acuda a salvar-nos.

ENTREVISTAS AO JL

Um escritor confessa-se

José Saramago foi, naturalmente, muitas vezes entrevistado pelo JL. Nestas páginas recolhemos os extractos mais significativos de algumas dessas entrevistas, nas quais o escritor nos foi dizendo dos seus livros, da literatura e da vida.

— Por esse memorial e por esse convento viemos agora aqui...

— Não se encontra o que não existe. O convento está ocupado pela tropa, o que se visita é apenas a igreja, são as duas alas com os tor-

reões que eram o palácio real, e umas pequenas dependências. Estive aqui vários dias, andei por onde podia andar para sentir o peso, para interiorizar este universo. Para o tipo de literatura que eu faço, considero fundamental esse contacto, esse pôr a mão sobre os locais a tratar. Foi o que aconteceu com o Levantado do Chão. Em 76 fui para o Alenteio com a ideia de o escrever, não sabia era como o escrever. Claro que tinha à mão os modelos do neo-realismo, simplesmente esses modelos modelares não podiam já servir-me.

— Tudo na vida lhe aconteceu tarde.

— As obras da maturidade aparecem, nuns, aos 40 anos, noutros só aos 80 e tal. As vidas são muito curtas... até aos 50 anos devíamos estar a aprender, depois dos 50 a trabalhar e depois, aí uns dez anos, a acabar. Isso desde que mantivéssemos, claro, a cabeça a funcionar.

— O êxito também lhe chegou lento.

— Ora, o êxito, o fracasso!... são coisas que têm a ver com o temperamento. Reajo a elas, ao êxito e à falta dele, como reajo ao sol e à chuva. Aceito aquilo que vem, não me ponho a clamar porque queria sol e afinal choveu, nem a lastimar-me porque queria chuva

e o sol vem secar-me a horta. O êxito e o não êxito são coisas que dependem de muitas outras coisas em que não tenho acção.

(Fernando Dacosta, 18.1.83)

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS E O LADO CONTEMPLATIVO DO AUTOR

«O achado surge da maneira mais simples. O meu conhecimento de Ricardo Reis vem dos poemas que sairam na revista Atena — já lá vão muitos e muitos anos. A minha relação com Fernando Pessoa começou por ser a minha relação com a poesia de Ricardo Reis. Só mais tarde apanhei e segui outras pontas que se chamavam Fernando Pessoa, Alberto Caeiro

ou Álvaro de Campos. O Ricardo Reis é companhia minha talvez desde os 19 anos. Ficou sempre comigo e à medida que os dias iam passando fui tendo em relação a Ricardo Reis um sentimento ambivalente. Por um lado irritava-me aquele desprendimento do mundo, das coisas e das pessoas, aquele amor que não chega a ser por que não se realiza nunca. Mas por outro lado fascinava-me o rigor, a expressão medida, mesmo que o verso tivesse de ser violentado. Fascinava-me o ele ser senhor da palavra em vez de ser esta que o influenciava a ele. Este sentimento acompanhou-me muito tempo, mas poderia nunca ter havido *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Mas em 1978 veio-me de repente a ideia deste livro, já com o título. Nessa altura não tinha

bio é aquele que se contenta com o espectáculo do mundo', com um tempo e uma realidade cultural que de facto não tem nada a ver com ele. Mas o facto dele vir confrontar-se com a realidade de então não quer dizer que ele tenha deixado de ser quem era. Conserva-se contemplador até à última página e não é modificado por essa orientação.»

«Talvez haja em mim um lado contemplativo, talvez afinal de certo modo o conflito entre acção e contemplação seja meu e tenha tentado exorcizar isso por entreposta pessoa, por entreposta figura, por entreposto poeta. E como Ricardo Reis me acompanha desde os dezanove anos talvez tudo isso afinal signifique muito mais do que parece no que toca às motivações

Não é verdade que se ele tivesse existido tinha sentido atribuir-lhe essa vida•a partir da obra que deixou e dos dados que Fernando Pessoa nos deu dele. Mas é também verdade que Fernando Pessoa já não estava vivo nessa altura. E no entanto é verosímil. Não está vivo mas entra na história. Nada é mentira e nada é verdade no livro. O livro deixa talvez o leitor sem saber onde põe o pé, onde é que está o ponto sólido — não no livro que espero que tenha algum mas na própria relação do leitor à obra. Espero que na última página se sinta desorientado, sinta que tem que fazer qualquer coisa... Embora naturalmente cada leitor vá reagir a gaurando.

«É como se eu tivesse a preocupação funda-

mental de tornar o real imaginário e o imaginário real. Foi como se quisesse fazer desaparecer a fronteira entre o real e o imaginário de modo que o leitor circule de um lado para o outro sem se pôr a si mesmo a questão: isto é real? Isto é imaginário? Gostaria que o leitor circulasse entre o real e o imaginário sem se interrogar se aquele imaginário é imaginário mesmo, se o real é mesmo real, e até que ponto ambos são aquilo que de facto se pode dizer que são.

Podemos sempre distinguir entre o real e o imaginário. Mas o que gostaria é de ter criado um estado de fusão entre eles de modo a que a passagem de um para o outro não fosse sensível para o leitor, ou se o fosse tarde de mais — quando já não pode dar pela transição e se acha já num lado ou no outro, vindo de um ou outro lado, e sem se aperceber como é que entrou.» (Francisco Vale, 30.10.84)



[Portugal] saiu-me na rifa. Claro que não é a sorte grande, mas não trocaria isto por nada. Patriotismo? Nem sequer. Antes a nítida consciência do óbvio: seria outra pessoa se tivesse nascido noutro país, e eu gosto do que esta terra fez de mim.

(14.12.87)

escrito sequer o *Levantado do Chão*. É como se de repente do além tivesse vindo armada e equipada a ideia e um dado extremamente simples: uma vez que o Fernando Pessoa nunca disse quando é que morreu o Ricardo Reis — ao contrário do que sucedeu com o Alberto Caeiro — sou eu quem vai decidir quando é que ele morre. Uma vez que Fernando Pessoa disse em 1919 o Ricardo Reis tinha emigrado para o Brasil sou eu quem decide que o Ricardo Reis regressa. Quando? Depois da morte de Fernando Pessoa...»

«A minha intenção foi a de confrontar Ricardo Reis e mais que ele a sua própria poesia, a tal que se desinteressava, a que afirmava que 'sáprofundas do autor.

Mas este é só um lado do problema. É verdade que Fernando Pessoa não age mas está morto. E Ricardo Reis não age porque não pode agir. Mas o mundo está a sofrer, está a transformarse e há gente que age, positiva ou negativamente — isso é uma questão de ponto de vista. A acção e a intervenção não se retiraram deste livro. Não estão é nas mãos dos personagens principais. Em todo o caso repare que a Lídia é uma criada de quarto que não tem acção mas que é uma espécie de ponte, de laço, entre a acção do mundo e a não acção de Ricardo Reis.»

«Neste livro nada é verdade e nada é mentira.

A JANGADA DE PEDRA E O ANTIEUROPEÍSMO

— A Jangada de Pedra esteve para se chamar O Mar Aberto...

— Comecei por pensar chamar-lhe simplesmente *A Jangada*. Entretanto lembrei-me que o Romeu Correia tinha um

livro com esse título. Além de *O Mar Aberto* apareceram outros títulos; a certa altura pensei também em *A Grande Pedra do Mar*, por exemplo. O título é muito importante, é a primeira coisa que preciso de ter, como uma espécie de morte, de diapasão...

— Como é que lhe ocorreu esta ideia de desprender a Península do resto da Europa e de a fazer vogar pelo Atlântico?

— A ideia nasceu em 1982, numa altura em que a Cremilde Medina veio aqui para fazer uma série de entrevistas com escritores portugueses. Durante um almoço, falámos das ligações especiais que existem entre Portugal e Espanha e a América Central e do Sul, e começá-

mos a imaginar o que aconteceria se, por exemplo, um daqueles sábios loucos inventasse um sistema mirabolante que fizesse separar a Península da Europa... Entretanto, eu já tinha o *Ricardo Reis* na calha, o *Memorial* estava para sair, e guardei aquela ideia.

— Mas porquê? Porque é que a Península se separa da Europa para ir parar a um ponto exacto no meio do Atlântico?

— A Península separa-se porque nunca esteve ligada à Europa. Se olhar para a História da Europa, verá que esta área, para além de ter as suas características próprias, como todas as áreas, foi sempre vista como qualquer coisa de apendicular. A Europa como tal nunca existiu. Existiram, sim, focos de dominio; no fundo, nos últimos anos tudo se tem passado entre a Alemanha, a França e a Grã-Bretanha. Depois, com as tranformações políticas do século vinte — e, só no século vinte, a Europa foi atravessada por duas guerras monumentais — toda essa imprecisão se agravou.

Esta indefinição de identidade ressalta na febre dos Congressos que a toda a hora se fazem sobre o que é ser-se europeu. Só quem tem dúvidas sobre a identidade reclama discussões sobre essa identidade.

Neste livro, tentei mostrar duas coisas, primeiro: a Península Ibérica tem pouco a ver com a Europa no plano cultural. Dir-me-á que a língua vem do latim, que o Direito vem do Direito Romano, que as instituições são europeias. Mas o certo é que, com este material comum, fez-se na península uma cultura fortemente caracterizada e distinta. Segundo há na América um número muito grande de povos cujas línguas são a espanhola e a portuguesa. Por outro lado, nascem em África novos países que são as nossas antigas colónias.

Então imagino, ou antes, vejo, uma enorme área ibero-americana e ibero-africana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro. Esta não é uma afirmação racica, que a própria diversidade das raças desmente. Não se trata de nenhum quinto, nem sexto, nem sétimo império. Trata-se apenas de sonhar — acho que esta palavra serve muito bem — com uma aproximação entre estes dois blocos, e com o modo de o demonstrar. Ponho a Península a vogar para o seu lugar próprio, que seria no Atlântico, entre a África do Sul e a África Central. Imagine, portanto, que eu sonharia com uma bacia cultural atlântica.

(Inês Pedrosa, 10.11.86)

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA E O AMOR POR PORTUGAL

— A figura central de *História do Cerco de Lisboa*, se de uma só figura central se pode falar, é a de Raimundo Silva, o revisor, em relação à qual se nota, penso eu, uma grande simpatia, ou mesmo cumplicidade, por parte do criador/autor. Concorda?

—Sim, penso que há muita simpatia e cumpliciade: no fim, autor e revisor, para usar um lugar comum, são quase duas faces da mesma moeda, embora o futuro dessa moeda seja sempre a exibição de uma só face, a do autor, com ocultação da outra, a do revisor. Eu costumo dizer que muito daquilo que fazemos depende de circunstâncias que não são determinadas por nós (nós temos é que te a capacidade de as aproveitar), e exemplo disso, do difuso que se torna concreto, é a história da História do Cerco de Lisboa...

— Então conte-me lá essa história, com h pequeno.

— A primeira ideia do livro, surgiu-me em 1974 ou 75, e tinha a ver apenas com uma Lis-

boa cercada. Nem sabia que cerco era esse, se o de 1383, se o de 1147, se qualquer outro, até um cerco que eu iria inventar. A ideia passou por várias fases, e houve até uma — mas isso seria ambicioso de mais — em que se procederia a uma fusão dos dois cercos, colocando os portugueses numa situação dupla de sitiados e de sitiantes. Mas tudo isto, provavelmente, estaria muito fora das minhas possibilidades, ou não teria interesse por aí além, e acabei por me voltar só para o cerco de 1147.

Mesmo aqui, porém, houve vários projectos. Até que um dia, estando na Caminho, a conversar com a minha revisora, a Rita Pais (cujo nome, aliás, aparece numa enunciação de nomes de revisores de editora de que se fala no cerco, é uma pequena homenagem), e ela pergunta-me, Então quando lança um livro?, eu respondo, Um dia detes, estou a pensar nisso, e no meio da conversa...

— Isso foi quando...

— Há três ou quatro anos. E no meio da conversa, falando dos sacrificados que são os revisores e dos privilegiados que são os autores, a Rita tem uma frase a que na altura não liguei especialmente, Dos revisores é que nunca ninguém se lembra. Passaram-se meses, e a certa altura começa a desenhar-se dentro de mim a personagem do revisor. Portanto, há uma ideia, um motor, inicial, que tem 15 anos, ou coisa que o valha; e há depois uma espécie de (pensa) cristalização, que parte de uma frase tão corrente como é a «dos revisores é que ninguém se lembra». A partir daí começo a pensar que a minha personagem vai ser um revisor. Como eu fiz muita revisão...

— Mas nunca foi mesmo revisor de profissão?

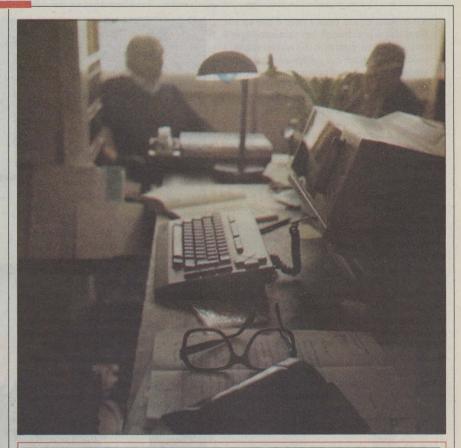
— Não, mas fiz muita revisão, até de textos até já revistos por revisores, quando dirigia os Estúdios Cor.

— Isto é uma coisa que não se deve perguntar a um autor mas...a minha impressão é que este livro [História do Cerco de Lisboa], em termos internacionais, poderá ter um êxito igual ou superior ao do Memorial. Que lhe parece?

É possível, julgo que é possível. Eu não tenho obrigação nenhuma de ser o mais patriota dos seus compatriotas, mas há uma coisa que me dá um certo gosto, uma certa satisfação, não direi vaidade ou orgulho, que são palavras excessivas: alguns livros meus, um ou dois, e a História do Cerco poderá vir a ser outro, terão levado lá fora, explicitamente digamos, uma imagem clara desta terra. Não se trata apenas do romancista que escreveu um grande livro, supondo que eu o teria escrito, que contasse uma história que pudesse ser daqui ou de qualquer outro lado. O que me dá gosto é que as minhas histórias são daqui, eu faço-as daqui porque quero que elas falem de aqui, e por isso - e parece que é o que está a acontecer, e talvez o país ganhe alguma coisa com isso — os estrangeiros possam ler uns livros em que se fala da gente concreta que somos nós. No fundo, o que eu quero ser, o que eu quero continuar a ser, é um escritor português, no sentido exacto que a palavra tem. Se os meus livros se tornam conhecidos lá fora, isso não me torna menos ligado àquilo que faço e àquilo que sou aqui. Gosto do que este país fez de mim: talvez seja isto que no fundo está nos meus roman-

O PCP NÃO É COMPETENTE EM MATÉRIA LITERÁRIA

— O Saramago tem dito que não o preocupa muito o que o Partido Comunista pensa



O que eu quero ser, o que eu quero continuar a ser, é um escritor português no sentido exacto que a palavra tem. Se os meus livros se tornam conhecidos lá fora, isso não me torna menos ligado àquilo que faço e àquilo que sou aqui . (...)

Talvez seja isto que no fundo está nos meus romances.

(18.4.89)

do que escreve e se o que escreve está ou não de acordo com as concepções dominantes dele, partido, nesta matéria. De facto é assim? A sê-lo não é pôr em causa a velha concepção marxista-leninista do partido como juiz ou sol de tudo e de toda a actividade dos seus militantes?

— O partido como um sol, como um deus, não significa — se alguma vez significou, e sabemos que sim —, que, uma vez por outra, quando se está ao sol não se procure a sombra, e que mesmo aqueles que crêem em Deus não tenham as suas dúvidas e não entrem até em conflito com...

— Está em crise de fé?...

- Não, não estou em crise de fé, nem me refugiei na sombra. O que acontece é que a minha relação com o partido é muito mais saudável do que isso. Eu não considero que o meu partido — e isso põe-se em relação ao PCP como se poderia pôr em relação a qualquer outro -, eu não considero que o meu partido seja competente em matéria literária e, em geral, artística. Por muito respeito que eu tenha, e tenho, pelos meus camaradas com as responsabilidades directas e imediatas do meu partido, não os considero realmente tão competentes ao ponto de me poderem dizer o que se faz, como se faz e se o que fiz está bem feito ou mal feito. Prefiro que gostem daquilo que faço, mas se porventura acontecer não gostarem, paciên-

— Teve uma infância pobre...

— Sim, foi uma infância pobre, com grandes dificuldades (no que não se distingue de muitas outras infâncias), que teve em mim alguns efeitos. E um deles tem a ver até com a minha própria formação escolar.

— Como era o José Saramago em miúdo?

— Muito fechado, muito calado. Talvez por isso, o que mantive sempre em relação ao mundo, aos círculos em que vivi, foi, não direi que uma certa distância, mas é como se eu duvidasse... (pensa), como é que eu hei-de dizer isto?, como se eu duvidasse da sinceridade do interesse que as pessoas podiam ter por mim. Melhor dito: é como se eu não acreditasse que isso fosse possível.

E talvez o facto de o meu trabalho literário com alguma importância ter começado tão tarde, talvez isso resulte de eu ter passado por uma espécie de dificil aquisição de auto-confiança, que a partir de certa altura me tornou realmente, como agora acontece, mais ou menos indiferente aos juízos que façam sobre aquilo que eu faço. Claro que gosto que gostem do que eu faço; mas se não gostarem, isso não me tira o sono, nem a vontade de fazer o que quero.

(...)

— Ainda vai escrever muitos livros?

— Apesar de ter começado tarde, publiquei até agora 18 ou 19 livros, o que deve estar mais ou menos na média dos escritores portugueses, até um pouco acima, tirando uma Agustina, ▶

(...)



um Urbano, alguns mais. O que é que eu vou fazer daqui por diante? Em primeiro lugar é preciso estar cá, estar vivo. Se isso acontecer, a saúde se mantiver e a cabeça não tresvariar, ainda quero escrever pelo menos, neste momento, mais três livros.

— Já sabe qual será o próximo?

— Sei, sei, sei, o que não sei é como vai sair. O livro é um romance, com uma ideia que já tenho há algum tempo, e para a concretização da qual já tenho notas e apontamentos na disquete, até já tem título: O Evangelho Segundo Jesus Cristo. E espero que nenhuma alma «caridosa», ou desconfiada, pense que me lembrei deste livro por causa dos Versículos Satânicos, do Rushdie.

— Quer dizer que além do Evangelho Segundo Jesus Cristo já tem mais dois livros pensados?

— Já tenho mais dois livros pensados. E pode acontecer que neste meio tempo me surjam outras ideias.

- Esses dois livros já têm títulos?

— Um deles já, e esse pô-lo-ia no final, embora tudo isto seja aleatório. É um livro que poderá ter tanto de ficção como de reflexão, de memória (não memórias), e se chamará *O Livro das Tentações*. Depois dele, enfim... (José Carlos de Vasconcelos, 18.4.89)

O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO E A SERENIDADE PERANTE A MORTE

— Poder-se-á dizer que nos seus livros anteriores inventa uma história que conta, mesmo quando há factos históricos reais a ela legados, enquanto neste seu novo romance conta uma história que no essencial não inventa — a vida de Jesus Cristo — embora crie, acrescente ou veja sob uma prespectiva diferente muita coisa?

De certo modo pode: o ponto de partida desta história são os Evangelhos, como são conhecidos, sobre a existência que se supõe ter sido a de Jesus. Mas os Evangelhos falam apenas de alguns episódios da infância, escassíssimos, e depois da parte final da sua vida, quando começam os milagres, etc. Entre estes dois momentos há um grande vazio, era preciso ocupar ou encher todo o tempo que resta; mais, era necessário dar-lhe uma coerência. Assim, há uma invenção que não é menor do que nos romances anteriores ou em boa parte deles. Acresce que neste livro se pretende — à luz de uma vida que não está contada nos Evangelhos, e que é inventada neste — fazer uma revisão dos próprios factos narrados naqueles evangelhos. Ou seja: é a invenção que dá um sentido novo aos dados supostamente adquiridos.

— Além dos Evangelhos propriamente, tiveram alguma importância como documentação básica para o seu trabalho, os apócrifos e livros como o célebre de Renan sobre a vida de Cristo, os de Kazantzakis ou outros?

— Li o Renan há muitíssimos anos (hoje não se percebe, ou só se percebe à luz da época, o escândalo que então causou) e não o voltei a ler, nem fiz leituras das múltiplas vidas de Cristo que se escreveram, do Kazantzakis ao Papini e ao Daniel Rops ou ao que no François Mauriac tem a ver com os Evangelhos. Pelo contrário, tentei ir para este livro despindo-me de tudo aquilo que tivesse sabido antes por outras leituras que não os Evangelhos, o Novo e o Velho Testamento. Fiz algumas leituras foi sobre a época, a história do tempo, o modo de



Eu não considero que o meu partido [PCP] seja competente em matéria literária e, em geral, artística. Por muito respeito que eu tenha, e tenho, pelos meus camaradas com as responsabilidades directas e imediatas do meu partido, não os considero realmente tão competentes ao ponto de me poderem dizer o que se faz, como se faz e se o que fiz está bem feito ou mal feito.

(18.4.89)

viver, os costumes, as habitações, os trajos, a comida, isso tudo sobre que ia assentar o meu edifício ficcional.

— No seu romance, Jesus é quase o que se poderia chamar um mau filho: trata a mãe, pelo menos sem piedade, é impositivo, sendo o primogénito vira-lhe as costas e vem-se embora, deixando-a com os irmãos todos...

— Mas repare, mesmo nos Evangelhos, Jesus não é aquilo a que se podia chamar, em termos correntes de hoje, um bom filho. Quando, a dada altura, lhe vão dizer — e agora refiro-me aos Evangelhos — «estão ali tua mãe e teus irmãos», ele responde, «quem são minha mãe e meus irmãos? Minha mãe e meus irmãos são aqueles que me seguem». E não os vai ver. Há um outro passo em que a família diz que ele está louco. Quer dizer, a relação de Jesus com a família é uma má relação. De quem é a culpa? Isso os Evangelhos não o dizem. Eu, por mim, o que me preocupou muito foi humanizar aquela gente, humanizar figuras que se tornaram, dá vontade de dizer, figuras de altar.

— No entanto, há umas partes em que se fica com a ideia do narrador levar muito a sério a dimensão sobrenatural de Jesus. Pelo menos nos milagres.

— Os milagres são todos desmontados. Repare, e só para lhe dar um exemplo, a história dos

demónios que Jesus expulsou do possesso e entraram nos porcos: o homem fica liberto, os porcos atiram-se ao mar, morrem afogados e Jesus encontra-se diante da inutilidade daquele milagre. E como os demónios não podem morrer, é fácil presumir que ficaram disponíveis para entrar no mesmo possesso. Na descrição dos milagres, às vezes numa pequena palavra, há sempre ironia, e de vez em quando, mesmo uma censura explícita a Jesus como por exemplo, quando ele fica indignado pelo facto de a figueira não ter frutos numa altura em que não os podia ter e amaldiçoa a pobre figueira que não estava na época de dar frutos.

— E Maria Madalena lhe observa «Darás a quem precisar, não pedirás a quem tiver.» Arrependido Jesus ordenou à figueira que ressuscitasse, mas ela estava morta.

— Exactamente. E há o outro milagre, que é o milagre chave nos Evangelhos, o da Ressurreição de Lázaro, que, neste caso, é negada, porque é ainda Maria Madalena que lhe diz que ninguém cometeu tantos pecados que mereça morrer duas vezes.

— O seu livro é uma ficção, claro mas, de facto julgo que não só cá como internacionalmente vai ter outra dimensão e outro impacto, até polémico, que não teve obviamente nenhum dos anteriores por causa do tema e do tratamento que lhe dá. Admite que isso

possa acontecer?

- Claro, com certeza. Os meus livros anteriores são aquilo que são, no fundo são histórias que as pessoas lêem de que gostam ou não, mas não põem em causa nada de fundamental. E este livro põe. Portanto, cada leitor vai reagir. É bem possível até que eu perca alguns leitores habituais, que toleraram algumas irreverências (algumas heresias), nos livros anterioes, mas que diante deste podem dizer: «este senhor excedeu-se.» Em resposta a isso, direi que não me excedi, penso que fui até onde sentia que devia ir. Não caio na hipocrisia ou na tentação de dizer que este livro até é uma manifestação do respeito que eu tenho pela figura de Jesus, direi apenas que, para mim, ateu, como para um crente, a questão da relação do Homem com um Deus é importante. É essa relação básica, essencial radical, que eu ponho em causa neste livro.

— Falou há pouco da idade a que chegou, da vida que viveu e sobre a qual admite escrever. Tem medo da morte?

— Não tenho. Aos 17 ou 18 anos tornou-seme evidente a consciência da morte. Isso cau-sou-me um terrível abalo, sofri muito a sério, em certos momentos ficava paralisado por essa ideia de a minha vida ter de acabar. Mas como veio passou, foi, talvez, mais um processo de nascimento, de descoberta do mundo, e a partir daí vivi perfeitamente em paz com essa ideia.



E o que é mais curioso é que nesta altura da vida — daqui a 15 dias faço 69 anos, estou quase septuagenário... — tenho uma grande serenidade de espírito, o que talvez se explique por ter uma vida a que se pode chamar feliz. O que tenciono é viver os anos que ainda tiver para viver, poucos ou muitos, com o meu trabalho, a minha mulher, serenamente. Às vezes digo que quem morre com 20 anos morre na sua velhice e não sabia. Se podendo ter morrido aos 20 anos eu puder acrescentar pelo menos mais 50, é quase uma eternidade!

(José Carlos de Vasconcelos, 5.11.91)

DE GANGA AZUL E MÃOS SUJAS À PREVISIBILIDADE DO NOBEL

— O Prémio Camões deu-lhe um prazer especial.

- Deu, sim. Bem vê: o meu trabalho mais conhecido não tem sequer vinte anos ou está a fazê-los. Começou com o Manual de Pintura e Caligrafia, de 77, que mesmo assim passou meio despercebido naquela agitação em que ainda vivíamos. Foi mais em 80, com o Levantado do Chão, mas sobretudo em 82, com o Memorial do Convento. No fundo são quinze anos. E se um júri entendeu que apenas quinze anos de trabalho literário mais importante foram suficientes para me ser atribuído o Prémio Camões, dá vontade de dizer que não é por muito madrugar que amanhece mais cedo. E neste caso o Prémio Camões amanheceu quando mais eu gostava de ver nascer o dia. E tomo tão a sério este prémio que resolvi, a partir dele, não aceitar mais prémios em Portugal. Muito recentemente, em Espanha, deram-me o Prémio Rosalia de Castro e eu aceitei-o com muito gosto. Mas em Portugal, para mim, depois do Camões não há mais prémios.

- Onde começou por ser operário.

— A minha primeira profissão foi serralheiro mecânico. Fiz os dois primeiros anos do curso liceal, no Gil Vicente, mas depois chegou-se à conclusão que não podia continuar porque a família não nadava em dinheiro. Deixei e fui para Escola Industrial Afonso Domingues, onde se pagava 50\$00 por ano, baratíssimo. Aí nasceu-me um certo gosto pela leitura, porque havia uma cadeira de Literatura (não sei se hoje, no ensino técnico, há Literatura, naquele tempo havia). Aí tirei o curso de serralheiro mecânico e o meu primeiro emprego, durante dois anos, foi esse: ganga azul e mãos sujas.

— Ainda se lembra dele [o irmão que morreu com quatro anos, tinha J.S. dois anos]?

— Tenho uma memória vaguíssima de vivermos numa casa naquilo que era então, ao Alto do Pina, a Quinta do Perna de Pau, ao pé da Rua Sabino de Sousa — já não existe. Foi numa cave, a nossa primeira morada quando viemos da aldeia. Isso eu sei. Tenho uma vaga memória, de numa cave, haver uma janela por cima de uma cómoda, e de ver o meu irmão a subir às gavetas: uma gaveta aberta, outra menos aberta para subir. É uma imagem assim, muito difusa, mas não tenho ideia nenhuma de como ele era.

— O que o fascinou nessa busca?

— Eu venho de uma família de camponeses de pouquíssimo dinheiro. Do lado do meu pai eram conhecidos pelos Saramagos, uma alcunha. Há sempre uma razão para estas alcunhas, mas neste caso não sei qual é, nem o meu pai (supondo que a sabia) ma contaria. Ele não gostava nada que lhe chamassem Saramago. Um dos golpes duros que teve de suportar foi quando eu tinha 6/7 anos e entrei na instrução primária. Ele teve então que mandar vir da Golegã a minha certidão de nascimento e

aparece-lhe um filho (que no Instituto Câmara Pestana surge como José Sousa, sem mesmo a partícula «de») que se chama José de Sousa Saramago. A coisa foi de tal ordem que o meu pai teve depois de fazer um registo adicional ao seu próprio nome, uma vez que ele era de José de Sousa só tinha um filho chamado Saramago. Então, havia que fazer esse outro registo, dizendo que também ele usava o apelido Saramago. Mas, na verdade, o primeiro Saramago genuíno sou eu, os outros eram só de alcunha. Não há predestinação, mas a aposição dessa alcunha ao meu nome poupou-me o trabalho de procurar um pseudónimo. Provavelmente eu não gostaria de assinar livros com o nome de José de Sousa. Assim, chamando-me Saramago, já estava ali o nome.

— Disse-me há pouco que não aceita mais prémios em Portugal. Falemos do Nobel...

— Acho cómico aqueles dias anteriores, com toda a Imprensa a vaticinar «de fonte fidedigna». E os que se põem ao pé do telefone, no dia em que é anunciado o prémio.

- Saramago desliga o telefone?

— Eu não desligo. Normalmente o que acontece é isto: a minha mulher entra-me no escritório e diz-me: «Vão anunciar». A Rádio Nacional de Espanha anuncia o nome de quem ganhou, eu estou a trabalhar e continuo a trabalhar muito simplesmente.

— Imaginemos, porém, que este ano a rádio anunciava o nome do vencedor e o vencedor era... o Saramago. Continuava a trabalhar?

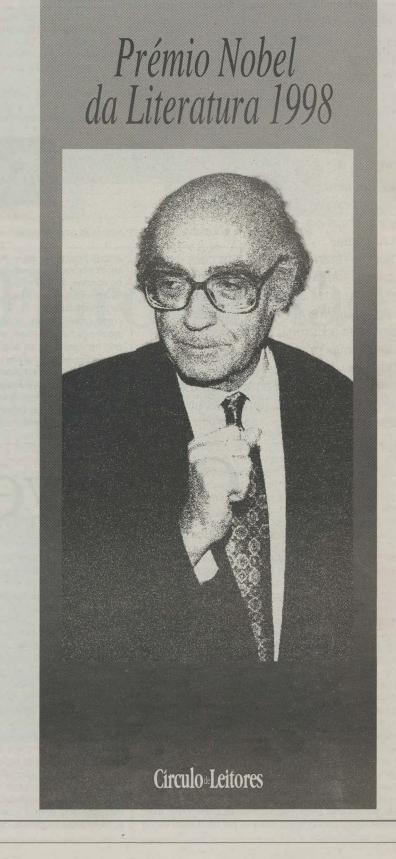
— Não seria fácil — um homem não é de pau. Não vale a pena estar a armar. Se isso acontecesse ficaria satisfeito. Mas tenho que dizer que o prémio não muda nada. Quando os nossos políticos (primeiro Eanes, depois o Presidente Soares, agora também — creio — o Presidente Sampaio) dizem «que pena a nossa língua não ter recebido o Nobel», acho que não se devia andar por aí, como de mão estendida a dizer que também nós somos merecedores. O Prémio Nobel não aumenta o prestígio de uma literatura e isso, ao contrário do que, erradamente, se vai dizendo por aí. Se amanhã a literatura portuguesa tiver a honra de um Prémio Nobel não ganhará mais prestígio no Mundo. Que ideia! Veja-se, noutro plano, o que aconteceu ao Prémio Nobel da Paz: durante uma semana ou duas até pareceu que o problema Timor-Leste se ia resolver. Não se resolveu coisa nenhuma. Fizeram-se os discursos necessários, deram-se os abraços e as congratulações naturais, e tudo voltou aonde já tinha estado. Ou donde, aliás, não tinha saído nunca. Costumo dizer sobre o Prémio Nobel — e sem cinismo nenhum — que a única coisa que muda é a conta bancária de quem o ganhou.

— Na suposição de que o Saramago ganharia o Nobel, como é que gastaria o dinheiro (quase um milhão de dólares)?

- Creio que para resolver os problemas de umas quantas pessoas que nos estão próximas (de mim e da Pilar). E, tendo a idade que tenho, quereria deixar mais seguro o futuro da Pilar. Não faria viagens porque já as faço, não compraria uma casa porque já a tenho e gosto muito dela, não compraria carros porque não os tenho e não os quero. Penso que a minha vida não se modificaria nada. Tal como não se modificou com o relativo à-vontade material em que vivo. Não tenho dívidas, vivo dos meus livros, não tenho bens de outra natureza. A casa onde vivo foi feita com livros, de alto a baixo. Se acontecesse essa espécie de milagre do Nobel, a conta bancária ganharia com isso, mas a minha vida não se modificaria nada.

(Rodrigues da Silva, 26.3.97)

Parabéns José Saramago



JL

JOSÉ SARAMAGO/NOBEL 98

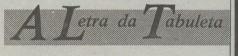
A COLABORAÇÃO NO JL

Os sujeitos normais

José Saramago tem uma significativa e constante presença nas páginas do JL — quer pela qualidade e difusão da sua obra, quer pela regularidade com que neste últimos 20 anos publicou novos livros, quer porque sempre distinguiu este jornal, consciente do que ele significa para a literatura e cultura de língua portuguesa. De tal modo que ele é um dos escritores — se não o escritor — a que o JL dedicou mais textos ensaísticos e críticos, entrevistas (que noutras páginas recordamos), etc.

Mas o agora Nobel da Literatura foi também nosso colaborador. E em Março de

1986 passou a assinar uma coluna/crónica, *A Letra da Tabuleta*, que aliás a escrita de novas obras e a sua crescente





proojecção internacional fariam com que não tivesse longa vida. Aqui se lembram e reproduzem duas daquelas crónicas, uma delas (*Os sujeitos normais*) a primeira, um ensaio sobre a Europa, em certa época um dos seus temas predilectos, e um texto sobre a Blimunda, de *O Memorial do Convento*, e o facto de Azio Gorghi ter escolhido o seu nome para a ópera cujo libreto foi tirado do romance

ei de um poeta a quem muitas vezes sucedeu não ser capaz de principiar o poema sem primeiro passar os olhos por versos doutros parceiros na arte, tendo, evidentemente, o cuidado de escolhê-los bons, para não correr perigo de contaminações mórbidas, isto é o que eu julgo. Compa-

rando depois o que ele escrevera com o que tinham composto os colegas, via-se que não ficara o menor sinal de imitação, nenhum vestígio residual do estro alheio, nenhuma certificada metáfora que, transportada para o novo viveiro, ali ficasse a emitar plágio e ladroíce. Este de quem falo, poeta, se não me engana a amizade que lhe tinha, queria só aquecer a inspiração fria ao braseirinho ao alto lume que na página lida ardia inextinguível, ateado por mais criadoras mãos, da espécie prometaica. Se todos aprendemos com todos, não se atirem pedras à inocência. Estou eu hoje como ele, ao pousar o pé no poial desta porta, com a diferença de não ter recorrido a qualquer estímulo poéti-

co, apenas à memória que felizmente conservei duma entrevista

publicada, passaram várias semanas, nas páginas deste jornal. O

perguntador era Jorge Listopad, homem de mil e um talentos, perfeitos e acabados, a das respostas era Teresa Gouveia, secretária de Estado da Cultura, de escassos cabedais no orçamento; mas vontade declarada de os fazer render. A um e a outro.

graças. Porém, por mais que a gente faça nunca conseguirá evitar os poréns, estas bem intencionadas almas vieram a definir, no decorrer das amenidades com que me entretiveram e ilustraram em duas plenas laudas, vieram a definir, dizia eu, conceitos de normalidade que não só vão contra os verbetes do dicionário como revolucionam de alto a baixo a prática social, o que, apresso-me a esclarecer, não é, em sí mesmo, defeito. Eu próprio me considero um aceitável infractor de regras, e, quanto a revoluções, se alguma pena tenho é de não saber fazê-las.

Lá para o final da entrevista, veio à baila, vem sempre, a célebre questão de convir ou não convir que o escritor seja um profissional da suas letras. Não convém, concluiram, em coro, Jorge e Teresa, em comovente unanimidade, raríssima nesta espécie de pequenas guerras surdas que são as entrevistas. Não convém, porquê? Não convém porque não é normal, remataram. E até o Alexandre tem um poema em que diz isso mesmo, acrescentou um deles, esmagando qualquer atrevimento sindical e reivindicativo com a maca, a persuasão e a autoridade do poeta, o qual, seja dito a quem não estiver nos segredos da nomenclatura e no circuito das confidencialidades, não é o Magno, nem o Herculano, nem o Conceição, nem o Vargas, mas o O'Neill. Admitiam, em todo o caso, entrevistador e entrevistada, generosamente, que um subsídio, digamos que por ano, poderia ser concedido ao autor escritor, não sei bem se para começar ou concluir um livro, que tanto custa uma coisa como outra. Mas, esgotado o prazo liquidada a tença, deveria o escritor regressar à situação de sujeito normal, isto é, à ocupação de empregado de alguém e à devoção exasperada da escrita, à rotina do carimbo e ao sofrimento de ver fugir-lhe uma ideia porque não está na hora de ter ideias.

No dicionário e na sociedade, normal é o que é conforme à norma ou regra comum. Normal, por suposto, é trabalhar nos dias úteis e descansar no fim da semana, divino exemplo também normal deverá ser viver do seu trabalho, e norma não seria certamente aquele operário que de segunda-feira a sexta-feira fizesse não se sabe o quê, para depois, ao domingo, ir trabalhar na oficina, isto lhe bastando para ser e dizer-se serralheiro. Mas, para Jorge e Teresa, o escritor só será um sujeito normal se for, se aceitar ser, se incongruentemente preferir ser como este impossível serralheiro, em vez de, como felizmente as coisas se passam na realidade do operário, proclamar a exclusividade da profissão, com a consequente aplicação total da vontade e dos talentos, o desejo de aperfeiçoamento, o apuramento das técnicas, a fadiga do trabalho de que se gosta, a alegria dolorosa de permanecer por algum tempo na pequena obra feita, essa que não fomos capazes de fazer melhor.

Eu me confesso, pois, anormal. Vivo e quero viver do meu trabalho de escritor, reclamo esse direito e aceito esse dever. E levo às coisas ao ponto de colocar no alto desta páginas, como compromisso e anúncio, quatro palavras de tão curto voo, tão pacificamente artesanais — a letra da tabuleta. A letra é a do escritor a tabuleta é a do ofício. Pago pontualmente os meus impostos, façam portanto o favor de respeitar este operário.

JOSÉ SARAMAGO

(JL, 10.3.86, primeira das crónicas A Letra da Tabuleta)

Caboverdiando

cronista, enfim, foi a Cabo Verde. Quando partiu, sabia tudo: agora que regressou, dá balanço às melhorias e encontra-se apenas com o que aprendeu. Nos tempos pueris e felizes da História e Geografia, disseramlhe os professores que as ilhas eram dez, com seus nomes salgados e santificados, ardentes e bravios, de mês florido e horizonte, e se dispunham no mar por barlavento e sotavento, palavras de náutica veleira que hoje usamos pouco. Quanto aos seus descobridores, ou achadores, parecia que as brumas do pátrio hino, que então aprendíamos também, haviam invadido a memória dos mestres, e tanto nos falavam do veneziano Cadamosto como do genovês Nola, com uns portugueses naturais de permeio, Vicente Dias, Diogo Gomes e Diogo Afonso, mas com poucas certezas. Esta ciência onomástica e toponímica sobejava para a provação final, se as quatro operações aritméticas, ou os quebrados e decimais, por mal dominados, não indispusessem contra nós o benévolo júri. O cronista, que nunca foi forte em números, escapou por uma unha negra e saiu distinto.

Viveu o cronista uma longa vida sabendo de Cabo Verde tudo, que mesmo alguns conhecimentos novos, por ouvir dizer ou ver de largo, não passavam de sublinhados e meros acrescentos. É certo que se iniciara nos embalos da morna e no frémito da coladeira, sem praticar, e lera os autores, pois claro, achando, muito no segredo do seu sentido crítico, que escreviam bons livros portugueses com temas cabo-verdianos, o que, sendo tanto, lhe deixava na boca um saber a pouco. E havia o crioulo, essa língua que faz dos portugueses uns seres ansiosos, porque tão depressa parece entregar-se à nossa compreensão como logo se escapa, ritmo de cobra e água viva que afinal o nosso corpo dificil não foi capaz de acompanhar. Numa palavra, e com perdão da redundância, o cronista, de Cabo Verde, não sabia nada. E agora, que sabe? Não muito, só uma leve tinta luminosa, um som de vozes que falando cantam, um jeito inesperado de sorrir, um vento poderoso, uma pedra que não acabará de partir-se, uma floresta em botão, um mar inextinguível, uma nuvem cruel, um campo de martírio, um sonho de quem abriu os olhos, uma esperança feita de razão prática, uma força tão paciente como a montanha. Traduzindo em vulgar, quer dizer que conheci em Cabo Verde uma gente sensível, acaso susceptível, mas sem o mínimo sinal de sobranceria no orgulho, com um sentido de independência pessoal e nacional que nem parece deste tempo, e, oh surpresa magnifica, capaz da mais ácida auto-ironia, dessa

maneira temperando o que haja de excessivo nos defeitos em que se reconheça ou nas virtudes de que se louve.

Vi a terra e conheci as pessoas. Tremi de comoção real, não literária, diante de serras que são como espinhaços, arestas e armaduras de dinossauros, experimentei porventura nas minhas próprias células a secura que se diria sem remédio das encontas varridas pelo vento, e quase pedi em altos gritos uma epopeia que fossem heróis as mulheres e os homens que, montanha acima, assentavam pedra sobre pedra com as mãos nuas, construindo os muros que hão-de reter as águas, quando elas caírem do céu violento e destruidoras. São paredes de pedra seca, quilómetros, sem argamassa, erguidas com uma ciência de engenharia popular que a tecnologia moderna respeitou e aproveita. E vi árvores ainda rasteiras que lutam contra o vento, e as outras, maiores, que inclinando-se o acompanham, o deixam correr ao longo dos ramos, enganando-o. E o chão pedregoso já preparado para receber as plantações novas, logo às primeiras chuvas, quando milhares de homens e mulheres vierem cobrir estes montes como um formigueiro, abrindo as covatas, confortando a raiz, aprumando o caule tenro que srá firmeza e tronco. Cabo Verde fabrica o seu próprio chão, inventa a sua própria água, repete dia por dia a criação do mundo.

A COLABORAÇÃO

Porém, se uma simples pessoa não cabe numa crónica, como caberiam um povo e um país? Percorro as ilhas, subo aos píncaros onde as nunvens se rasgam e refazem, entro em águas tépidas e banho-me nelas, falo aos que me escutam, ouço, ouço muito, traduzem-me o crioulo que entendo mal, deixo-me fascinar pelo relato simultaneamente político e picaro do dirigente duma cooperativa, dou atenção às explicações de delegados do governo apaixonados pelo seu trabalho municipal, visito o cemitério de Tarrafal e o que foi campo ce concentração, reprimo uma soluco seco, entro numa roda de criancas, bebo um grogue e sinto-me como se tivesse mergulhado na garrafa, pergunto preços no mercado, folheio livros no Instituto, torno a falar, torno a ouvir, sei a que sabem mornas cantadas e tocadas lá, vejo dançar e envergonho-me, converso com Baltasar Lopes, recebo lição de Félix Monteiro, aceito um cachimbo que mestre Pulu me oferece, só pode ser o da paz, exprimo respeito e admiração em oficinas de artesanato real, observo os gestos dos aprendizes e dos que os ensinam, digo o que penso deste barro, desta pintura, desta tapeçaria, discuto uma arquitectura com o arquitecto que esplendidamente a concebeu, louvo a pedra escolhida e o goso de a ter escolhido, entro devagarinho no debate do crioulo e do português, entusiasmo-me e dou opinião, começo a compreender algumas razões, conheço gente dos jornais, da rádio e da televisão que faz humor com as suas próprias dificuldades e insuficiências, já esqueci tudo quanto julgava saber, agora estou nas primeiras letras deste alfabeto singular, e se não passar no exame com distinção é só porque continuo fraco em números: por exemplo, custa-me explicar como podem ter trezentos mil a força e a coragem de três milhões.

Não, não é verdade que tenha esquecido tudo: ainda sei que as ilhas são dez. Quanto a descobridores, acho que deveria acrescentar o meu nome àqueles cinco que entraram na História, e com mais fortes argumentos, se me autorizam a imodéstia. Eles não fizeram mais do que achar uma ilhas desertas, eu descobri am mundo nelas.

JOSÉ SARAMAGO



JOSÉ SARAMAGO NO CONVENTO DE MAFRA, PERSONAGEM NUCLEAR DO SEU MEMORIAL

(JL, 11.5.86)

Europa sim, Europa não

Algumas vezes este romancista, preso nas malhas da ficção que ia tecendo, chegou a imaginar-se transportado na delirante jangada de pedra em que transformara a Península Ibérica, flutuando sobre o mar atlântico, a caminho do Sul e da Utopia. A peculiaridade da alegoria era transparente:

embora prolongando algumas semelhanças com os motivos do mais comum dos emigrantes que parte para outras terras a buscar a vida, prevalecia, neste caso, uma definitiva e substancial diferença, a de viajarem também comigo, na migração inaudita,

o meu próprio país, todo ele, e, sem que aos espanhóis tivesse pedido a devida licença, portanto sem autorização nem procuração, a Espanha. Ora, embalado nestas minhas imaginações, notava eu que não tinha parte nelas qualquer sentimento de pesar, de tristeza, de aflição mais ou menos pânica, ou, para tudo dizer na inevitável portuguesa, saudade. Compreender-se-á já porquê. È certo que, pelos vistos irremediavelmente, me ia afastando da Europa, mas os tecidos vitais da barca imensa que me levava continuavam a alimentar as raízes da minha identidade própria e da minha pertença colectiva: logo, não encontrava causa para chorar um bem perdido, se realmente podia ser assim designado o que antes ganho não fora, mesmo tendo tão pouco de bem.

Para não cairmos nos braços da banalidade e da redundância não nos fatigaremos a repetir aqui o longuíssimo catálogo das maravilhas europeias, desde os gregos e latinos até aos felizes dias de

hoje. Por de mais sabemos que a Europa é madre ubérrima de culturas, farol inapagável da civilização, lugar onde haveria de instituir-se o modelo humano que, seguramente, mais próximo estará do projecto que Deus tinha em mente quando colocou no paraíso o mais antigo exemplar da espécie. Pelo menos é desta

idealizada maneira que os europeus costumam ver-se ao espelho de si mesmos, e essa é a resposta servil que a si mesmos invariavelmente dão: «Sou eu o que de mais belo, de mais inteligente e de mais culto a Terra produziu até agora.» Dito o que seria a altura de começar a redigir a decerto não menos longa acta dos desastres e horrores europeus, que acabaria por levarnos à deprimente conclusão de que a famosa batalha celeste, afinal, foi ganha por Lucifer e que o único habitante do paraíso teria sido a serpente, encarnação tangível do mal e seu emblema gráfico, que não precisou de macho, ou de fêmea, se macho era, para proliferar em número e em qualidade. Não faremos pois a

Não haverá no futuro uma nova Europa se esta não se instituir frontalmente como entidade moral, e também não haverá se não for abolido, mais do que os egoísmos nacionais, que tantas vezes não passam de meros reflexos defensivos, o preconceito da prevalência ou da subordinação das culturas.



acta, como não fizemos o catálogo. Antes cobriremos piedosamente o espelho para que não venha a ser pronunciada sequer a primeira palavra da resposta.

E agora basta de escatologias e ficções. De um ponto de vista ético abstracto, a Europa não tem mais culpas no cartório da História que outra qualquer região do mundo onde, hoje e ontem, por todos os meios, se tenham disputado o poder e a hegemonia. Mas a ética, exercendo-se, como no-lo está dizendo o senso comum, sobre o concreto social, é porventura a menos abstracta de todas as coisas e, ainda que variável no tempo e no espaço, permanece como uma presença calada e rigorosa que, com o seu olhar fixo, nos pede contas todos os dias. Suponho que estamos vivendo o tempo em que a Europa terá de apresentar a juízo o balanço da sua gestão, se não quer prolongar, com o requinte de processos que os modernos meios de comunicação de massa permitem, o seu pecado ou vício maior, que é a

existência de duas Europas, a central e a periférica, mais o consequente lastro histórico da injustiça, discriminações e ressentimentos. Já não falo das guerras, das invasões, dos genocídios, das eliminações selectivas, falo sim da ofensa grosseira que é, para além dessa espécie de deformação congénita denominada eurocentrismo, aquele outro comportamento aberrante que consiste em ser a Euopa eurocêntrica em relação a si mesma. Para os Estados europeus ricos e, segundo opinião narcísica em que se comprazem, culturalmente superiores, o resto da Europa é algo vago e difuso, um pouco exótico, um pouco pitoresco, merecedor, quando muito, da atenção da antropologia e da arqueologia, mas onde, apesar de tudo, contando com as adequadas colaborações locais, ainda se podem fazer alguns bons negócios. Ora, não haverá no futuro uma nova Europa se esta não se instituir frontalmente como entidade moral, e também não haverá se não for abolido,

mais do que os egoísmos nacionais, que tantas vezes não passam de meros reflexos defensivos, o preconceito da prevalência ou da subordinação das culturas. Tenho obviamente presente a importância dos factores económicos, militares e políticos na formação das estratégias continentais e seu enquadramento

ENTREVISTA

nas geoestratégias globais, mas, sendo por fortuna ou desfortuna homem de literatura, é meu dever imediato lembrar que as hegemonias culturais de hoje resultam, fundamentalmente, de um processo duplo e cumulativo de evidenciação do próprio e de ocultação do alheio que teve artes de impor-se como inelutável, quase sempre, pela resignação, quando não pela cumplicidade das próprias vítimas. Nenhum país, por mais rico e poderoso que seja, deveria poder arrogar-se uma voz mais alta. E, já que de culturas estamos falando, também nenhum país ou grupo de países, tratado ou pacto, deveria propor-se como mentor ou guia dos restantes. As culturas, comece a Europa por entendê-lo, e entendido tente ficar de uma vez para sempre, não são melhores nem piores, não são mais ricas nem mais pobres, são, simplesmente e felizmente, culturas. Ai, valem-se umas às outras, e é só pela diferença, assumida e aprofundada, que se acharão justificadas. Não há, e esperemos que não venha a haver uma cultura una e universal. A Terra, sim, é única, mas o homem não. Cada cultura é em si mesma, um universo comunicante: o espaço que as separa umas das outras é o mesmo espaço que as liga, como o

mar aqui na Terra, separa e liga os continentes. Esse romance [Jangada de Pedra] em que afasto a Península Ibérica da Europa, não precisaria dizê-lo, é o efeito último de um ressentimento histórico. Provavelmente só um português poderia ter escrito este livro. Mas o seu autor declara que estaria pronto a fazer regressar do mar a errante jangada, depois de alguma coisa ter aprendido nesta navegação, se a Europa, reconhecendo-se incompleta sem a Península Ibérica, fizesse pública confissão dos erros cometidos, injustiças e desprezos. Porque, enfim, se de mim se espera que ame a Europa como à minha própria mãe, o mínimo que lhe posso exigir é que a ame a todos os seus filhos por igual e, sobretudo que por igual os respeite a todos.

JOSÉ SARÁMAGO (JL, 10.1.89)

BLIMUNDA

Um nome habitado pelo som desgarrador do violoncelo

Muitas vezes me perguntei: porquê este nome? Recordo-me de como o encontrei, percorrendo com um dedo minucioso, linha a linha, as colunas de um vocabulário onomástico, à espera de um sinal de aceitação que haveria de começar na imagem decifrada pelos olhos para ir consumar-se, por ignoradas razões, numa parte adequadamente sensível do cérebro. Nunca, em toda a minha vida, nestes quantos milliares de dias e horas somados, me encontrara com o nome de Blimunda, nenhuma mulher em Portugal, que eu saiba, se chama hoje assim. E tão-pouco é verificável a hipótese de tratar-se de um apelativo que em tempos tivesse merecido o favor da família e depois caísse em desuso: nenhuma prsonagem feminina da História do meu país, nenhuma heroína de romance ou figura secundária levou alguma vez tal nome, nunca estas três sílabas foram pronunciadas à beira duma pia baptismal ou inscritas nos arquivos do registo civil. Também nenhum poeta, tendo de inventar para a mulher amada um nome secreto, se atreveu a chamar-lhe Blimunda.

Tentando, nesta ocasião, destrinçar aceitavelmente as razões finais da escolha que fiz, seria uma primeira razão a de ter procurado um nome estranho e raro para dá-lo a uma personagem que é, em si mesma, estranha e rara. De facto, essa mulher a quem chamei Blimunda, a par dos poderes mágicos que transporta consigo e que por si só a separam do seu mundo, está constituída, enquanto pessoa configurada por uma personagem, de maneira tal que a tornaria **inviável**, não apenas no distante século XVIII em que a pus a viver, mas também no nosso próprio tempo. Ao **ilogismo** da personagem teria de corresponder, necessariamente, o próprio ilogismo do nome que lhe ia ser dado. Blimunda não tinha outro recurso que chamar-se Blimunda.

Ou talvez não seja apenas assim: regressando ao vocabulário, e mesmo sem recair em excessos de minúcia, posso observar como abundam os nomes de pessoas extraordinários e extravagantes, que ninguém hoje quereria usar e antes só excepcionalmente, e contudo não foi a nenhum deles que escolhi: rareza e estranheza não seriam, afinal, condições suficientes.

Que outra condição, então, que razão profunda, porventura sem relação com o sentido inteligível das palavras, me terá levado a eleger esse nome entre tantos? Creio que sei hoje a resposta, que ela me acaba de ser apontada por esse outro misterioso caminho que terá levado Azio Gorghi a denominar **Blimunda** uma ópera extraída de um romance que tem por título *Memorial do Convento:* essa resposta, essa razão, acaso a mais secreta de todas chama-se Música. Terá sido, imagino, aquele som desgarrador de violoncelo que habita o nome de Blimunda, profundo e longo, como se na própria alma humana se produzisse e manifestasse, que me levou, sem nenhuma resistência, com a humildade de quem aceita um dom de que não se sente merecedor, a recolhê-lo num simples livro, à espera, sem o saber, de que Música viesse recolher o que é sua exclusiva pertença: essa vibração última que está contida em todas as palavras e em algumas magnificamente.

JOSÉ SARAMAGO

APE
ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
de ESCRITORES

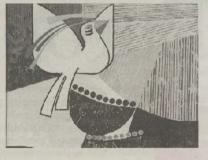
(JL, 15.5.90)

A Associação Portuguesa de Escritores, que foi proponente da candidatura de José Saramago ao Nobel, exprime o seu júbilo pela atribuição do Prémio ao grande escritor por si distinguido, em 1992, com o Prémio Vida Literária, mediante deliberação unânime da Direcção.

Felicitando vivamente José Saramago, cujo singularíssimo mérito acaba de ser destacado pela Academia de Estocolmo e há muito se achava reconhecido e celebrado pela Comunidade dos Leitores das Sete Partidas, a APE congratula-se igualmente com o facto de este momento de triunfo pessoal contribuir igualmente para um conhecimento cada vez maior da literatura portuguesa no mundo.

SEARA NOVA

N.º 61 JUL./SET. 98



REGIONALIZAÇÃO E REFERENDO

Colaboração de Ulpiano Nascimento, Blasco Hugo Fernandes, Roque Amaro, Luís Sá, Simões Lopes, Santos Neves, Ramires Fernandes e Hasse Ferreira.

> HUMBERTO DELGADO E AS ELEIÇÕES DE 58

texto de José Luís Nunes, Carlos Candal e Medeiros Ferreira

E OUTROS ASSUNTOS DE INTERESSE DA VIDA NACIONAL E INTERNACIONAL

À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS Seara Nova

RUA PASCOAL DE MELO, 70-1.° — 1000 LISBOA — TEL. 3555407

NO JL A SUA PUBLICIDADE LÊ-SE



Se procurarmos nas Letras uma figura representativa de certas formas superiores da nossa mentalidade seiscentista, o nome que ocorre naturalmente é o do padre António Vieira, jesuíta, pregador, missionário, diplomata, político e profético utopista.

Edição de 10 000 exemplares, numerados e autenticados pelos CTT Correios de Portugal, contendo 2 selos sobre o tema.

CTT CORREIOS DIRECÇÃO DE FILATELIA

Av. Casal Ribeiro, 28 1049 LISBOA CODEX

um exclusivo do

CLUBEDO

Terra do Pecado

Os Poemas Possíveis

Provavelmente Alegria

Deste Mundo e do Outro

A Bagagem do Viajante

As Opiniões Que o DL Teve

O Ano de 1993

Os Apontamentos

Manual de Pintura e Caligrafia

Objecto Quase

Prémio Scanno de Literatura (Itália), 1998

Poética dos Cinco Sentidos (obra colectiva): O Ouvido

A Noite

Considerada pela Associação de Críticos Portugueses a melhor peça de teatro portuguesa representada em 1979 (ex aequo)

Levantado do Chão

Prémio Cidade de Lisboa, 1980 Prémio Internacional Ennio Flaiano (Itália), 1992

Que Farei com Este Livro?

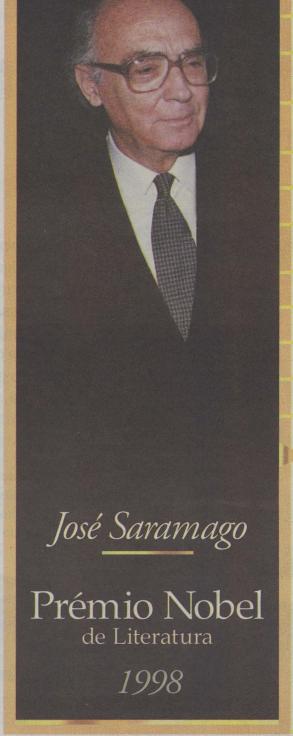
Viagem a Portugal

Memorial do Convento

Prémio PEN Club Português, 1982 Prémio Literário Município de Lisboa, 1982

O Ano da Morte de Ricardo Reis

Prémio PEN Club Português, 1984 Prémio da Crítica, da Associação Portuguesa de Críticos Prémio Dom Dinis, da Fundação da Casa de Mateus, 1986 Prémio Grinzane-Cavour (Itália), 1987 Prémio do jornal The Independent (Inglaterra), 1993



A Jangada de Pedra

A Segunda Vida de Francisco de Assis

História do Cerco de Lisboa

O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Grande Prémio da APE, 1992

In Nomine Dei

Grande Prémio de Teatro APEISEC, 1992

Cadernos de Lanzarote. Diário — I

Cadernos de Lanzarote. Diário — II

Ensaio Sobre a Cegueira

Prémio Arcebispo Juan de San Clemente (Espanha), 1998

Cadernos de Lanzarote. Diário — III

Cadernos de Lanzarote. Diário — IV

Todos os Nomes

Cadernos de Lanzarote. Diário — V

Prémios pelo conjunto da obra:

Prémio Internacional Literário Mondello (Itália), 1992

Prémio Brancati (Itália), 1992

Prémio Vida Literária (Portugal), 1993

Prémio Consagração SPA (Portugal), 1995

Prémio Camões, 1995

Prémio Rosalía de Castro (Espanha), 1996

Prémio Nacional de Narrativa Città di Pienne (Itália), 1998

Prémio Europeu de Comunicação

Jordi Xifra Heras (Girona), 1998

Prémio Nobel de Literatura, 1998

José Saramago

Levantado do Chão

CAMIN-IO

José Saramago

Memorial do Convento

CAMIN-IO

José Saramago

O Evangelho segundo Jesus Cristo

CAMIN-10

José Saramago

Ensaio sobre a Cegueira

CAMIN-IO

José Saramago

Todos os Nomes

CHANNO

José Saramago

Cadernos de Lanzarote

> CAMBA-HO u Camper da Balones

Alameda de Santa António dos Capuchas, 6-B, 1150, Lisboa — Portugal Telefone 01. 315 26 83 Fax 01. 353 43 46 www.editorial-caminho.pt CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler